

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

NAYANA PIRES DA SILVA RODRIGUES

**AQUISIÇÃO DA CATEGORIA FUNCIONAL ASPECTO NO PORTUGUÊS DO
BRASIL À LUZ DA TEORIA CARTOGRÁFICA**

Rio de Janeiro

2023

NAYANA PIRES DA SILVA RODRIGUES

**AQUISIÇÃO DA CATEGORIA FUNCIONAL ASPECTO NO PORTUGUÊS DO
BRASIL À LUZ DA TEORIA CARTOGRÁFICA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Leitão Martins

Rio de Janeiro

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

R696a Rodrigues, Nayana Pires da Silva
AQUISIÇÃO DA CATEGORIA FUNCIONAL ASPECTO NO
PORTUGUÊS DO BRASIL À LUZ DA TEORIA CARTOGRÁFICA /
Nayana Pires da Silva Rodrigues. -- Rio de Janeiro,
2023.
187 f.

Orientadora: Adriana Leitão Martins.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Linguística, 2023.

1. aquisição de linguagem. 2. aspecto. 3.
português do Brasil. 4. estudo longitudinal. 5.
produção linguística. I. Martins, Adriana Leitão ,
orient. II. Título.

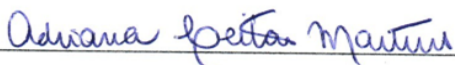
**AQUISIÇÃO DA CATEGORIA FUNCIONAL ASPECTO NO PORTUGUÊS DO
BRASIL À LUZ DA TEORIA CARTOGRÁFICA**

Nayana Pires da Silva Rodrigues

Orientadora: Professora Doutora Adriana Leitão Martins

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Examinado por:



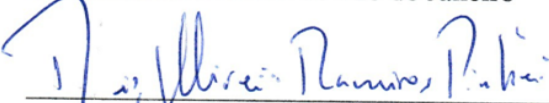
Presidente Professora Doutora Adriana Leitão Martins

Universidade Federal do Rio de Janeiro



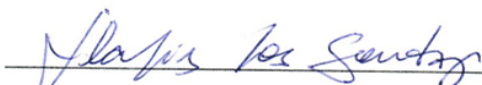
Professora Doutora Ana Regina Vaz Calindro

Universidade Federal do Rio de Janeiro



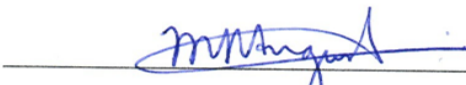
Professor Doutor Diogo Oliveira Ramires Pinheiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro



Professora Doutora Gladis dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro



Professora Doutora Marina Rosa Ana Augusto

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Professor Doutor Alessandro Boechat de Medeiros – suplente
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora Doutora Fernanda Duarte Senna – suplente
Universidade Federal do Rio de Janeiro

À Therezinha (*in memoriam*) e Hamilton (*in memoriam*) que nunca permitiriam que eu desistisse dos meus objetivos (inclusive deste).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, devo agradecer a Deus e a todos os Orixás que me deram a oportunidade de estar terminando mais uma fase importante da minha vida mesmo depois de tantos obstáculos.

Em segundo lugar, devo agradecer à minha mãe e à minha irmã que me deram todo o apoio que puderam nesse momento tão emocionante. Também não posso deixar de agradecer a aqueles não estão mais neste plano mas que contribuíram com tudo que puderam e mais um pouco para que esse trabalho fosse finalizado. Obrigada, vó. Obrigada, vô.

Não posso deixar de agradecer à minha incrível orientadora por toda compreensão, carinho e agilidade para corrigir todo esse material. Desejo, do fundo do meu coração, que nossa parceria não acabe aqui.

Também devo agradecer a Juju Nespoli, Fernanda Machado e Matheus Alves por todo o apoio que compartilhamos nesse período. Vocês são amigos, pesquisadores e professores incríveis. Os dias de glória vão chegar para vocês trazendo tudo que vocês merecem logo logo.

Graças a CAPES, pude me dedicar exclusivamente à produção deste trabalho. Passamos por momentos bem difíceis nesse período, não foi? Mas olha só pra nós: Mais fortes do que nunca. Viva a pesquisa brasileira!

Não poderia deixar de agradecer aos responsáveis pelas crianças que, além de me darem a permissão de estudar seus filhos, também tiveram que participar ativamente desta pesquisa. E, claro, não posso deixar de agradecer a Juliana Nunes e a Camila por terem me ajudado nas transcrições. Sem vocês, não haveria pesquisa! Muito obrigada de coração!

E pra você que chegou até aqui porque também está pesquisando, cuide da sua saúde mental!

“Quando você ficar triste, que seja por um dia

E não o ano inteiro

E que você descubra que rir é bom

Mas que rir de tudo é desespero

Desejo que você tenha a quem amar

E quando estiver bem cansado

Ainda exista amor pra recomeçar

Pra recomeçar”

(Amor pra Recomeçar - Frejat)

RESUMO

RODRIGUES, Nayana Pires da Silva. **Aquisição da categoria funcional aspecto no português do Brasil à luz da teoria cartográfica**. Rio de Janeiro, 2023. 187f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Esta tese tem como objetivo investigar como ocorre a aquisição morfosintática dos subtipos de aspecto completivo, prospectivo, progressivo, aproximativo, retrospectivo, imperfectivo, continuativo, terminativo, acelerativo e repetitivo propostos por Cinque (1999, 2006) no português do Brasil (doravante PB). Esperamos, dessa forma, contribuir para a descrição do processo de aquisição linguística de aspecto e para ampliação de estudos em teoria de aspecto. A hipótese adotada nesta pesquisa é de que a realização morfosintática dos aspectos propostos por Cinque (1999, 2006) na produção linguística de crianças adquirindo o PB segue a ordem hierárquica dos sintagmas a eles relacionados na hierarquia estrutural, sendo produzidos primeiramente os aspectos alocados em sintagmas mais baixos e posteriormente aqueles alocados em sintagmas mais acima dessa hierarquia. A fim de atingir o objetivo delineado, realizamos um estudo múltiplo de caso de caráter qualitativo, com coleta de dados feita longitudinalmente por meio de gravações da fala espontânea e semiespontânea de três crianças adquirindo o PB. Como resultado, temos uma discrepância na ordem de produção dos tipos de aspecto entre as três crianças participantes do estudo. Logo, não pudemos nem refutar e nem confirmar a hipótese adotada. Apesar disso, foi verificado que os primeiros subtipos de aspecto produzidos por todas as crianças analisadas estavam realizados em sentenças que codificavam situações que estavam ocorrendo no momento de fala ou que tinham ocorrido em um momento próximo ao de fala (subtipos progressivo e perfeito), ratificando a proposta de Weist (1986) de que as primeiras produções das crianças codificam sobretudo o “aqui e agora”.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; aspecto; português do Brasil; estudo longitudinal; produção linguística.

ABSTRACT

RODRIGUES, Nayana Pires da Silva. **Acquisition of the aspect functional category in Brazilian Portuguese based on the cartographic theory**. Rio de Janeiro, 2023. 187f. PhD Dissertation (Doctorate in Linguistics) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This PhD dissertation aims to investigate how the morphosyntactic acquisition of the completive, prospective, progressive, approximative, retrospective, imperfective, continuative, terminative, accelerative and repetitive aspect subtypes, proposed by Cinque (1999, 2006), occurs in the Brazilian Portuguese (henceforth, BP). By doing so, we expect to contribute to the description of the linguistic acquisition of aspect and to the extension of studies on the theory of aspect. The hypothesis adopted in this research is that the morphosyntactic realization of the aspect subtypes proposed by Cinque (1999, 2006) in the children acquiring BP's linguistic production follows the hierarchical order of phrases related to the mentioned aspects in the structural hierarchy, being firstly produced the aspects related to phrases lower in this hierarchy and later those related to phrases higher in this hierarchy. In order to achieve the goal of this research, we conducted a multiple case study of a qualitative nature, with data collection longitudinally done through recordings of spontaneous and semi-spontaneous speech of three children that were acquiring BP. As a result, we had a discrepancy in the order of the production of the aspect subtypes among the three children who took part in the study. Therefore, we could neither refute nor confirm the adopted hypothesis. Despite that, we verified that the first aspect subtypes produced by all the analyzed children were present in sentences which conveyed situations which were occurring at the moment of speech or that had occurred at a moment close to the moment of speech (progressive and perfect subtypes), confirming Weist (1986)'s proposal that the first productions of children specially codify the "here and now".

Keywords: language acquisition; aspect; Brazilian Portuguese; longitudinal study; speech production.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação de tempo (Comrie, 1985, p.2).....	21
Figura 2: Esquema de classificação do aspecto gramatical (Comrie, 1985, p.25).....	27
Figura 3: Representação estrutural contemplado o sintagma aspectual AspP (Koopman; Sportiche, 1991, p.233, adaptado).....	56
Figura 4: Representação estrutural dos sintagmas referentes às categorias funcionais aspecto, tempo, modo e voz (Cinque, 1999, p.106, adaptado).....	58
Figura 5: Representação estrutural dos sintagmas referentes às categorias funcionais aspecto, modo e voz (Cinque, 2006, p.93, adaptado).....	59
Figura 6: Representação estrutural proposta por Cinque (1999, 2006) com somente os sintagmas referentes aos subtipos de aspecto investigados nesta tese.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação verbal segundo Smith (1997, p.20).....	25
Quadro 2: Distribuição do advérbio <i>quickly</i> na sentença e as leituras derivadas dessas distribuições (Eszes, 2009, p.273)	48
Quadro 3: Resultados de pesquisas sobre aquisição da morfologia de perfectivo.....	92
Quadro 4: Resultados de pesquisas sobre aquisição da morfologia progressiva.....	94
Quadro 5: Classificação de aspecto semântico segundo Rothstein (2008, p.44).....	99
Quadro 6: Informantes em estágios definidos pela faixa etária (Miranda, 2018, p.109).....	103
Quadro 7: Tipos de morfologias e advérbios/expressões adverbiais produzidos por AC e as respectivas idades de produção.....	139
Quadro 8: Tipos de morfologias e advérbios/expressões adverbiais produzidos por EB e as respectivas idades de produção.....	143
Quadro 9: Tipos de morfologias e advérbios/expressões adverbiais produzidos por GR e as respectivas idades de produção.....	147

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Subtipos de aspecto produzidos por AC segundo a classificação proposta por Cinque (1999, 2006).....	114
Gráfico 2: Subtipos de aspecto produzidos por EB segundo a classificação proposta por Cinque (1999, 2006).....	115
Gráfico 3: Subtipos de aspecto produzidos por GR segundo a classificação proposta por Cinque (1999, 2006).....	116
Gráfico 4: Relação entre os subtipos de aspecto e a idade de AC.....	138
Gráfico 5: Relação entre os subtipos de aspecto e a idade de EB.....	142
Gráfico 6: Relação entre os subtipos de aspecto e a idade de GR.....	147

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 A INFORMAÇÃO ASPECTUAL DA SENTENÇA	20
2.1 CATEGORIA FUNCIONAL ASPECTO.....	20
2.1.1 Tempo	21
2.1.2 Aspecto	24
2.1.3 Aspectos gramaticais propostos por Cinque (1999, 2006)	30
2.2 HIERARQUIA SINTÁTICA DE ASPECTO	53
2.3 REALIZAÇÃO LINGUÍSTICA ASPECTUAL NO PB.....	60
2.3.1 Aspecto Completivo	60
2.3.2 Aspecto Prospectivo	62
2.3.3 Aspecto Progressivo	63
2.3.4 Aspecto Aproximativo	63
2.3.5 Aspecto Retrospectivo	64
2.3.6 Aspecto Perfeito/ Contínuo	65
2.3.7 Aspecto Continuativo	67
2.3.8 Aspecto Terminativo	69
2.3.9 Aspecto Acelerativo	70
2.3.10 Aspecto Repetitivo	72
3 AQUISIÇÃO DA CATEGORIA FUNCIONAL ASPECTO	75
3.1 HIPÓTESE INATISTA DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM.....	75
3.2 AQUISIÇÃO DE CATEGORIAS FUNCIONAIS	79
3.2.1 Hipótese Continuista	80
3.2.2 Hipótese Maturacional	85
3.3 AQUISIÇÃO DA CATEGORIA FUNCIONAL ASPECTO.....	91
3.3.1 Hipótese da Primazia do Aspecto	91
3.3.2 Aquisição do Aspecto Gramatical	100
3.3.3 Aquisição de advérbios aspectuais	103
4 METODOLOGIA	106
4.1 TIPO DE ESTUDO	106
4.2 PARTICIPANTES SELECIONADOS.....	108
4.2.1 Participante 1 – AC	109
4.2.2 Participante 2 – EB	109

4.2.3 Participante 3 - GR	110
4.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	110
4.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	111
5 RESULTADOS E ANÁLISES	113
5.1 RESULTADOS TOTAIS OBTIDOS POR CADA PARTICIPANTE.....	113
5.2 RESULTADOS OBTIDOS PARA CADA SUBTIPO DE ASPECTO	116
5.2.1 Aspecto Completivo	116
5.2.2 Aspecto Prospectivo	119
5.2.3 Aspecto Progressivo	120
5.2.4 Aspecto Aproximativo	122
5.2.5 Aspecto Retrospectivo	124
5.2.6 Aspecto Contínuo	126
5.2.7 Aspecto Perfeito	128
5.2.8 Aspecto Continuativo	129
5.2.9 Aspecto Terminativo	132
5.2.10 Aspecto Acelerativo	133
5.2.11 Aspecto Repetitivo	135
5.3 RESULTADOS LONGITUDINAIS OBTIDOS POR CADA PARTICIPANTE.....	138
5.3.1 Participante AC	138
5.3.2 Participante EB	141
5.3.3 Participante GR	145
5.4 DISCUSSÃO	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	160
REFERÊNCIAS.....	164
ANEXOS	175
APÊNDICES.....	181

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da Teoria Gerativa, os pesquisadores alinhados com essa corrente teórica investigam o processo de aquisição de linguagem, pois acreditam que esse poderia constituir uma das mais importantes evidências a favor dessa teoria. De fato, o processo de aquisição de linguagem fornece importantes evidências a favor da semelhança estrutural entre as línguas, pressuposto defendido pelos gerativistas.

Logo, Chomsky propõe a hipótese inatista de aquisição de linguagem, na qual se defende que todos os seres humanos nascem com um dispositivo inato que os permite adquirir todas e quaisquer línguas do mundo: a Gramática Universal (doravante GU). A GU seria composta pelos princípios e pelos parâmetros (Chomsky, 1981). Os princípios seriam um conjunto de regras gramaticais presentes em todas as línguas do mundo e os parâmetros seriam propriedades relacionadas às especificidades sintáticas de cada língua, proporcionando a diferenciação entre as línguas do mundo. Para cada princípio, teríamos diferentes parâmetros que devem ser fixados durante o processo de aquisição (Chomsky, 1988).

As autoras Haegeman e Gueron (1998), ao realizarem uma pesquisa comparativa entre línguas, verificaram que determinadas características presentes em uma língua pareciam estar conectadas a outras características também nela identificadas. Logo, as autoras propuseram que as diversas propriedades paramétricas estariam, na verdade, associadas à especificação de determinados traços sintáticos.

Esta tese tem como objetivo investigar o processo de aquisição dos traços sintáticos associados à(s) categoria(s) funcional(is) de aspecto. Comrie (1976) define aspecto como sendo a categoria linguística responsável pela descrição das diferentes fases temporais internas de uma situação. Segundo Smith (1997), as informações referentes aos principais tipos de aspecto gramatical estão contidas nas GU.

Comrie (1976) ainda afirma que aspecto pode ser subdividido em subcategorias, tais como os aspectos perfectivo e imperfectivo, os quais podem ser realizados morfologicamente em português, respectivamente, como observado nas sentenças “Maria comeu maçã” e “Maria comia maçã”. Cinque (1999, 2003), ao realizar uma análise comparativa entre línguas, subdivide a categoria aspecto em vinte e três subcategorias e, ainda, atribui a cada uma delas um sintagma e uma posição na hierarquia sintática da sentença.

Como esta pesquisa objetiva investigar dados oriundos de crianças em processo de aquisição de linguagem, uma análise prévia de outras pesquisas com o mesmo público foi realizada (Rodrigues, 2019; Martins e Rodrigues (no prelo) e, a partir dela, foram selecionados apenas dez dos subtipos aspectuais propostos por Cinque (1999, 2003), os quais acreditávamos que poderiam emergir na fala infantil durante o recorte temporal longitudinal selecionado para este estudo.

Logo, dos vinte e três subtipos de aspecto verificados em Cinque (1999, 2003), somente dez são analisados nesta tese, a saber: completivo, prospectivo, progressivo, aproximativo, retrospectivo, contínuo/perfeito, continuativo, terminativo, acelerativo e repetitivo. Exemplos de realizações morfossintáticas desses subtipos de aspecto no português do Brasil encontram-se expostos a seguir, respectivamente:

- (1) Sofia **terminou de** comer a maçã.
- (2) Geovana **quase** caiu da escada.
- (3) Amanda **está comendo** a maçã.
- (4) A pandemia vai acabar **logo logo**.
- (5) Karina **acabou de** chegar em casa.
- (6) Adriana **sempre** vai/foi ao cinema sozinha.
- (7) Isabel **continua** estudando cinema.
- (8) Manuel **parou de** fazer dietas malucas.
- (9) Fátima comeu o bolo **rapidamente**.
- (10) Guilherme leu ‘O Senhor dos Anéis’ **de novo**.

Segundo Cinque (1999), os sintagmas funcionais referentes aos aspectos exemplificados de (1) a (10) acima são hierarquicamente organizados de maneira que o exemplificado em (1) está mais abaixo e o exemplificado em (10) está mais acima na representação estrutural da sentença. Mais especificamente, tais sintagmas estão assim hierarquizados entre si: AspRepetitivo(IP) > AspAcelerativo(IP) > AspTerminativoP > AspContinuativoP > AspPerfeitoP¹ > AspRetrospectivoP > AspAproximativoP >

¹ Como será esclarecido no capítulo 2, AspContínuoP e AspPerfeitoP são duas maneiras de se fazer referência ao mesmo sintagma, respectivamente, em Cinque (2013) e Cinque (1999). Nesse sentido, contínuo e perfeito estão em oposição, sendo a valoração negativa e positiva, respectivamente, de um único traço contido no núcleo desse sintagma.

AspProgressivoP > AspProspectivoP > AspCompletivo(I)P > AspAcelerativo(II)P > AspRepetitivo(II)P > AspCompletivo(II)P².

Esta pesquisa utiliza dados de aquisição de linguagem para buscar entender como as categorias funcionais de aspecto encontram-se organizadas em nossa representação sintática. Guilfoyle e Noonan (1992) afirmam que os princípios e suas disponibilidades paramétricas estão presentes na gramática universal das crianças desde o nascimento, porém, para que o processo de parametrização seja efetuado, há a necessidade de maturação biológica e cognitiva por parte da criança. As autoras ainda afirmam que, nas fases iniciais de aquisição, só temos a produção de elementos pertencentes às categorias lexicais e que elementos pertencentes às categorias funcionais emergiriam na fala da criança seguindo um cronograma maturacional com a disponibilidade de sintagmas funcionais mais abaixo se dando anteriormente à daqueles mais acima na hierarquia sintática da sentença.

São diversas as pesquisas que se voltam para a aquisição de aspecto e tempo (Antinucci; Miller, 1976; Andersen, 1989; Andersen; Shirai, 1996 dentre outros), inclusive no português do Brasil (Lessa, 2015; Rodrigues, 2019; Silva; Martins; Rodrigues, 2019; dentre outros). Porém, não se verificam estudos sobre a aquisição de aspecto que se voltem para uma análise minuciosa de diferentes tipos de aspecto gramaticais, tais como aqueles apresentados em Cinque (1999, 2006) e exemplificados acima de (1) a (10).

Portanto, o objetivo geral desta tese é contribuir para a descrição do processo de aquisição linguística de aspecto e para a ampliação de estudos voltados para a teoria de aspecto. O objetivo específico é investigar como ocorre a aquisição morfossintática dos tipos de aspecto completivo, prospectivo, progressivo, aproximativo, retrospectivo, imperfectivo, continuativo, terminativo, acelerativo e repetitivo propostos por Cinque (1999, 2006) no português do Brasil. Para tanto, tomamos as produções morfológicas e/ou de advérbios/expressões adverbiais veiculadoras de cada subtipo de aspecto estudado como evidências de que esse subtipo de aspecto foi adquirido pela criança.

A fim de buscar atingir os objetivos propostos, foram coletados dados de fala espontânea de três crianças adquirindo o português do Brasil (PB) ao longo de pelo menos dez meses com gravações minimamente mensais. Baseando-nos nas propostas de

² Como também será abordado no capítulo 2 desta tese, alguns dos aspectos investigados neste estudo são representados na estrutura sintática da sentença em dois sintagmas distintos, o que justifica a inclusão aqui de, por exemplo, AspCompletivo(I)P e AspCompletivo(II)P e AspAcelerativo(I)P e AspAcelerativo(II)P.

Guilfoyle e Noonan (1992) para o processo de aquisição das categorias funcionais e na proposta hierárquica de Cinque (1999, 2006), propomos a seguinte hipótese para a aquisição do PB pelas crianças investigadas nesta tese: a realização morfossintática dos aspectos propostos por Cinque (1999, 2006) na produção linguística infantil será observada seguindo a ordem hierárquica dos sintagmas a eles relacionados na hierarquia estrutural, sendo produzidos primeiramente os aspectos alocados em sintagmas mais baixos e posteriormente aqueles alocados em sintagmas mais acima dessa hierarquia.

Esta tese está dividida em cinco capítulos. O primeiro é esta introdução. O segundo trata de questões referentes à categoria funcional aspecto que são relevantes para o entendimento do objeto de estudo em questão. O terceiro volta-se para estudos sobre a aquisição de linguagem de modo geral, e de modo específico, das categorias funcionais de tempo e aspecto. O quarto expõe a metodologia. O quinto apresenta os resultados e análises dos dados obtidos e a discussão empreendida a partir deles. Por fim, apresentam-se as considerações finais desta pesquisa.

2 A INFORMAÇÃO ASPECTUAL DA SENTENÇA

A pesquisa proposta para esta tese possui como um de seus principais pressupostos a cartografia, método de estudo diretamente ancorado na teoria gerativa. Essa teoria possui como um de seus preceitos a teoria X-barras (CHOMSKY, 1981), na qual se assume que os constituintes sentenciais são hierarquicamente estruturados em sintagmas naquilo que se convencionou chamar de “árvore sintática da sentença” e podem ser representadas na mente humana através de sintagmas. Para a posição mais forte da cartografia, a qual é assumida nesta pesquisa, essa hierarquia estrutural e a quantidade de sintagmas presentes nas línguas é universal, ou seja, são as mesmas para todas as línguas naturais. O aspecto, objeto de estudo desta tese, seria uma das categorias gramaticais presentes nas línguas que poderia ser representada através de sintagmas. Mais especificamente, o(s) sintagma(s) referente(s) à(s) categoria(s) de aspecto estaria(m) representado(s) na camada funcional da representação estrutural da sentença.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a aquisição da categoria funcional aspecto na fala de crianças adquirindo o PB. Logo, faz-se necessário abordarmos, primeiramente, as propostas de definição, classificação, representação e realização no PB dessa categoria. Esse capítulo é composto pelas seguintes seções: 2.1 Categoria funcional aspecto, 2.2 A hierarquia sintática de aspecto e 2.3 Realização linguística aspectual no PB.

2.1 CATEGORIA FUNCIONAL ASPECTO

A categoria funcional aspecto é definida por Comrie (1976, p.3, tradução nossa) como “as diferentes formas de se visualizar a constituição temporal interna de uma situação”. Autores como o próprio Comrie (1976) e Cinque (1999, 2006) dividem o aspecto em diferentes subtipos. Conforme já mencionado na introdução desta tese, esta pesquisa tem como propósito investigar a ordem de aquisição de alguns dos subtipos aspectuais propostos por Cinque (1999, 2006).

Apesar de não se constituir o foco desta pesquisa, a categoria funcional tempo possui estreita relação com a categoria funcional aspecto. Essa relação pode ser percebida, por exemplo, na própria definição de Comrie (1976) para aspecto, na qual a palavra “temporal” encontra-se presente. Outro exemplo dessa relação está no fato de algumas línguas combinarem em um mesmo morfema as informações dessas categorias

(Comrie, 1976). Isso ocorre, por exemplo, no PB, língua que é estudada nesta tese. Logo, não podemos analisar a categoria funcional aspecto sem antes abordarmos a categoria funcional tempo.

Logo, na subseção 2.1.1, analisamos a proposta de definição da categoria funcional tempo segundo Comrie (1985), na subseção 2.1.2, revisamos os achados da literatura referentes à categoria funcional aspecto e, na subseção 2.1.3, descrevemos os subtipos aspectuais propostos por Cinque (1999, 2006) que foram selecionados para esta pesquisa.

2.1.1 Tempo

Para Comrie (1985), uma forma adequada para explicar o tempo na linguagem humana seria através da representação dessa categoria funcional com uma linha reta. Nessa representação, temos como o “marco 0” o tempo presente; o tempo passado estaria convencionalmente representado à esquerda do presente e o futuro, à direita desse último. A seguir, temos a figura 1 na qual está exposta a representação de tempo proposta por Comrie (1985, p.2):

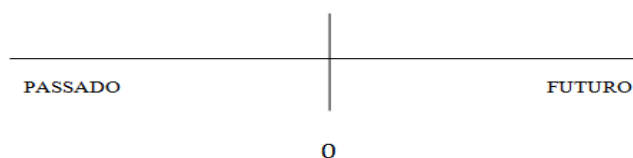


Figura 1: Representação de tempo (Comrie, 1985, p.2).

Comrie (1985) ainda afirma que, apesar de essa representação ser considerada adequada por ele, há críticas com relação a ela. Uma delas seria a de que algumas culturas não possuem conceito de tempo. O autor rebate essa crítica afirmando que o que ocorre nessas línguas é a falta de dispositivos gramaticais para expressar localizações temporais. Comrie (1985) exemplifica isso utilizando-se da ideia de que os diferentes estágios da vida do homem dependem de uma conceptualização de tempo.

Outra crítica a respeito dessa representação seria a de que algumas culturas possuem o conceito de tempo cíclico e, que, portanto, não seria adequado representar o tempo como uma linha reta, mas sim, como um círculo. Comrie (1985) rebate essa crítica afirmando que a mesma não seria relevante para sua pesquisa, já que em nenhuma língua

natural o conceito de ciclos de tempo teria relevância para a expressão de tempo como uma categoria gramatical.

O tempo pode ser manifestado linguisticamente de três modos distintos: pelas expressões lexicais, pelos itens lexicais e pelas marcações morfológicas. Essa classificação foi realizada conforme a importância de cada uma dessas expressões para a estrutura da língua (Comrie, 1985).

A maior parte das expressões de localização temporal é composta pelas expressões lexicais. Esse grupo é composto pelas expressões adverbiais, como “cinco minutos depois que João saiu” ou “10⁻⁴⁵ segundos após o Big Bang” (Comrie, 1985, p.8). Esse conjunto é potencialmente infinito em línguas que possuem recursos linguísticos para mensurar o tempo (Comrie, 1985).

Os advérbios temporais, como “agora”, “ontem” e “hoje”, constam no grupo de itens lexicais. Em algumas línguas, esse segundo conjunto pode não existir e, nesse caso, os advérbios temporais pertenceriam ao grupo das expressões lexicais compostas. Esse grupo é composto por um estoque finito de itens (Comrie, 1985).

As marcações morfológicas, com as presentes em “caiu” (pretérito perfeito) e “cai” (presente simples), compõem o grupo mais restrito e sensível dos três. A quantidade de marcações morfológicas para a categoria funcional tempo varia de língua para língua, porém, em todas elas, a possibilidade de marcações é finita (Comrie, 1985).

Uma característica importante da categoria funcional tempo é que ela é dêitica, ou seja, relaciona eventos a um ponto de referência. O centro dêítico para o tempo é um simples ponto no tempo. Comrie (1985) afirma ainda que qualquer tempo poderia ser utilizado como centro dêítico e que a combinação de mais de um centro dêítico seria necessária para tempos que possuem mais de um ponto de referência. O exemplo mais comum de um sistema dêítico é o que relaciona o “aqui e agora” (*here and now*), no qual temos o momento de fala como o momento de referência. A partir disso, o autor propõe a existência de dois tipos de tempo: o absoluto e o relativo.

O tempo absoluto é aquele que possui o momento presente como centro dêítico. Baseando-se nessa proposta, o autor define como tempos absolutos os tempos presente, passado e futuro. Vejamos a seguir alguns exemplos de sentenças veiculadoras desses três tempos, respectivamente (Comrie, 1985, p.37-44):

- (1) *I name this ship the "Titanic"*
 PRO nomear.1SG.PRS PRO navio ART *Titanic*
 'Nomeio esse navio "Titanic".'
- (2) *John was in Paris*
 João estar.3SG.PST PREP Paris
 'João esteve/estava em Paris.'
- (3) *It will rain tomorrow*
 PRO FUT chover.INF amanhã
 'Vai chover amanhã.'

Voltando à representação de tempo proposta por Comrie (1985) apresentada na figura 1, o tempo presente seria aquele que mostra situações que ocupam o "marco 0" da linha. O tempo passado, como discutido anteriormente, localiza uma situação à esquerda do "marco 0", ou seja, a situação é entendida como sendo anterior ao momento presente. Embora o passado represente algo que aconteceu antes do momento presente, a marcação morfológica desse tempo não é capaz de nos informar se a situação ocupou apenas um ponto antes do momento presente ou se ela se perdurou por um período de tempo ou se estendeu até o momento presente. Já o tempo futuro é aquele que localiza a situação à direita do "marco 0", ou seja, a situação é alocada no tempo subsequente ao momento presente.

Apesar da similaridade na forma de representação proposta por Comrie (1985) para a figura 1, o autor afirma que o tempo futuro é diferente do tempo passado. O tempo passado representa situações que já aconteceram, não podendo ser modificado, e estaria além do controle das ações no presente. O tempo futuro, pelo contrário, seria mais especulativo e poderia ser modificado. Logo, conforme afirma Comrie (1985), a diferença entre os tempos passado e presente seria de fato uma diferença entre tempos, já a diferença entre os tempos passado e presente, de um lado, e futuro, de outro, deveria ser tratada com uma diferença de modo.

Tendo abordado o conceito de tempo absoluto, discutiremos agora o conceito de tempo relativo. O tempo relativo é aquele que não possui necessariamente o momento presente como centro dêitico. Vejamos o exemplo em (4) a seguir (COMRIE, 1985, p.57):

- (4) *The passengers awaiting flight 26 proceeded to*
 ART passageiros aguardar.PROG voo 26 passar.PST PREP PREP
departure gate 5
 embarque portão 5

5.’ ‘Os passageiros que aguardavam o vôo 26 passaram para o portão de embarque

Podemos verificar na sentença em (4) que o verbo *awaiting* (aguardando) possui o mesmo tempo relativo ao do seu ponto de referência, que é dado pelo verbo *proceeded* (passaram). Esse último verbo possui o tempo absoluto passado, de modo que o verbo *awaiting* (aguardando) também é interpretado como se referindo ao passado.

Para os tempos relativos é obrigatório identificar um ponto de referência, sendo a gama de pontos de referência potenciais, em princípio, todos aqueles compatíveis com o contexto dado. O momento presente pode ser utilizado como centro dêitico, se o contexto fornecer essa informação. Logo, a diferença entre os tipos de tempo absoluto e está no fato de o significado básico dos tempos relativos não conter a informação de que o momento presente seja seu ponto de referência. Os tempos relativos possuem o momento presente como um possível ponto de referência, mas isso é uma questão mais associada à interpretação do que ao significado.

Após entendermos a categoria funcional tempo, abordamos, na próxima subseção, a categoria funcional aspecto, a qual, conforme já mencionado, é o foco desta tese.

2.1.2 Aspecto

O aspecto, ao contrário do tempo, não é dêitico, porém apresenta uma relação importante com este, já que representa as diferentes formas de se analisar a composição temporal interna de uma situação (Comrie, 1976). Ainda, segundo Comrie (1976), existem dois tipos de aspecto: o semântico e o gramatical. O aspecto semântico refere-se a propriedades inerentes ao significado total de determinados itens lexicais que expressam uma situação, como o verbo. O aspecto gramatical diz respeito à distinção aspectual que se manifesta comumente em uma língua através de flexões, marcações sintáticas e perífrases verbais.

Tratamos, a partir deste ponto, primeiramente, de aspecto semântico. Vendler (1967) apresentou em seu trabalho um conjunto de propriedades temporais que distinguem verbos em quatro tipos, a saber: estado, atividade, *accomplishment* (processo culminado) e *achievement* (culminação). Smith (1997), ao revisar essa classificação, propõe que os verbos sejam definidos a partir da especificação positiva ou negativa de traços semânticos, sendo eles: dinamicidade, pontualidade e telicidade.

O traço de dinamicidade se opõe ao de estaticidade. A distinção entre esses traços é fundamental e divide os tipos de verbo nas classes de estados e eventos: os estados são

estáticos e os eventos são dinâmicos. A classe de verbo de estados é a mais simples de todos, referindo-se a situações que consistem em um período único e indiferenciado. A classe natural de eventos, por sua vez, compreende todas as situações não estáticas. Os eventos estão “continuamente sujeitos a uma nova entrada de energia” (Comrie, 1976, p.49, tradução nossa). Os eventos ocorrem no tempo e consistem de estágios sucessivos que ocorrem em diferentes momentos (Smith, 1997).

O traço de pontualidade se opõe ao de duratividade. Essa noção de “pontualidade” é conceitual, uma idealização. Um evento como *win the race* (vencer a corrida) pode ocorrer em milésimos de segundos, estritamente falando, sem, no entanto, prejudicar sua classificação como um evento pontual (Smith, 1997). Por outro lado, um evento como *run the race* (correr a corrida) necessariamente envolve um período de tempo mais estendido, justificando sua classificação enquanto um evento durativo.

O traço de telicidade se opõe ao de atelicidade. Eventos télicos possuem um ponto final natural ou limite intrínseco. Quando esse ponto é alcançado, ocorre uma mudança de estado e o evento está completo (Garey, 1957 *apud* Smith, 1997, P.19). Por outro lado, eventos atélicos são simplesmente processos. Eles podem parar a qualquer momento, ou seja, os eventos atélicos possuem pontos finais arbitrários (SMITH, 1997). Assim, temos que *run the race* (correr a corrida) é um evento télico, dado que *the race* (a corrida) imprime um limite intrínseco – o final da referida corrida – ao evento de correr, ao passo que *run races* (correr corridas) é um evento atélico, dado que *races* (corridas) não estipula um limite de corridas para o evento de correr.

No quadro (1) a seguir podemos verificar a classificação dos tipos de verbo propostos por Vendler (1967) a partir da análise proposta por Smith (1997). Como podemos visualizar na última linha do quadro, Smith (1997) adiciona o tipo de verbo “semelfactivo” à proposta de Vendler (1967).

TIPOS DE VERBO	DINAMICIDADE	PONTUALIDADE	TELICIDADE	EXEMPLO
Estado	-	-	- ³	João amou Maria.
Atividade	+	-	-	João correu maratonas.

³ Smith (1997) afirma que o traço [telicidade] é irrelevante para os verbos de estado.

Accomplishment (processo culminado)	+	-	+	João bebeu um copo de vinho.
Achievement (culminação)	+	+	+	João saiu de casa cedo.
Semelfactivo	+	+	-	João bateu na porta da casa de Maria.

Quadro 1: Classificação verbal segundo Smith (1997, p.20).

Apesar de definir os tipos de verbo a partir de traços semânticos, Smith (1997) afirma que essa classificação só pode ser realizada através da análise do que a autora chama de “constelação verbal”, isto é, a partir da análise de todos os elementos presentes na sentença. Logo, não seria adequado definir o aspecto semântico a partir da análise dos “tipos de verbo”, mas, sim, a partir da análise dos “tipos de predicado” que os verbos podem formar ao se unirem aos outros elementos sentenciais.

O aspecto gramatical é dividido, mais comumente, em dois aspectos básicos nas línguas, que são o perfectivo e o imperfectivo (COMRIE, 1976). Segundo Comrie (1976), a dicotomia perfectivo-imperfectivo está relacionada às diferentes possibilidades de se visualizar uma situação. A perfectividade indica a visão de uma situação como um todo, sem distinção entre as diversas fases que compõem essa situação, enquanto que a imperfectividade confere atenção especial à estrutura temporal interna da situação. A seguir, temos o exemplo em (5) veiculando o aspecto perfectivo e o exemplo em (6) veiculando o aspecto imperfectivo no espanhol (COMRIE, 1976, p.25):

(5) *Juan llegó.*
João chegar.3SG.PST.PFV
‘João chegou.’

(6) *Juan llegaba.*
João chegar.3SG.PST.IPFV
‘João chegava.’

Comrie (1976) afirma que a imperfectividade pode ser expressa de formas diferentes nas línguas. Segundo ele, há línguas que apresentam só uma categoria para expressar a imperfectividade, há línguas em que a imperfectividade é subdividida em categorias distintas e, ainda, há línguas que apresentam só uma categoria para expressar a

imperfectividade. Baseando-se na subdivisão mais comumente encontrada nas línguas, Comrie (1976, p.25) propõe um esquema para o aspecto gramatical, representado na figura (2) a seguir, em que o aspecto imperfectivo é dividido em habitual e contínuo.

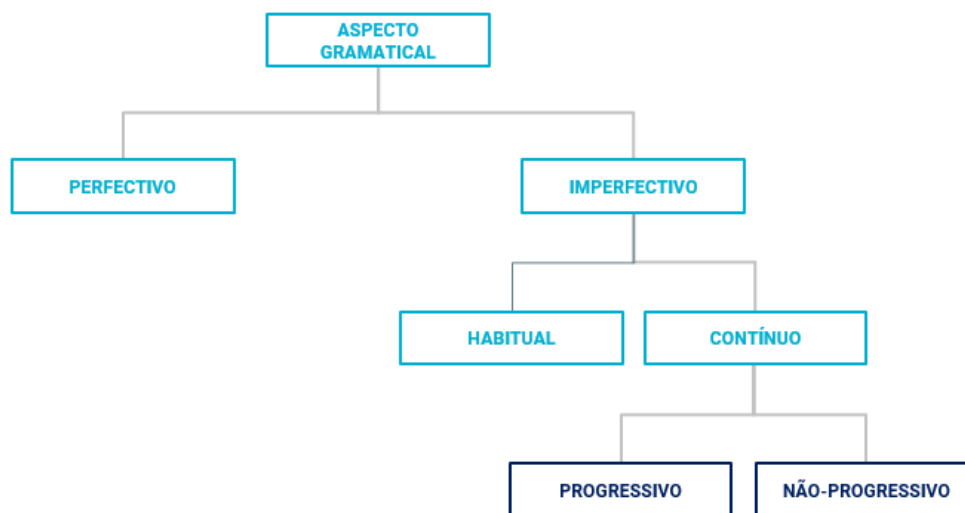


Figura 2: Esquema de classificação do aspecto gramatical (Comrie, 1976, p.25).

O aspecto imperfectivo habitual refere-se a uma situação caracterizada por um período prolongado a ponto de a situação referida não ser vista como uma propriedade accidental do momento, mas, precisamente, como característica de um período inteiro (Comrie, 1976), como podemos verificar em (7) a seguir (Comrie, 1976, p.27).

- (7) *Simon used to believe in ghosts*
 Simon costumava acreditar em fantasmas
 'Simon costumava acreditar/acreditava em fantasmas.'

Já o aspecto imperfectivo contínuo refere-se a tudo aquilo que é imperfectivo e não é habitual (Comrie, 1976), ou mais especificamente, ele se referiria “ao fato de a situação estar em andamento durante um período de tempo” (Moreira; Martins, 2020). No esquema apresentado na figura (2), verificamos que o aspecto imperfectivo contínuo é subdividido em progressivo e não-progressivo. A seguir, temos os exemplos em (8) e (9), nos quais temos o aspecto imperfectivo contínuo sendo veiculado através da morfologia progressiva e não-progressiva, respectivamente.

- (8) Therezinha está cantando.
 (9) Therezinha canta (agora).⁴

Outro aspecto proposto por Comrie (1976) é o *perfect*. Esse tipo de aspecto apresenta características diferentes dos dois aspectos gramaticais anteriormente expostos. Enquanto aqueles são definidos como os que expressam a constituição temporal interna de uma situação, o *perfect* não possibilita a expressão de nada a respeito da temporalidade interna à situação em si, mas possibilita o estabelecimento da relação entre o momento da situação e um determinado ponto de referência (Comrie, 1976).

A respeito da sua classificação, Comrie (1976) propõe que o *perfect* pode ser dividido em quatro subtipos, sendo esses o *perfect* de situação persistente, o *perfect* de resultado, o *perfect* experiencial e o *perfect* de passado recente. Destacamos, ainda, que esses tipos de *perfect*, ainda que possam, segundo o próprio Comrie (1976), se associar aos tempos presente, passado e futuro, são definidos, em seus diferentes subtipos, como sendo associado ao tempo presente, como aparece nos parágrafos a seguir.

O *perfect* de situação persistente indica que uma situação que começou no passado permanece até o presente, como no exemplo em (10) (Comrie, 1976, p.60) abaixo.

- (10) *We have lived here for ten years*
 PRO ter.1PL.PRS morar.PTCP aqui por dez anos
 ‘Nós temos morado/moramos/estamos morando aqui há dez anos.’

No exemplo em (10), temos a situação de ter se mudado para o lugar em questão em algum momento do passado (há 10 anos) e de continuar morando nesse local até o momento presente.

O *perfect* de resultado indica que uma situação finalizada no passado apresenta o seu resultado no presente. Para Comrie (1976), esse tipo de *perfect* seria a manifestação mais clara desse aspecto, como no exemplo em (11) (Comrie, 1976, p.60) a seguir.

- (11) *John has arrived*
 João ter.3SG.PRS chegar.PTCP
 ‘João chegou.’

⁴ O valor de imperfeito contínuo está apoiado do advérbio “agora”, visto que, sem sua presença, a frase seria preferencialmente interpretada como veiculando o imperfeito habitual no PB, pois o presente simples veicula também esse aspecto (COMRIE, 1976; MARTINS, 2006).

No exemplo em (11), temos como resultado da chegada de João o fato de ele estar no local.

O *perfect* experiencial indica que uma situação finalizada pelo menos uma vez no passado gera uma experiência no presente. Essas situações correspondem a atividades genéricas ou a estados, como “viajar” ou “ser feliz”, e não a uma atividade específica ou pontual, como “comer a maçã” ou “morrer” (Dahl, 1985), como ilustrado no exemplo em (12) (Comrie, 1976, p.59) a seguir.

- (12) *Bill has been to America*
 Bill ter.3SG.PRS ir.PTCP para América
 ‘Bill já foi à América.’

O exemplo em (12) indica que Guilherme esteve na América pelo menos uma vez no passado e que essa experiência permanece no presente.

O *perfect* de passado recente indica a relevância no presente de uma situação no passado que ocorreu recentemente, como no exemplo em (13) (Comrie, 1976, p.60) a seguir.

- (13) *Bill has just arrived*
 Bill tem.3SG.PRS ADV chegar.PTCP
 ‘Bill acabou de chegar.’

O exemplo em (13) indica que a chegada do Guilherme ocorreu próximo ao momento da fala.

Depois dessa proposta de classificação dos subtipos de *perfect* de Comrie (1976), outras surgiram na literatura. McCawley (1981), por exemplo, propõe uma classificação com apenas dois subtipos de *perfect*, a saber: o universal, que corresponderia ao *perfect* de situação persistente de Comrie (1976); e o existencial, que agruparia os subtipos de resultado, experiencial e de passado recente de Comrie (1976). Outra classificação desse tipo de aspecto foi realizada por Pancheva (2003). Para essa autora, temos os subtipos *perfect* universal (semelhante a McCawley (1981)), o de resultado e o experiencial (semelhantes ao de Comrie (1976)).

Como mencionado anteriormente, Comrie (1976) afirma que a classificação aspectual resumida na figura (2) é a que ele considerou como a mais comumente encontrada nas línguas. Cinque (1999, 2006), ao também realizar uma análise comparativa entre as línguas, identificou uma série de subtipos aspectuais, os quais,

baseando-se na proposta cartográfica, deveriam ser representados na estrutura sintática da sentença de todas as línguas. Essa classificação, que é de fundamental importância para esta tese, é abordada na próxima subseção.

2.1.3 Aspectos gramaticais propostos por Cinque (1999, 2006)

Cinque (1999, 2006), ao realizar uma análise comparativa entre diversas línguas, considerando, por exemplo, as posições ocupadas nas sentenças pelos advérbios/expressões adverbiais que figuram na posição estrutural de especificador de sintagmas funcionais, propõe que os sintagmas funcionais referentes às categorias tempo, aspecto, modo e voz estariam representados de forma estruturada e hierarquizada de maneira universal dentro da representação estrutural da sentença das línguas naturais. Dessa forma, foram propostos cerca de vinte e três sintagmas aspectuais representados nessa estrutura. Desses vinte e três sintagmas, somente dez são estudados nesta tese do ponto de vista da aquisição do PB. Em função disso, encontram-se expostas a seguir apenas as definições desses dez subtipos de aspecto.

a) Aspecto Completivo

O aspecto Completivo refere-se à sinalização de que um processo télico está completado, ou seja, que ele atingiu o seu ponto final natural (Cinque, 1999).

Uma das formas de se veicular esse aspecto é através de partículas, como a partícula *up* do inglês. Vejamos os exemplos em (14) e (15) a seguir, em que se utiliza tal partícula no primeiro exemplo (Cinque, 1999, p.100).

(14) *He ate up his sandwich*
 PRO comer.3SG.PST PART PRO sanduíche
 ‘Ele comeu todo o sanduíche’

(15) *He ate his sandwich*
 PRO comer.3SG.PST PRO sanduíche
 ‘Ele comeu (todo) o sanduíche’

Em um processo télico, como apresentado em (14) e (15), o ponto final natural é atingido quando o objeto é totalmente afetado (nesses casos, quando não resta mais

nenhum resíduo do sanduíche). Em inglês, isso pode ser explicitamente sinalizado com a partícula *up* (Cinque, 1999), como verificado em (14)⁵.

No caso de um objeto plural (definido), como em “ele comeu seus sanduíches”, a “completude” pode implicar duas coisas: (a) que o conjunto plural foi totalmente afetado (cada membro do conjunto foi afetado) ou(b) que cada membro do conjunto foi totalmente afetado (BYBEE *et al.*, 1994, p.57). Segundo Cinque (1999), esses dois sentidos de “completude” não são formalmente distinguidos e nem podem ser isolados um do outro em muitas línguas. Em inglês, por exemplo, a sentença *he ate up his sandwiches* pode implicar, ao mesmo tempo, que todos os sanduíches foram comidos, (olhar direcionado ao grupo), ou que cada um deles foi completamente comido (olhar direcionado ao individual). O autor ainda afirma que seria inapropriado proferir uma sentença com o uso da partícula *up* se apenas uma mordida fosse dada em cada sanduíche ou se apenas uma parte do conjunto de sanduíches fosse comido.

Outra forma de veicular esse aspecto é através do processo de afixação. O polonês é uma das línguas em que é possível distinguir morfologicamente as duas definições de completude apresentadas no parágrafo anterior através de diferentes prefixos. Vejamos um exemplo dessa distinção no polonês (Cinque, 1999, p.101):

- (16) *Po-prze-czyt-yw-o am* *wszystkie jej ksiazki*
 COMPL-COMPL-read-HAB-PST todos dela livros
 ‘Li todos os livros dela ocasionalmente, um após o outro e até o fim.’

Nesse exemplo, temos dois prefixos que se referem à ideia de completude: um deles expressando a completude do conjunto (“um após o outro”) e o outro expressando a completude de cada item do conjunto (“até o fim”).

Baseando-se nessa diferença semântica-sintática, Cinque (1999) denomina a “completude do conjunto” de completude plural e a “completude de cada item” de completude singular. O autor ainda propõe que, em italiano, o advérbio *tutto* (tudo) seria o advérbio canônico para o sintagma do aspecto completivo plural, enquanto que o advérbio *completamente* (completamente) seria o advérbio canônico para o sintagma do aspecto completivo singular. Esses dois subtipos de aspectos completivos são representados na hierarquia estrutural, respectivamente, através dos sintagmas AspCompletivoI e AspCompletivoII.

⁵ A partícula *up* está entre as partículas que são consideradas marcadores evidentes de telicidade no inglês americano (BRINTON, 1988).

O autor também verificou, a partir da análise da posição dos advérbios, que o advérbio “completamente” pode aparecer nas posições pré-verbal e pós-objeto e que isso acarreta diferenças na interpretação da sentença. Portanto, o autor sugere que haja dois sintagmas para o aspecto completivo na hierarquia estrutural, cujos núcleos são AspCompletivoI e AspCompletivoII. O sintagma referente ao AspCompletivoI quantificaria os eventos, enquanto que aquele referente ao AspCompletivoII quantificaria a própria ação. Vejamos os exemplos do italiano em (17) e (18) a seguir (Cinque, 1999, p.93-103):

- (17) *A Natale, credo che avesse completamente*
 no Natal crer.1SG.PRS COMP ter.3SG.PRS ADV
perso la testa
 perder.PTCP ART cabeça
 ‘Acredito que ele já estava completamente louco no Natal.’
- (18) *Dimenticherai tutto presto completamente anche tu.*
 Esquecer.2SG.FUT tudo ADV ADV também você
 ‘Você também esquecerá completamente tudo em breve.’

Em (17), temos o evento de “enlouquecer/perda da cabeça” sendo completado, enquanto que, em (18), temos uma situação que dá ênfase ao esquecimento total dos elementos sugeridos.

Com relação à compatibilidade entre o Aspecto Completivo e os tipos de predicado, Cinque (1999) afirma que esse subtipo de aspecto não se associa a predicados télicos e a situações sem fases internas. Silva (2017), ao estudar a compatibilidade da partícula *up* não-direcionada com os tipos de predicado, verificou que ela é capaz de se associar a todos os tipos no inglês americano.

Além de dividir o aspecto completivo em dois sintagmas, Cinque (1999) ainda afirma que o sintagma AspCompletivoI estaria acima do sintagma AspCompletivoII na hierarquia estrutural. Cinque (1999) ainda propõe que o traço abrigado nos núcleos desses sintagmas seja o [\pm completivo].

b) Aspecto Prospectivo

O termo “aspecto prospectivo” passou a ser usado para definir as formas gramaticais (afixos, partículas, auxiliares e periféricos) que marcam “um ponto antes do início de um evento” (Frawley, 1992 *apud* Cinque, 1999, p.99). Segundo Cinque (1999),

esse aspecto é às vezes analisado como tempo futuro, mas tal análise não é realmente necessária.

Comrie (1976) afirma que, ao contrário do Aspecto Imperfeito, o Aspecto Prospectivo não é comumente manifestado nas línguas do mundo. O inglês é uma língua que possui construções capazes de veicular o Aspecto Prospectivo, sendo elas: *to be going to* (estar prestes a), *to be about to* (estar prestes a), *to be on the point of* (estar a ponto de). Embora apresente essas três construções como sendo veiculadoras do Aspecto Prospectivo no inglês, Comrie (1976) afirma que há uma diferença de leituras entre a primeira construção (*to be going to*) e as outras duas (*to be about to* e *to be on the point of*). Vejamos, nas sentenças em (19) e (20), exemplos de veiculação desse subtipo de aspecto através dessas construções no inglês (Comrie, 1976, p.64):

- (19) *Bill is going to throw himself off the cliff*
 Bill estar.3SG.PRS ir.PROG jogar.INF ele mesmo PREP ART
 penhasco
 ‘Bill vai se jogar do penhasco.’
- (20) *Bill will throw himself off the cliff*
 Bill FUT jogar ele mesmo PREP ART penhasco
 ‘Bill vai se jogar do penhasco.’

Segundo Comrie (1976), se imaginarmos uma situação em que alguém diga a sentença expressa em (19) e, em seguida, Bill é impedido de se jogar do penhasco, a previsão do orador não será confirmada. Se, no entanto, o orador disser a sentença da forma expressa em (20) e Bill é impedido de se jogar do penhasco, então o orador não estaria necessariamente errado, já que tudo o que ele estava aludindo era à intenção de Bill de se jogar do penhasco, isto é, às intenções presentes de alguma situação futura, a qual pode muito bem ser impedida de ocorrer por fatores diversos.

Outra forma de veicular esse subtipo de aspecto em inglês é através de seus advérbios canônicos: *almost* (quase), *nearly* (por pouco, quase, aproximadamente) e *imminently* (iminentemente). Vejamos um exemplo de veiculação desse aspecto no inglês através de um desses advérbios (Cinque 1999, p.99):

- (21) *He nearly accepted*
 PRO ADV aceitar.3SG.PST.PFV
 ‘Ele quase aceitou.’

Segundo Cinque (1999), as construções perifrásticas veiculadoras do aspecto prospectivo e o advérbio “quase” podem provocar uma ambiguidade semântica quando associado a predicados de *achievement*, como podemos verificar nos exemplos a seguir (Cinque, 1999, p.99):

- (22) *Gianni stava per morire.*
Gianni stava per morire
 Gianni estar.3SG.PST.IPFV PREP morrer
 ‘Gianni estava prestes a morrer.’
- (23) *Gianni è quasi morto*
Gianni ser.3SG.PRS ADV morto
 ‘Gianni está quase morto.’

Ambos os exemplos expostos anteriormente podem se referir a uma situação em que uma bala passou por Gianni sem o acertar ou a uma situação em que ele foi atingido por uma e isso o deixou perto da morte (Cinque, 1999).

O Aspecto Prospectivo é representado na representação estrutural da sentença pelo sintagma AspProspectivo (Cinque, 1999). Cinque (1999) ainda propõe que o traço abrigado no núcleo desse sintagma seja o [\pm prospectivo].

c) Aspecto Progressivo

Cinque (2016) utiliza-se de diversos autores para definir o aspecto progressivo (Montague, 1970; Bennett; Partee, 1972; Dowty; 1979, dentre outros⁶). Segundo esses autores, o aspecto progressivo refere-se a uma atividade que ocorre em um determinado ponto do tempo ou intervalo contido dentro de um intervalo de tempo maior no qual a mesma atividade ocorre.

Alguns autores (Comrie, 1957; Smith, 1997) advogam que o aspecto Progressivo pode se associar com tipo de verbo atividade (como em "ele está correndo") e *accomplishment* (como em "Ele está escrevendo um relatório") e não se associaria a verbos de estado (como em “(?)Estamos sendo mortais”) e nem com verbos de *achievement* (como em “(?) Estou declarando abertos os Jogos Olímpicos”). Essa incompatibilidade ocorreria porque verbos de estado possuem carácter de permanência e não poderiam ser quebrados em estágios. Já os verbos de *achievement* possuem estágios preparatórios, como em “ele está chegando ao topo” ou “o avião está pousando”, e,

⁶ Para conferir as outras referências, verificar o texto Cinque (2016).

quando esses se associam ao aspecto progressivo, a informação veiculada parece ser aquela que se refere às etapas que precedem a conquista final, resultando assim em uma interpretação do aspecto prospectivo, como em “ele está prestes a alcançar/prestes a atingir o topo” e “o avião está prestes a pousar” (Comrie, 1976). Já com relação aos verbos semelfactivos, como em “João está tossindo”, a associação desses com o aspecto progressivo parece nos levar a uma interpretação de aspecto iterativo (Comrie, 1976).

Estudos mais recentes, no entanto, sugerem que as combinações entre a morfologia progressiva e os verbos de estado sejam possíveis, porém, conferindo determinados efeitos semânticos a esses predicados. Guimarães (2017) estudou a combinação entre a morfologia progressiva e predicados estativos no inglês americano e no PB e verificou que, quando essa combinação é possível, esses verbos “perdem” o traço [-dinâmico] e “ganham” o traço [+dinâmico], se igualando, dessa forma, a verbos de atividade. A autora ainda sugere que essa combinação só não seria possível com verbos estativos do tipo existenciais, como “ser” e “existir”.

Alves (2019), ao investigar a associação entre “verbos classificados como pontuais”⁷ e a morfologia progressiva no inglês americano e no inglês britânico, verificou que essa associação é possível nessa língua e que, a partir dela, podemos ter leituras de continuidade, incoatividade ou prospecção. O autor verificou que há diferenças entre os verbos de *achievement* e propõe que esses subtipos de verbo de *achievement* sejam estudados com mais detalhes futuramente.

Em seu texto, Cinque (2016) advoga a favor da universalidade do aspecto progressivo e de sua representação sintática em nossa gramática mental. O autor utiliza o Princípio do Silêncio (Sigurdsson, 2004) para explicar as diferenças entre as manifestações morfofonológicas das línguas em relação à produção do aspecto progressivo. Segundo esse princípio qualquer traço sintático pode não ser expresso morfofonologicamente em alguma língua. Esse silenciamento do traço poderia ser observado no búlgaro, por exemplo. Essa língua não possui uma forma morfossintática específica para veicular o aspecto progressivo e se utiliza das morfologias de presente do indicativo ou do pretérito imperfeito, que são morfologias que também podem veicular outras informações aspectuais nessa língua, para veicular o aspecto progressivo. No

⁷ O autor advoga que determinados verbos classificados como pontuais na literatura podem, na verdade, não conter o traço de pontualidade marcado positivamente no léxico. Por isso, ele utiliza a nomenclatura “verbos classificados como pontuais” para se referir aos verbos estudados em sua pesquisa (Alves, 2019).

exemplo (24), temos uma frase do búlgaro na qual podemos ter a veiculação do aspecto progressivo com a partir da morfologia de presente simples (Cinque, 2016, p.540).

(24) *V London vali mnogo.*

PREP Londres chover.3SG.PRS muito.

‘Está chovendo muito em Londres.’

O mesmo já não acontece com línguas como o inglês que possui uma morfologia progressiva (*to be* + verbo no progressivo⁸). Um exemplo dessa veiculação pode ser observada em (25) a seguir.

(25) *In London it's raining a lot.*

PREP Londres estar.3SG.PRS chover.PROG muito

‘Está chovendo muito em Londres.’

Ainda segundo Cinque (2016), há diversas formas de se veicular o aspecto progressivo nas línguas. Esse pode ser expresso através de expressões locativas, como no Tyurama ((26)); através de advérbios/expressões adverbiais, como no guiné equatorial ((27)); através de expressões morfológicas, como em francês ((28)); através de partículas e afixos, como em indonésio ((29)); ou sem uma marcação morfossintática exclusiva para o aspecto progressivo, como em búlgaro (exemplo (24)).

(26) *me na me wu⁹.*

PRO PREP estar.1SG.PST comer

‘Eu estou comendo.’

(27) *ne'e lolotoga moe ia Kusitino¹⁰.*

PST ADV dormir.INF sim Kusitino

‘Kusitino estava dormindo.’

⁸ No caso do inglês, a morfologia de presente simples parece estar associada à veiculação dos aspectos habitual e genérico e não ao progressivo (Cinque, 2016).

⁹ Exemplo retirado de Cinque (2016, p.548).

¹⁰ Exemplo retirado de Heine e Reh (1984 *apud* Heine; Kuteva, 2002, p.97).

(28) *j' était en train de manger*¹¹.

Eu estar.1SG.PRS dormir.INF

‘Eu estava dormindo.’

(29) *dia sedang makan*¹².

PRO.3SG PROG comer.INF

‘Ele/ela está comendo.’

Outra característica importante a respeito do aspecto progressivo é a sua facilidade em se associar com diversos outros aspectos, inclusive com aqueles que são abordados nesta tese. Vejamos o exemplo em (30) a seguir:

(30) a. Ele **está sempre comendo** uma maçã quando eu chego em casa.

b. Ele **ainda está comendo** uma maçã quando eu chego em casa.

c. Ele **não está mais comendo** uma maçã quando eu chego em casa.

No exemplo (30a), podemos verificar a associação entre o aspecto progressivo e o contínuo (tratado como “imperfeito” no item “f” desta seção); em (30b), temos a associação entre o aspecto progressivo e o continuativo (tratado no item “g” desta seção); e, em (30c), temos a associação entre o aspecto progressivo e o terminativo (tratado no item “h” desta seção).

Ao contrário dos outros subtipos de aspectos estudados nesta tese, Cinque (1999) não consegue definir o aspecto progressivo e chega a compará-lo com o aspecto genérico, que é outro que não pode definir. Somente em seu livro de 2006, Cinque considera esse aspecto como um aspecto universal e determinou que ele teria uma representação em nossa gramática mental. Apesar disso, ele (Cinque, 2006) não atribuiu nome ao traço que estaria presente no núcleo desse sintagma.

d) Aspecto Aproximativo

Assim como existem formas linguísticas que codificam o fato de que um evento ocorreu um pouco antes do tempo de referência, Cinque (1999) afirma que certas línguas dispõem de formas para codificar o fato de que um evento ocorrerá pouco tempo depois

¹¹ Exemplo retirado de Cinque (2016, p.552).

¹² Exemplo retirado de Cinque (2016, p.558).

do tempo de referência. Esse subtipo de aspecto ainda pode ser chamado de “aspecto próximo” (*soon-aspect*).

Cinque (1999) afirma que, assim como os aspectos terminativo e continuativo, os aspectos retrospectivo e aproximativo parecem remeter a dois valores de um mesmo sintagma aspectual. A língua kwaio parece apresentar uma evidência a favor dessa proposta, já que, nessa língua, os aspectos retrospectivo e aproximativo são veiculados através da mesma partícula (*bi'i*). O que estabelece a diferença entre esses dois aspectos, nesse caso, são os elementos verbais aos quais essa partícula se associa: quando essa partícula está associada ao pronome de reconhecimento do sujeito (SRP), indica-se que a situação aconteceu em algum momento próximo ao momento de referência; quando essa partícula encontra-se associada a esse pronome e ao tempo futuro, indica-se que a situação ocorrerá em algum momento próximo ao momento de referência. Vejamos os exemplos em (31) da veiculação do Aspecto Retrospectivo e Aproximativo, respectivamente, nessa língua (Cinque, 1999, p.97).

- (31) a. *Ngai e bi'i nigi.*
 FPr(3S) SRP(1SG) PART chegar
 ‘Ele acabou de chegar.’
- b. *Ta-goru bi'i aga-si-a*
 FUT-SRP(1t) PART ver-TrS-PRO(3SG)
 ‘Nós veremos em breve.’

Apesar de apresentar dados como esses em (31), Cinque (1999) afirma que ainda não tem certeza se os Aspectos Retrospectivo e Aproximativo são realmente dois valores de um mesmo aspecto. Como pode ser discutido a respeito dos aspectos terminativo e continuativo, suas dimensões opostas e complementares podem ser uma consequência semântica (e de sua contiguidade). De fato, assim como a expressão adverbial terminativa *non...piu* (não ... mais) e o advérbio continuativo *ancora* (ainda) podem co-ocorrer em uma ordem fixa, advérbios retrospectivos e aproximativos podem realizar restritas combinações de co-ocorrência (Cinque, 1999). Vejamos exemplos dessas co-ocorrências nos exemplos do italiano em (32) a seguir (Cinque, 1999, p.98).

- (32) a. *Gianni ha poco fa immediatamente accettato.*
 Gianni ter.3SG.PRS ADV tempo ADV aceitar.PTCP
 ‘Gianni há pouco tempo aceitou imediatamente.’

- b. **Gianni ha immediatamente poco fa accettato.*
 Gianni ter.3SG.PRS ADV ADV tempo aceitar.PTCP
 ‘*Gianni imediatamente há pouco tempo aceitou.’

Cinque (1999) afirma que, devido à falta de evidências decisivas, prefere analisar esses dois aspectos separadamente. Essa forma de análise também é utilizada nesta tese.

Há línguas que expressam essa noção temporal através de afixos colapsados a verbos. Um exemplo de língua que possui esse sistema de marcação é o *cupeño*. Enquanto que o “futuro comum” é marcado através de um morfema, o “futuro imediato” é marcado através do afixo *qat*. Vejamos exemplos da distinção entre o “futuro imediato” e o “futuro comum” a seguir (Velupillai, 2012, p.200):

- (33) a. *amay=ne aya imi=yaxi-qat mix-an-pi*
 hoje=1SG.ERG agora 2PL.OBJ=dizer-IMM.FUT fazer-an¹³-SUBIR
 ‘Hoje eu vou te dizer o que fazer.’
- b. *tukumay=ne=pe eme-yka ngiiy*
 amanhã=1SG=IRR 2PL-behind go.away.FUT
 ‘Eu vou atrás de você amanhã.’

Comrie (1985) afirma que, assim como ocorre para o aspecto retrospectivo, há marcações linguísticas para graus de recência também para o tempo futuro em algumas línguas. Em *yagua*, há marcações para dois graus de recência no futuro, a saber: *-jásiy* (aproximativo 1) e *-jáy* (aproximativo 2). O futuro aproximativo 1 é utilizado para veicular a ideia de um “resultado em um ‘futuro promissor’”, enquanto que o futuro aproximativo 2 é utilizado para veicular a ideia de um “futuro destino”¹⁴ (Powlison, 1982 *apud* Payne, 1985, p.242). Vejamos os exemplos em (34) dessa distinção em *yagua* a seguir (Payne, 1985, p.242-243).

- (34) a. *Ya-a-numáátiy Jit_{qe}-jásiy yú-noodá-mu [...]*
 2SG-IRR-quando chegar-aqui-PROX1 COR-mãe-LOC
 ‘Quando você chegar onde sua mãe está [...]
- b. *Mítaya-numaa jírya-a nicyee-jáy vídya-jaréé*
 Recentemente-agora 2PL-IRR falar-PROX2 luz solar-abaxo
 ‘De agora em diante, vocês só vão falar em dias ensolarados’

¹³ *-an* denota um sufixo de aumento de raiz do verbo (Velupillai, 2012, p.200).

¹⁴ Os morfemas *-jásiy* (aproximativo 1) e *-jáy* (aproximativo 2) também podem estabelecer graus de recência no passado. Os graus de recência só são realizados quando esses morfemas se encontram associados ao morfema veiculador do modo *irrealis*, *-a* (Payne, 1985, p.242).

Além do uso de determinados afixos, perífrases também podem ser utilizadas para veicular esse subtipo de aspecto em algumas línguas. No inglês, por exemplo, o futuro próximo pode ser veiculado através de construções que possuem, como parte de seu significado, uma referência temporal de futuro imediato (Comrie, 1985), a saber: *to be about to* (estar prestes a) e *to be on the point of* (estar a ponto de). Vejamos, em (35) a seguir, um exemplo de uma dessas construções veiculando o futuro imediato em inglês (Comrie, 1985, p.95).

- (35) *John is about to jump off the cliff*
 João estar.3SG.PRS quase pular.INFPREP ART penhasco
 ‘João está prestes a pular do penhasco.’

A referência temporal de futuro imediato não esgota o significado dessas construções, que difere de construções veiculadoras de futuro não apenas no intervalo de referência temporal (mais curto), como também no sentido de expressar uma prospecção¹⁵ que pode, no entanto, ser bloqueada por fatores intervenientes (Comrie, 1985).

Em línguas como o italiano e inglês, o Aspecto Aproximativo também pode ser veiculado através de seus advérbios canônicos *presto* (em breve) / *soon* (em breve), *subito* (imediatamente) / *imediatamente* (imediatamente) / *immediately* (imediatamente), e outros, como podemos verificar no exemplo do italiano em (36) (Cinque, 1999, p.97).

- (36) *Disse che avrebbe presto/subito lasciato*
 Dizer.3SG.PST COMP ter.3SG.FUT ADV ADV deixar.3SG.FUT
l'Italia
 a Itália
 ‘Ele disse que logo/imediatamente deixará a Itália’.

O Aspecto Aproximativo é representado na representação estrutural da sentença pelo sintagma AspAproximativo (Cinque, 1999). Cinque (1999) ainda propõe que o traço abrigado no núcleo desse sintagma seja o [\pm aproximativo].

e) Aspecto Retrospectivo

¹⁵ O Aspecto Prospectivo e sua relação com as construções *to be about to* e *to be on the point of* são detalhados ainda nesta subseção.

Assim como o Aspecto Continuativo, o Aspecto Retrospectivo possui definição semelhante a um dos tipos de *perfect* propostos por Comrie (1976), sendo, neste caso, a definição semelhante à do *perfect* do tipo passado recente, tal como tratado na subseção 1.1.2 desta tese, ou seja, aquele usado para referir-se a situações passadas que são temporalmente próximas do presente.

Algeo (1976) afirma que a noção de proximidade temporal da situação não é um critério consistente para se definir o uso de formas verbais, já que nenhuma forma verbal é capaz de medir a distância temporal entre uma situação e um ponto de referência. Dessa forma, entendemos que o grau de recência de uma situação não é capaz de relacionar a situação passada ao presente, característica essencial do aspecto *perfect* (quando associado ao tempo presente). Assim como Algeo (1976), o próprio Comrie (1985), em obra posterior àquela em que define o *perfect* de passado recente, assume que, embora isso não faça parte do significado do aspecto *perfect*, muitas vezes existe uma implicatura de recência derivada da morfologia de passado composto, morfologia canônica para a veiculação desse aspecto quando associado ao presente, por exemplo, no inglês (forma verbal chamada de *present perfect*) e no espanhol (forma verbal chamada de *pretérito perfecto compuesto*).

Dessa forma, em consonância com esses autores, não trataremos a noção aspectual de “proximidade temporal” como sendo motivadora do estabelecimento de uma relação ou intervalo entre pontos no tempo (definição central do aspecto *perfect*), mas, sim, como uma noção aspectual relacionada a um único ponto específico no tempo que é temporalmente próximo a outro (definição central do Aspecto Retrospectivo).

Uma forma de veicular esse subtipo de aspecto é através de afixos colapsados aos verbos. Isso acontece em línguas como una, conforme podemos ver no exemplo em (37) a seguir (Cinque, 1999, p.97):

- (37) *Enwe*
dizer-mãeAsp-1SG.1PST
 ‘Eu acabei de dizer isso.’

Comrie (1985) também afirma que muitas línguas dispõem de marcações morfológicas de graus de recência. Em línguas como o suyipe, por exemplo, ocorre a marcação de três diferentes noções temporais de passado através de partículas (Carlson, 1994, p.329), a saber: o passado formal (*màha*), o passado recente (*ηī*) e o passado remoto (*ηá*). O marcador de passado formal *màha* é usado exclusivamente para introduzir

narrativas “formais”, isto é, contos populares ou mitos, já os dois marcadores de pretérito restantes diferem na distância temporal entre a situação narrada e o momento da fala: *η̂* é usado para eventos que ocorreram mais cedo no mesmo dia que o momento da fala, e *η̂́* usado para eventos anteriores a isso. Ambos exigem a forma básica ou perfeita. Vejamos, nos exemplos de (38) a (40) a seguir, essas distinções (Carlson, 1994, p.330-332).

- (38) *Ceè̂ni wà u màha η-kare sigé e mà sà nɔ*
mulher IND ela PART.PST ir bush PREP e ir.3SG chegar.3SG
η̂kè̂mòrò na
camaleão PREP
‘Uma certa mulher foi até arbusto e aí apareceu um camaleão...’
- (39) *Mì̂ nî mu pyi dî yé?*
PRO REC.PST você falar como Q
‘O que foi que eu te falei (hoje mais cedo)?’
- (40) *Jò u η̂́ sá lí' lwɔ ye?*
quem foi REM.PST ir PRO pegar Q
‘Quem foi que pegou isso?’

Outra forma de veicular esse subtipo de aspecto é através de perífrases verbais. O francês é um exemplo de língua que expressa o Aspecto Retrospectivo dessa forma (Comrie, 1985). Vejamos, na sentença em (41) a seguir, um exemplo da veiculação desse subtipo de aspecto nessa língua (Comrie, 1985, p.94):

- (41) *Je viens d' arriver.*
PRO vir.1SG.PRS PREP chegar.INF
‘Acabo/acabei de chegar.’

Outra forma de veicular esse aspecto é através de seus advérbios canônicos, apresentados por Dahl (1985) e Cinque (1999) em inglês e em italiano: *just* (recentemente) / *appena* (assim que), *recently* (recentemente) / *recentemente* (recentemente), *lately* (ultimamente) / *ultimamente* (ultimamente) e assim por diante (Dahl, 1985, P.127; Cinque, 1999, P.97). Vejamos um exemplo de uso do advérbio *recentemente* em sentença do italiano (Cinque, 1999, p.98 adaptado).

- (42) *Gianni ha recentemente interpellate il suo avvocato.*
Gianni ter.1SG.PRS ADV ligar.PTCP PREP PRO advogado
‘Gianni ligou recentemente para seu advogado.’

O Aspecto Retrospectivo é inserido na representação estrutural da sentença pelo sintagma AspRetrospectivoP (CINQUE, 1999). Cinque (1999) ainda propõe que o traço abrigado no núcleo desse sintagma seja o [\pm retrospectivo].

f) Aspecto Perfeito/Imperfeito

O Aspecto Perfeito/Imperfeito retoma a distinção já citada na subseção 2.1.2 deste capítulo entre perfectividade e imperfectividade (Comrie, 1976), tendo o Perfeito definição semelhante ao perfectivo e o Imperfeito definição semelhante ao contínuo, ambos explicados na referida subseção). Essa semelhança entre Imperfeito e contínuo fica ainda mais evidente em estudos mais recentes, já que Cinque (2013) começa a chamar esse subtipo de aspecto de Contínuo. Essa nova nomenclatura será utilizada para se referir ao Aspecto Perfeito/Imperfeito nesta tese. Mais especificamente, faremos menção ao Aspecto Perfeito/Contínuo, ou simplesmente ao Aspecto Contínuo, ao nos referirmos a esse sintagma aspectual estudado nesta tese.

Para Cinque (1999), uma forma de veicular o Aspecto Contínuo no italiano é através do seu advérbio canônico *sempre* (sempre). Vejamos, no exemplo em (43), uma sentença veiculadora de Aspecto Contínuo no italiano com a presença desse advérbio (Cinque, 1999, p.96):

- (43) *Gianni vince* *ancora sempre tutte le partite*
 Gianni vencer.3SG.PRS.IPFV ADV ADV todos os jogos
 ‘Gianni ainda vence sempre todos os jogos.’

Cinque (1999) propõe que o traço abrigado no núcleo do sintagma referente ao Aspecto Perfeito/Imperfeito seja o [\pm imperfeito]. Como o rótulo dado a esse subtipo de aspecto foi alterado, consideramos pertinente que o seu traço também fosse renomeado nesta tese como [\pm contínuo].

Como entendemos que não há evidências contundentes de que os aspectos Contínuo e Perfeito descritos por Cinque (1999) representem uma oposição relacionada à valoração positiva e negativa de um mesmo traço funcional em um único sintagma de aspecto (como argumentaremos na seção 5.4 do capítulo 5 desta tese), trataremos da aquisição desses dois subtipos de aspecto separadamente na análise dos dados empreendida nesta tese.

O aspecto Perfeito pode ser veiculado através da morfologia de pretérito perfeito, como no exemplo em inglês em (44); por uma perífrase, como no exemplo em galês em (45); por uma partícula, como no exemplo em mandarim em (46); por um sufixo, como no exemplo em turco em (47); dente outras formas.

(44) *I stood there for an hour*¹⁶.

PRO ficar.PST ADV PREP uma hora

‘Eu fiquei lá por uma hora.’

(45) *darllenais i 'Y Faner*¹⁷.

ler.1SG.PRE PST ‘A Bandeira’

‘Eu li ‘A Bandeira.’’

(46) *Ta kan-LE yi ge dianying*¹⁸.

Ele assistir-PART um filme

‘Ele assistiu um filme.’

(47) *John çalış-mıs-tı*¹⁹.

John trabalhar-PFV-PST

‘John trabalhou.’

O aspecto Perfeito também pode se associar ao advérbio “sempre”, havendo, desse modo, sua veiculação em conjunto com o aspecto Contínuo, de que também tratamos nesta subseção, como no exemplo em (48).

(48) Ele sempre perdeu os jogos.

g) Aspecto Continuativo

Cinque (1999), inicialmente, ao definir o Aspecto Continuativo, estabelece uma relação entre esse e o Aspecto Terminativo. O autor assume que o advérbio *still* (ainda)

¹⁶ Exemplo retirado de Comrie (1976, p.17).

¹⁷ Exemplo retirado de Comrie (1976, p.25).

¹⁸ Exemplo retirado de Duff e Li (2002, p.419).

¹⁹ Exemplo retirado de van Schaaik (2001, p.52).

seria o correspondente positivo da expressão adverbial *no longer* (não mais). Essa proposta poderia nos induzir à conclusão de que “ainda” ocuparia a mesma posição do “não mais” e que os Aspectos Continuativo e Terminativo seriam dois valores (talvez marcado e não-marcado, respectivamente) de um mesmo sintagma aspectual (Cinque, 1999).

Vejamos exemplos de sentenças com essa co-ocorrência no italiano (Cinque, 1999, p.95):

- (49) a. ?*Spero* *che tu non sia più ancora*
 esperar.1SG.PRS COMP você NEG ficar. ADV ADV
arrabbiato con me
 zangado PREP mim
 ‘?Espero que você não esteja mais ainda zangado comigo!’
- b. **Spero* *che tu non sia ancora*
 esperar.1SG.PRS COMP você NEG ficar. ADV
più *arrabbiato con me*
 ADV zangado com mim
 ‘*Espero que você não esteja ainda mais zangado comigo!’

Logo, assumimos, em consonância com Cinque (1999), que os Aspectos Terminativo e Continuativo compõem sintagmas distintos. Cinque (1999) ainda propõe que o traço abrigado no núcleo do sintagma referente a esse subtipo de aspecto (o AspContinuativo) seja o [\pm continuativo].

Uma das formas de se veicular esse subtipo de aspecto é através de construções perifrásticas com o verbo “continuar” como verbo auxiliar. Isso ocorre, por exemplo, na língua krahô, como podemos verificar no exemplo a seguir (Miranda, 2014, p.274).

- (50) *ku ha itar mẽ pan Ø-krer* *Ø-k^hãm mẽ pan Ø-krẽ*
 1 \pm 2 IRR aqui PL 1 \pm 2 R¹-cantar-NOMLZ R¹-LOC PL 1 \pm 2 R¹ –continuar
 ‘Nós vamos continuar cantando.’

O Aspecto Continuativo, a julgar pelo advérbio canônico desse aspecto proposto por Cinque (1999) (*ancora / still / ainda*), apresenta uma proposta de definição similar ao do *perfect* de situação persistente/universal (Comrie, 1976; McCawley, 1981; Pancheva, 2003), descrito na subseção 1.1.2 desta tese. Nespoli (2018), ao analisar a veiculação dos tipos de *perfect* propostos por McCawley (1981) nas línguas românicas, elencou um

conjunto de morfologias e advérbios/expressões adverbiais capazes de veicular o *perfect* universal nessas línguas.

Conforme já mencionado, Nespoli (2018) também elenca os advérbios/expressões adverbiais veiculadores de *perfect* universal nessas línguas, a saber: sempre, nunca, ainda, até X tempo, desde X tempo, faz X tempo e ultimamente. Como podemos verificar, o advérbio canônico do Aspecto Continuativo, *ainda*, pertence a essa lista. Esse dado parece corroborar a equivalência entre o Aspecto Continuativo e o *perfect* universal.

h) Aspecto Terminativo

O Aspecto Terminativo caracteriza uma situação quando essa atinge um ponto final, embora esse não seja necessariamente o seu ponto final natural (Cinque, 1999). Segundo Travaglia (2016), o aspecto terminativo também ocorre quando uma situação é apresentada em seus momentos finais.

Esse aspecto pode ser codificado através de afixos em certas línguas, como em gronelândia ocidental e hixkaryana; através de partículas em outras, como em ewe; ou através de um verbo aspectual em outras línguas, como no inglês e italiano (Cinque, 1999).

Esse subtipo de aspecto também pode ser veiculado através de perífrases terminativas, como “parar de + infinitivo”. Vejamos o exemplo a seguir com essa perífrase no italiano (Cinque, 1999, p.95).

- (51) *Gianni ha smesso di amare Maria.*
 Gianni ter.3SG.PST parar.PTCP PREP amar.INF Maria
 ‘Gianni parou de amar Maria.’

Para Cinque (1999), esse aspecto também pode ser veiculado através da sua expressão adverbial canônica *no longer* (não mais). Um exemplo do uso dessa expressão adverbial em italiano se encontra em (52) a seguir (Cinque, 1999, p.95).

- (52) *Gianni non ama piú Maria.*
 Gianni NEG amar.3SG.PRS mais Maria
 ‘Gianni não ama mais Maria.’

Essa expressão adverbial (*no longer / non... più / não mais*) ocuparia a posição de especificador do sintagma referente a esse subtipo de aspecto, o AspTerminativoP. Cinque (1999) ainda propõe que o traço abrigado no núcleo desse nóculo seja o [\pm terminativo].

i) Aspecto Acelerativo

O Aspecto Acelerativo caracteriza uma situação que foi realizada rapidamente (CINQUE, 1999).

Em línguas como dyirbal (Dixon, 1972, p.248), o aspecto acelerativo é veiculado através dos sufixos *-nbal* e *-galiy*, que significam “fazer algo rapidamente”. Vejamos exemplos da veiculação desse aspecto na língua dyirbal (Dixon, 1972, p.248)²⁰.

- (53) a. *ɲaɖa bayi bargan ɖurgagaliɲu*
 PRO NOM canguru lançar-CEL
 ‘Eu lancei rapidamente o canguru.’
- b. *ɲaɖa giɲa buybalnban*
 PRO coisa esconder-CEL
 ‘Eu escondi aquilo rapidamente.’

Outra forma morfossintática para se expressar esse aspecto é através de seus advérbios canônicos propostos por Cinque (1999), a saber: *quickly* (rapidamente) ou *rapidly* (rapidamente). Tenny (2000 *apud* Eszes, 2009, p.272), ao analisar leituras proporcionadas pela posição do advérbio *quickly* na sentença, observa que tal advérbio pode conferir à sentença uma leitura aspectual, *rare* (de velocidade), ou de modo, a depender de sua posição. Vejamos, a seguir, exemplos com o advérbio *quickly* em diferentes posições na sentença e as leituras derivadas delas (Eszes, 2009, p.272):

- (54) a. *Quickly, John will be arrested by the police*
 ADV João FUT ser preso PREP ART polícia
 ‘Rapidamente, João será preso pela polícia.’
- b. *John will be arrested by the police quickly*
 João FUT ser preso PREP ART polícia ADV
 ‘João será rapidamente preso pela polícia.’

²⁰ A variação desses sufixos depende das características sintáticas e fonéticas dos verbos aos quais eles podem se associar: o sufixo *-nbal* é utilizado em verbos transitivos com radical *-l* e o sufixo *-galiy* (mais elisão) é utilizado em verbos intransitivos com radical *-l* e com todos radicais *-y* (Dixon, 1972).

No exemplo em (54a), o advérbio *quickly* modifica o tempo de preparação que precede a prisão de João; logo, podemos aferir, através dessa sentença, que a prisão acontecerá muito em breve. Já no exemplo em (54b), o advérbio *quickly* modifica o processo de detenção; logo, podemos aferir, através dessa sentença, que a velocidade ou o modo da prisão acontecerá de forma apressada. Nas palavras de Cinque (1999), o advérbio *quickly* em posição pré-verbal quantifica o evento (como em (54a)), enquanto que em posição pós-verbal quantifica o processo (como em (54b)).

A partir da análise de dados como apresentados em (54), Cinque (1999) propõe que haja dois sintagmas para o Aspecto Acelerativo, a depender na posição dos advérbios correspondentes a ele nas sentenças, a saber: uma posição *higher* (mais alta), a qual é denominada AspAcelerativo(I)P, e uma posição *lower* (mais baixa), a qual é denominada AspAcelerativo(II)P.

Observando as leituras possíveis extraídas de exemplos como os de (54) e das considerações realizadas por Cinque (1999), Tenny (2000 *apud* Eszes, 2009, p.273) propõe uma teoria das zonas semânticas para explicar a distribuição das leituras correspondentes a esse advérbio, como podemos verificar no quadro (2) a seguir (Eszes 2009, p.273):

TIPO DE MODIFICAÇÃO	ZONA SEMÂNTICA
Modificação puramente de modo	Evento principal Aspecto Acelerativo (II)
Verdadeira modificação de velocidade	Evento principal
Modificação aspectual	Aspecto medial Aspecto Acelerativo (I)

Quadro 2: Distribuição do advérbio *quickly* na sentença e as leituras derivadas dessas distribuições (Eszes, 2009, p.273).

Nesta tese, consideramos como a distinção semântica entre esses dois sintagmas de Aspecto Acelerativo aquela apontada por Cinque (1999) e ilustrada aqui por meio da análise do exemplo em (54). Cinque (1999) ainda propõe que o traço abrigado no núcleo desses núdulos é [\pm acelerativo].

Em húngaro, o advérbio correspondente ao *quickly* é o *gyorsan*. Eszes (2009), ao analisar esse advérbio, verificou que ele apresenta restrições de combinações com determinados tipos de predicado e morfologias. O advérbio *gyorsan* não se combina a predicados estativos e atélicos e com a morfologia progressiva. Quando associado à morfologia de perfectivo, esse advérbio só se associa a verbos télicos. Vejamos um

exemplo de uma das possíveis compatibilidades desse advérbio descrita pelo autor (Eszes, 2009, p.281).

- (55) *Ja'nos gyorsan felért fel (az emeletre).*
 João ADV chegar.3SG.PST ART primeiro.andar-PREP
 ‘João rapidamente chegou ao primeiro andar.’

Para explicar as impossibilidades entre o advérbio *gyorsan* e a morfologia progressiva, Eszes (2009) assume que a leitura aspectual desse advérbio envolve a noção de uma fase preparatória ou de um período anterior ao evento e é isso que é modificado pelo advérbio *gyorsan* em seu uso aspectual. No entanto, as morfologias progressivas denotam uma eventualidade parcial e contínua, com possíveis resultados cujas fases preparatórias (se houver alguma) não estão disponíveis para modificação. Essa explicação parece também ser aplicada aos casos de incompatibilidade dos advérbios acelerativos com verbos atélicos, já que esses verbos não possuem um ponto final linguisticamente marcado e, por isso, não denotam eventos concluídos. Portanto, podemos concluir que a leitura aspectual de *gyorsan* é aceitável apenas em sentenças que descrevem eventos completos, isto é, com morfologia não-progressiva associada a verbos télicos (Eszes, 2009).

j) Aspecto Repetitivo

O Aspecto Repetitivo caracteriza uma situação que foi realizada repetidamente (Cinque, 1999).

Cinque (1999) inicia a seção sobre esse subtipo de aspecto esclarecendo que, na literatura, os termos “frequente”, “iterativo” e “repetitivo” às vezes são utilizados como sinônimos e às vezes em oposição uns aos outros. Portanto, Cinque (1999) salienta que é preciso ter cuidado para se entender o que é referido por cada autor.

Nesta tese, adotamos as propostas de iteratividade de Xavier e Mateus (1992) e de Wiśniewska (2006). Para Xavier e Mateus (1992), o valor iterativo é um estado de coisas localizado num dado intervalo de tempo ocorrendo X vezes nesse intervalo. A quantidade de vezes e o tipo de repetição da ação é o que define qual dos aspectos (habitual, frequentativo ou repetitivo) está sendo veiculado na sentença. Conforme proposto por Wiśniewska (2006), se a repetição da ação é mais regular, os intervalos de tempo entre essas repetições são curtos e/ou a ação é expressa por verbos que evocam uma repetição, temos o aspecto repetitivo (ou iterativo, como a autora o chama). Se a repetição de um

mesmo processo se faz com intervalos de tempo irregulares e os intervalos são mais prolongados, temos o aspecto frequentativo.

Uma forma comum de se veicular o aspecto repetitivo é através da reduplicação²¹ ou fixação (Bybee; Perkins; Pagliuca, 1994). Vejamos exemplos em (56) desse processo na língua mwera (Bybee; Perkins; Pagliuca, 1994, p.14).

- (56) a. *lya* “comer” *lyalyalya* “comer e comer e comer”
 b. *gwa* “cair” *gwagwagwa* “cair e cair e cair”
 c. *pinga* “querer” *pinga-pinga* “querer e querer e querer”

Em línguas como dyirbal (Dixon, 1972), o aspecto repetitivo é veiculado através do sufixo *-ganiy*, que significa “fazer algo repetidamente”. Vejamos um exemplo em (57) dessa sufixação (Dixon, 1972, p.278).

- (57) *balan dugumbil bangul yarangu balgaganij*
 NOM mulher ERG homem bater-REP
 ‘O homem bateu na mulher várias vezes.’

Em línguas como o espanhol, o aspecto repetitivo pode ser veiculado através do prefixo *re-* (Laca, 2016; Medeiros, 2016), como podemos verificar no exemplo (58) a seguir (Laca, 2016, p.16).

- (58) *Revendieron todos los libros que tenían*
 revender.3PL.PST PRO ART livros COMPL ter.3PL.PST.IMPF
 ‘Revenderam todos os livros que tinham.’

O aspecto repetitivo também pode ser veiculado através da perífrase “*volver a + infinitivo*” no espanhol (Laca, 2016). Essa perífrase contribui com um pressuposto temporal de que outra instância da eventualidade já foi obtida anteriormente. Esse pressuposto é responsável pela única restrição de seleção que essa perífrase exhibe: ela não pode ser combinada com predicados que indicam situações que não podem ocorrer mais de uma vez sob a identidade de seus argumentos, ou seja, eventos únicos, como em (59a), e estados de nível individual, como em (59b), exemplificados a seguir (Laca, 2016, p.4):

²¹ A reduplicação envolve copiar uma quantidade definida de material fonológico de uma base (raiz ou radical), fundindo-a a essa base para formar um radical no qual outros morfemas podem ser adicionados (VELUPILLAI, 2012).

- (59) a. # *Blancanieves volvió a comer la manzana*
 Branca de Neve voltar.3SG.PST.PFV PREP comer.INF ART maçã
 ‘# Branca de Neve voltou a comer a maçã.’
- b. # *Pedro volvió a ser alto*
 Pedro voltar.3SG.PST.PFV PREP ser.INF alto
 ‘# Pedro voltou a ser alto.’

Outra forma de expressar esse aspecto é através de seus advérbios/expressões adverbiais canônicos. Os advérbios/expressões adverbiais canônicos desse subtipo de aspecto são, segundo Cinque (1999) em seus exemplos do italiano, *di nuovo* (de novo), *novamente* (novamente), *ancora* (ainda) etc. Esses advérbios podem aparecer na posição pré-verbal ou pós-verbal. A posição desses advérbios na sentença determina a leitura que esse advérbio exerce sobre o processo (Cinque, 1999). Quando o advérbio se encontra à esquerda do núcleo verbal, ele quantifica os eventos nos quais um determinado processo está envolvido; já quando está à direita do núcleo verbal, ele quantifica o processo em si (Cinque, 1999). Vejamos tal distinção semântica por meio da análise do exemplo em (60) a seguir (Cinque, 1999, p.92).

- (60) *Gianni ha di nuovo battuto alla porta di nuovo/ancora*
 Gianni ter.3SG.PRS ADV bater.PTCP PREP porta ADV/ADV
 ‘*Gianni de novo bateu na porta de novo.’

A expressão adverbial *di nuovo* localizada mais à esquerda na sentença quantifica o evento de bater na porta (talvez tenha havido várias pequenas batidas), enquanto aquela mais à direita quantifica o ato de bater (talvez tenha sido a segunda vez que Gianni tenha dado uma sequência de batidas na porta) (Cinque, 1999).

No tocante às associações entre o advérbio *again* (de novo) e os tipos de predicado, Beck e Snyder (2001) afirmam que, quando temos a associação entre esse advérbio e um predicado de *accomplishment*, a sentença pode apresentar leitura ambígua. Dowty (1979) afirma que essa ambiguidade pode ser descrita em termos de duas leituras, a saber: a interna e a externa. Segundo esse autor, em predicados de *accomplishment*, somente a leitura interna é gerada, enquanto que a externa é uma implicatura. Vejamos o exemplo em (61), a seguir, com o uso do “de novo” associado a um predicado de *accomplishment* (Meirelles; Cançado, 2014, p.164):

(61) João fechou a porta de novo.

As leituras externa e interna para essa sentença foram parafraseadas em (62a) e (62b), respectivamente (Meirelles; Cançado, 2014, p.164):

- (62) a. O próprio João fez a ação de fechar a porta mais uma vez;
 b. A porta já estava fechada em uma situação anterior, sem ter a necessidade de ter sido o João quem a fechou.

Como pudemos verificar anteriormente, somente a leitura compreendida em (62a) pode ser considerada uma leitura repetitiva, enquanto que a leitura apresentada em (62b) é denominada de “leitura restitutiva”²² (Beck; Snyder, 2001). Logo, para Dowty (1979), a leitura de repetição dessa sentença seria derivada de uma implicatura.

Contudo, Dowty (1979) afirma que a ambiguidade para sentenças modificadas pelo advérbio “de novo” é de caráter puramente estrutural, uma vez que, quando esse advérbio se encontra na posição pré-verbal, não há mais dupla interpretação. Vejamos o exemplo em (63) a seguir (Meirelles; Cançado, 2014, p.164):

(63) De novo, o João fechou a porta.

Na sentença em (63), a única leitura possível é a de que o João já havia fechado a porta anteriormente e teve que fechá-la novamente. Logo, nesse caso, a leitura externa, que evoca o aspecto repetitivo, é a única presente.

A partir da análise de dados como esses, Cinque (1999) propõe que haja dois sintagmas para esse aspecto, a depender da posição dos advérbios relacionados a tal aspecto nas sentenças, a saber: uma posição *higher* (mais alta), a qual é denominada Aspecto Repetitivo (I), e uma posição *lower* (mais baixa), a qual é denominada Aspecto Repetitivo (II). Nesta tese, consideramos como a distinção semântica entre esses dois sintagmas de Aspecto Repetitivo aquela apontada por Cinque (1999) e ilustrada aqui por meio da análise do exemplo em (55). Cinque (1999) ainda propõe que o traço abrigado nos núcleos desses nódulos seja o [\pm repetitivo].

²² A leitura restitutiva refere-se a uma ação ou evento que restitui ao seu complemento um estado (Dowty, 1979), ou seja, constitui-se em um pressuposto (Medeiros, 2012).

2.2 HIERARQUIA SINTÁTICA DE ASPECTO

Como mencionado na seção anterior, diferentes categorias aspectuais foram propostas ao longo do tempo através da análise de elementos morfossintáticos capazes de veicular tais categorias presentes em diferentes línguas. A análise desses elementos, incluindo o exame da posição em que ocupam na sentença, é um dos métodos de estudo utilizado na Cartografia. A Cartografia é uma linha de pesquisa que tem como objetivo mapear as estruturas sintáticas utilizando-se da organização estrutural proposta pela teoria X-barras (Rizzi, 2004; Cinque; Rizzi, 2008). Um dos pressupostos adotado pelos estudos cartográficos é de que cada propriedade morfossintática corresponderia a um núcleo sintático com um *slot* (posição) específico na hierarquia funcional. Muito do trabalho cartográfico consistiu na tentativa de usar essa hipótese de trabalho como orientação heurística, explicitando assim argumentos empíricos que apoiam ou não a sua validade entre línguas (Cinque; Rizzi, 2008).

Um dos estudos mais importantes para a Cartografia²³ foi realizado por Pollock (1989). Esse estudo, que teve como objetivo analisar a movimentação dos verbos no francês e no inglês, nos trouxe como resultado a proposta do autor de dissociação do sintagma flexional (IP) nos sintagmas de concordância (ArgP) e de tempo (TP). A abordagem de Pollock propõe que o verbo pode ser atraído para diferentes posições funcionais para concatenar-se aos afixos e, conseqüentemente, alterando sua posição em relação aos advérbios e outros elementos presentes nas sentenças (Pollock, 1989).

No tocante aos advérbios/expressões adverbiais, Cinque (1999) propõe que esses elementos sintáticos “não devem ser vistos como apenas acessórios à estrutura da sentença (como a noção tradicional de “adjunto” sugeriria), mas como parte integrante” (Cinque, 2004, p.693, tradução nossa). Logo, a posição que esses elementos (mais precisamente, AdvPs) podem ocupar na sentença pode nos auxiliar a entender a representação estrutural da mesma (Cinque, 1999, 2006, 2013). Essa proposta uniu duas linhas de pesquisa que se tornaram componentes integrais dos estudos cartográficos: por um lado, a análise da ordem dos verbos em relação a advérbios e argumentos resultante

²³ O estudo de Pollock (1988) não estava associado ao projeto cartográfico, já que, até esse momento, a cartografia ainda não existia enquanto projeto. O trabalho do Pollock é seminal no sentido de inaugurar os estudos que subdividem a camada IP.

de movimento do núcleo; e, por outro, a ideia de que a morfologia flexional é feita na sintaxe e é o resultado de regras de movimento envolvendo raízes e afixos (Chomsky, 1957; Cinque; Rizzi, 2008).

A cartografia também se baseia no Princípio da Uniformidade (Chomsky, 2001), o qual propõe que, “na ausência de evidências convincentes do contrário, assumimos que as línguas sejam uniformes, com variedade restrita a propriedades de expressões facilmente detectáveis” (Chomsky, 2001, p.2, tradução nossa). A abordagem cartográfica segue essa ideia ao assumir que todas as línguas compartilham os mesmos princípios e a mesma composição funcional para a formação da sentença (Cinque, 2002; Cinque; Rizzi, 2008).

Um dos autores que defendem essa posição é Sigurðsson (2004). Esse autor afirma que todas as línguas são iguais sintaticamente e que os níveis linguísticos lexical e fonológico seriam os únicos responsáveis por diferenciar as línguas naturais. O autor também propõe o que ele chama de Princípio do Silêncio. De acordo com esse princípio, qualquer traço sintático pode não ser expresso morfofonologicamente em alguma língua.

Uma posição mais fraca que poderia ser admitida nos estudos cartográficos consistiria em assumir que as línguas podem diferir no tipo ou número de projeções funcionais selecionadas de um inventário universal ou em sua ordem hierárquica (Cinque, 2002; Cinque ; Rizzi, 2008). Tal posição, porém, não é aquela adotada por autores como Cinque (1999, 2002, 2006) e Cinque e Rizzi (2018).

Um dos autores que defendem essa posição mais fraca é Thráinsson (1996), o qual defende a Hipótese da Seleção. Segundo essa hipótese, a criança adquiriria apenas as categorias funcionais que são realizadas morfossintaticamente na língua a qual ela é exposta. O autor ainda afirma que, mesmo que tenhamos línguas tipologicamente parecidas, isso não garante que elas possuam o mesmo inventário de categorias funcionais.

Autores como Laca (2004, p.429, tradução nossa) defendem que “o valor explicativo (da hierarquia) está comprometido” pela própria existência de restrições combinatórias entre verbos aspectuais e pela possibilidade de ordens alternativas para alguns deles. Ou seja, para essa autora, teríamos a mesma quantidade de sintagmas aspectuais em nossa estrutura sentencial, porém com uma ordem diferente para cada língua. Uma das evidências a favor dessa posição é, segundo Laca (2004), a impossibilidade de afirmar a ordenação de advérbios que não podem se combinar na mesma sentença. Em oposição a esse argumento, Cinque (2006) declara que a existência de restrições combinatórias entre dois advérbios/expressões adverbiais não é

incompatível com a conclusão de que eles são ordenados hierarquicamente, já que podemos comparar as posições entre advérbios que podem co-ocorrer com aqueles advérbios que não o podem.

Os estudos cartográficos foram desenvolvidos aproximadamente ao mesmo tempo em que ocorreu a ascensão e o desenvolvimento do Programa Minimalista (Chomsky, 1995). Existe, à primeira vista, uma incompatibilidade inerente entre a complexidade das representações cartográficas e a simplicidade dos dispositivos generativos que a sintaxe minimalista assume, de alguma forma refletida na simplicidade estrutural das representações tipicamente encontradas na literatura minimalista (Cinque, 2002; Rizzi, 2004; Cinque; Rizzi, 2008). Autores como Cinque e Rizzi (2008) defendem que não há contradição entre essas duas direções da pesquisa.

O minimalismo introduziu uma tipologia de princípios da GU, que remonta a apenas dois tipos de categorias amplas: princípios ditados pelas necessidades dos sistemas de interface (determinar a legibilidade e usabilidade adequadas das representações da interface) e a economia/localidade dos princípios, restringindo o funcionamento da máquina computacional (Chomsky, 1995). Um ponto em que os estudos cartográficos parecem convergir à simplicidade geral das diretrizes minimalistas é através do estudo dos elementos das computações sintáticas (Rizzi, 2004; Cinque; Rizzi, 2008). Um princípio heurístico útil que norteou muitos trabalhos cartográficos é a máxima propriedade (morfossintática): uma propriedade – um núcleo (Rizzi, 2004; Cinque ; Rizzi, 2008).

Os trabalhos expostos a seguir, que procuram apresentar um histórico da inserção de aspecto enquanto um sintagma funcional na estrutura sintática hierárquica da sentença, se coadunam aos princípios adotados nos estudos cartográficos, pois possuem como objetivo investigar a organização estrutural das categorias funcionais tempo e aspecto.

Koopman e Sportiche (1991), ao focarem na análise das possíveis posições que os sujeitos podem ocupar nas sentenças, advogam a favor de um sintagma aspectual na estrutura sintática. Essas autoras utilizam como evidência para a necessidade desse sintagma os auxiliares aspectuais, como os encontrados nas perífrases “*to have* + participio” e “*to be* + gerúndio”. Para Koopman e Sportiche (1991), esses elementos “nucleariam seus próprios VPs e receberiam os complementos de VP quando esses realizassem seus movimentos” (Koopman; Sportiche, 1991, p.216, tradução nossa). Vejamos um exemplo dessa representação estrutural a seguir (Koopman; Sportiche, 1991, p.233, adaptado).

- (64) *John will have visited Paris*
 João FUT ter.3SG.PRS visitar.PTCP Paris
 ‘João terá visitado Paris.’

IP

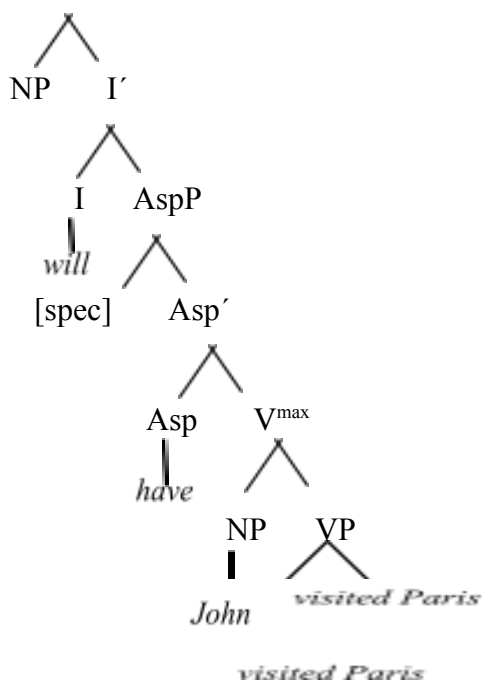


Figura 3: Representação estrutural contemplando o sintagma aspectual AspP (Koopman; Sportiche, 1991, p.233, adaptado).

Trabalhos posteriores, realizados com diferentes vertentes metodológicas (Cinque, 1999; Bok-Bennema, 2001; Novaes; Braga, 2005; Martins, 2010; Araújo, 2018, entre outros), corroboram a proposta de Koopman e Sportiche (1991) a respeito da necessidade de um sintagma aspectual na representação estrutural da sentença. Apesar de haver tantos trabalhos acerca desse sintagma na camada funcional da sentença, parece que ainda não há consenso com relação à hierarquia dele perante ao sintagma temporal. Novaes e Braga (2005), por exemplo, defendem, a partir de dados advindos de uma participante afásica, que o sintagma aspectual deve dominar o sintagma temporal. Já Araújo (2018) defende, a partir de dados advindos de crianças adquirindo o PB como L1, que o sintagma aspectual deve ser dominado pelo sintagma temporal²⁴.

²⁴ Esta pesquisa é explicada com mais detalhes na subseção 3.3.1 do capítulo 3 desta tese.

Pesquisas voltadas especificamente para a análise do aspecto *perfect* (Alexiadou; Rathert; Von Stechow, 2003; Nespoli, 2018; Rodrigues, 2019; Gomes, 2020) trazem à tona a dissociação desse tipo de aspecto daquele denominado aspecto básico (perfectivo e imperfectivo) de Comrie (1976) na representação estrutural da sentença. Essa proposta se baseia no pressuposto de que o aspecto *perfect* não se opõe aos aspectos básicos, mas sim se associa a eles. Sendo assim, quando há a veiculação do *perfect* de situação persistente também temos a veiculação do aspecto imperfectivo e, quando há a veiculação do *perfect* dos tipos de resultado, experiencial e de passado recente, também temos a veiculação do aspecto perfectivo (Nespoli, 2018). Logo, seria necessária a associação de pelo menos dois traços aspectuais – alocados em sintagmas distintos – para a veiculação do aspecto *perfect*.

Alexiadou, Rathert e von Stechow (2003) assumem em sua pesquisa que o sintagma referente ao aspecto *perfect* seria denominado PerfP e que esse dominaria o sintagma AspP, o qual abrigaria os traços referentes aos aspectos básicos. Portanto, nessa proposta, teríamos a seguinte representação estrutural: TP > PerfP > AspP > VP (Alexiadou; Rathert; Von Stechow, 2003, p.7).

Já autores como Nespoli (2018) e Nespoli e Martins (2018), ao também analisarem da realização morfossintática do aspecto *perfect* em diferentes línguas a partir da proposta de classificação de McCawley (1981)²⁵, propõem que seriam necessários dois sintagmas para o aspecto *perfect*: o UPerfP, que abrigaria o traço [contínuo], e o EPerfP, que abrigaria o traço [resultativo]. Nespoli (2018) ainda afirma que o nóculo UPerfP dominaria o nóculo EPerfP na representação sintática, já que o traço [resultativo] seria mais básico quando comparado ao de [contínuo], sendo necessária a especificação positiva daquele para a veiculação dos dois tipos de *perfect*.

Baseando-se na proposta de dissociação entre os sintagmas de *perfect* universal e existencial propostos por Nespoli (2018), Rodrigues e Martins (2021) e Gomes (2020) estudaram a representação estrutural do aspecto *perfect* a partir da classificação de Comrie (1976)²⁶. Rodrigues e Martins (2021), ao analisarem o processo de aquisição do *perfect* por crianças adquirindo o inglês americano, e Gomes (2020), ao analisar a perda desse aspecto em participantes portadores da Doença de Alzheimer, verificaram que há necessidade de dissociação do sintagma EPerfP proposto por Nespoli (2018) em

²⁵ Essa proposta de classificação do aspecto *perfect* encontra-se descrita no penúltimo parágrafo da subseção 2.1.2 desta tese.

²⁶ Essa proposta de classificação do aspecto *perfect* encontra-se descrita na subseção 2.1.2 desta tese.

diferentes sintagmas: o RePerfP, referente ao *perfect* de resultado (equivalente ao EPerfP daquela autora), o ExPerfP, referente ao *perfect* experiencial, e o RecPerfP, referente ao *perfect* de passado recente. Esses dois últimos sintagmas dominariam os sintagmas já propostos por Nespoli (2018) e Nespoli e Martins (2018). Logo, unindo todas as propostas citadas anteriormente, teríamos a seguinte hierarquia dos sintagmas de *perfect*: RecPerfP > ExPerfP > UPerfP > RePerfP.

Cinque (1999, 2006), ao analisar de forma estrutural a categoria funcional aspecto, propõe que haja cerca de vinte e dois sintagmas referentes a essa categoria na representação estrutural da sentença. O autor ainda advoga que, em alguns casos, a única evidência disponível para determinar a hierarquia entre dois núcleos aspectuais é dada pela ordem relativa entre os advérbios correspondentes, já que esses ocupariam a posição de especificador das projeções funcionais relevantes a eles. Vejamos a hierarquia proposta por Cinque (1999, p.106, adaptado)²⁷ a partir da análise da posição e relação entre os advérbios referentes²⁸ às categorias funcionais aspecto, tempo, modo e voz na figura (4) a seguir.

... AspHabitualP > AspRepetitivo(I)P > AspFrequentativo(I)P > ModVolucionalP > AspAcelerativo(I)P > TP(Anterior) > AspTerminativoP > AspContinuativoP > AspPerfeitoP > AspRetrospectivoP > AspAproximativoP > AspDurativoP > AspGenérico/ProgressivoP > AspProspectivoP > AspCompletivo(I)P > VoiceP > AspAcelerativo(II)P > AspRepetitivo(II)P > AspFrequentativo(II)P > AspCompletivo(II)P ...

Figura 4: Representação estrutural dos sintagmas referentes às categorias funcionais aspecto, tempo, modo e voz (Cinque, 1999, p.106, adaptado).

Em Cinque (2006), o autor adiciona sintagmas correspondentes aos aspectos Conativo, Frustrativo/Sucesso, Inceptivo, Predisposicional e Tardio (ou Finalmente) à estrutura hierárquica proposta em Cinque (1999) e ainda inverte a ordem dos sintagmas AspRepetitivo(II)P e AspCompletivo(II)P. Vejamos a hierarquia proposta por Cinque (2006, p.93, adaptado)²⁹ a seguir (os sintagmas adicionados à proposta antiga encontram-se em negrito).

²⁷ Só são listados nessa figura os núcleos contidos na hierarquia entre aquele mais alto referente à categoria funcional aspecto (AspHabitual) e aquele mais baixo também referente a essa categoria (AspFrequentativo (II)).

²⁸ Os advérbios/expressões adverbiais referentes aos subtipos de aspecto estudados nesta tese encontram-se listados nas subseções correspondentes a cada um dos subtipos aspectuais desta tese.

²⁹ Só são listados nessa figura a hierarquia a partir do sintagma mais alto referente a categoria funcional (AspHabitual) aspecto até o sintagma mais inferior referente a essa categoria (AspFrequentativo (II)).

... AspHabitualP > **AspTardioP (ou Finalmente)** > **AspPredispositionalP** > AspRepetitivo(I)P > AspFrequentativo(I)P > ModVolucionalP > AspAcelerativo(I)P > AspTerminativoP > AspContinuativoP > AspPerfeitoP > AspRetrospectivoP > AspAproximativoP > AspDurativoP > AspProgressivoP > AspProspectivoP > **AspInceptivoP** > ModObrigaçãoP > ModHabilidadeP > **AspFrustrativo/successoP** > ModPermissãoP > **AspConativoP** > AspCompleativo(I)P > VoiceP > AspAcelerativo(II)P > **AspInceptivo(II)P** > AspCompleativo(II)P > AspRepetitivo(II)P > AspFrequentativo(II)P ...

Figura 5: Representação estrutural dos sintagmas referentes às categorias funcionais aspecto, modo e voz (Cinque, 2006, p.93, adaptado).

Apesar de propor uma ordem hierárquica baseando-se na análise de diversas línguas, a proposta de Cinque (1999, 2006) não se mostra consensual na literatura. Bhatia (2006), ao estudar a ordenação dos advérbios/expressões adverbiais no hindi, verificou que essa língua sustenta em parte a hipótese de Cinque de uma hierarquia universal de AdvPs, uma vez que a hierarquia encontrada para os advérbios hindus corresponde à hierarquia proposta por Cinque em grande parte. Porém, baseando-se nas discrepâncias encontradas em seus dados, o autor afirma que os detalhes da hierarquia de Cinque não são universais. Bhatia (2006) afirma que todos os advérbios/expressões adverbiais são naturalmente agrupados em algumas classes e, dentro de cada classe, a ordem dos advérbios/expressões adverbiais pode não ser tão rigidamente fixa quanto entre advérbios/expressões adverbiais pertencentes a diferentes classes. O autor ainda alega que línguas diferentes podem não conter todos os advérbios de cada classe e que a lista fornecida por Cinque pode não incluir todos os advérbios possíveis nas línguas. O autor conclui, então, que a hierarquia proposta por Cinque (1999, 2006) requer um exame mais preciso de mais dados translinguísticos.

Wu e Shen (2017), ao estudarem a ordem dos advérbios/expressões adverbiais em sentenças do mandarim, verificaram algumas divergências ao compararem a ordem encontrada por eles e a da proposta de Cinque (1999, 2006). Uma das diferenças pode ser visualizada com relação à hierarquia entre os sintagmas dos aspectos aproximativo e retrospectivo, por exemplo. No mandarim, a relação de dominância entre os dois não seria direta, como proposto por Cinque (1999, 2006), mas eles seriam separados por alguns sintagmas, conforme a seguinte ordem: **AspAproximativoP** > AspAcelerativoIP > AspDurativoIP > AspContinuativoP > AspPerfectivoP > TAnteriorP > **AspRetrospectivoP** (Wu; Shen, 2017, p.293).

Devido as dúvidas apontadas por pesquisas como as expostas anteriormente, esta pesquisa tem como objetivo investigar a ordem de aquisição de alguns desses sintagmas propostos por Cinque (1999, 2006) e determinar, a partir desses dados, qual seria a hierarquia desses na representação estrutural da sentença. Na figura a seguir, temos a hierarquia proposta por Cinque (1999, 2006) com somente os sintagmas dos subtipos de aspecto estudados nesta tese. Recordamos que foi nessa proposta hierárquica que nos baseamos para constituir a hipótese deste estudo.

... AspRepetitivo (I)P > AspAcelerativo (I)P > AspTerminativoP > AspContinuativoP > AspPerfeitoP > AspRetrospectivoP > AspAproximativoP > AspProgressivoP > AspProspectivoP > AspCompletivo (I)P > AspAcelerativo (II)P > AspRepetitivo (II)P > AspCompletivo (II)P ...

Figura 6: Representação estrutural proposta por Cinque (1999, 2006) com somente os sintagmas referentes aos subtipos de aspecto investigados nesta tese.

Logo, nesta pesquisa, nos propomos a investigar a estrutura hierárquica da sentença através da análise da ordem de aquisição de realizações morfossintáticas relacionadas a um conjunto de sintagmas aspectuais. Conforme exposto no capítulo 2 desta tese, dados de aquisição de linguagem têm se mostrado úteis para se examinar a estrutura hierárquica da sentença (Araújo, 2018; Rodrigues; Martins, 2019, dentre outros).

2.3 REALIZAÇÃO LINGUÍSTICA ASPECTUAL NO PB

Como já mencionado, nesta tese nos propomos a utilizar o PB para investigar a hierarquia estrutural de alguns subtipos de aspecto propostos por Cinque (1999, 2006). Para tanto, necessitamos, inicialmente, discorrer sobre o modo como esses subtipos de aspecto são veiculados por falantes nativos dessa língua. Essa descrição servirá de parâmetro para a nossa análise dos dados de aquisição do PB.

A seguir, descrevemos os subtipos de aspecto estudado nesta pesquisa. Essa descrição é feita seguindo a ordem hierárquica proposta por Cinque (1999, 2006), indo do aspecto que se encontra mais acima na árvore sintática até o qual se encontra na parte mais inferior da árvore.

2.3.1 Aspecto Completivo

O Aspecto Completivo pode ser veiculado no PB através das perífrases denominadas completivas: “terminar de + infinitivo” e “acabar de + infinitivo” (Nascimento; Rech, 2015; Rodrigues, 2019). Vejamos exemplos de uso dessas perífrases em (65) a seguir (Nascimento; Rech, 2015, p.207).

- (65) a. Após ser atingido, **terminou de correr** parte dos 42 Km e foi prestar depoimento.
 b. **Acabou de brincar**, guarde os brinquedos.

Nascimento e Rech (2015), em consonância com Bertucci (2010), afirmam que essas perífrases só se associam a predicados de *accomplishment* no PB.

Rodrigues (2019), em consonância a Bertucci (2010), ainda acrescenta a perífrase “parar de + infinitivo” a essa lista, já que essa também se mostrou possível para a veiculação do Aspecto Completivo no PB, conforme já explicado na subseção 2.3.3 referente ao Aspecto Terminativo. Vejamos o exemplo em (66) a seguir (Rodrigues, 2019).

- (66) A jovem **parou de passar** a blusa.

Bertucci (2010), ao analisar as possíveis associações entre essas perífrases e os diferentes tipos de predicado, verificou que “terminar de + infinitivo” e “acabar de + infinitivo” só podem se associar a verbos de *accomplishment*. Vejamos em (67) exemplos de combinações gramaticais e agramaticais dessas perífrases com diferentes tipos de predicado (Bertucci, 2010, p.49-51).

- (67) a. João ***parou de/*terminou de/*acabou³⁰ de ser** presidente. (estado)
 b. João **parou de/*terminou de/*acabou de chegar** atrasado. (atividade)
 c. João ***parou de/*terminou de/*acabou de chegar**. (*achievement*)
 d. João **parou de/terminou de/acabou de** construir a casa. (*accomplishment*)

No tocante aos advérbios/expressões adverbiais, Cinque (1999) propõe que o “tudo” seus correspondentes seriam os elementos morfossintáticos canônicos para, especificamente, o subtipo completivo I. O pronome “tudo” é classificado como um pronome indefinido e possui, como uma das suas funções, servir como quantificador.

³⁰ Essa combinação só é gramatical quando temos a leitura de recência (Medeiros, 2019).

Segundo Lyons (1977 apud De Oliveira, 2006, p.11), os quantificadores “são modificadores que se combinam com os nomes em termos do tamanho do conjunto de indivíduos ou em termos da totalidade da substância que está sendo referida”.

Portanto, o pronome “tudo” pode sim exercer como elemento veiculador do subtipo de aspecto completivo I, já que é capaz de determinar a “quantidade” da ação/situação que foi realizada. Ou seja, se a “quantidade” da ação/situação que foi realizada for de 100%, logo, a noção aspectual completiva pode ser veiculada.

Cinque (1999) define o advérbio “completamente” como sendo o canônico do subtipo aspectual completivo II. Rodrigues (2019), ao analisar as realizações morfossintáticas do subtipo de aspecto completivo no PB, verificou que o advérbio “totalmente” também veicula o Aspecto Completivo nessa língua. Vejamos em (68) um exemplo dessa veiculação a seguir (Rodrigues, 2019).

(68) [...] muda **totalmente** a pessoa.

Os advérbios “integralmente” e “inteiramente” também parecem veicular esse tipo de aspecto no PB. Vejamos o exemplo em (69) adaptado de Rodrigues (2019) a seguir.

(69) [...] muda **totalmente/completamente/integralmente/inteiramente** a pessoa.

2.3.2 Aspecto Prospectivo

Rodrigues (2020), ao analisar *corpora* de falantes nativos do PB, verificou somente o uso do advérbio “quase” para veicular o aspecto prospectivo no PB. Vejamos os exemplos (70) e (71) a seguir retirados de Rodrigues (2020):

(70) “Aí ela **quase** infartou!”

(71) “Aí, eu cheguei a moça tava **quase** indo embora.”

Essa autora, em consonância com que foi proposto por Cinque (1999), afirma que a associação entre o advérbio “quase” e predicados de *achievement* pode provocar uma ambiguidade semântica, como podemos verificar em (71). Sem o auxílio do contexto da sentença, é inviável sabermos ao certo se a moça foi embora ou não. O mesmo não ocorre

no exemplo em (70), no qual podemos afirmar que a pessoa não infartou de fato. Rodrigues (2020) presume que essa ambiguidade, na verdade, só ocorre em sentenças nas quais temos a associação entre o advérbio “quase”, predicados de *achievement* e perífrases progressivas (como em (71)) e não em todas as sentenças nas quais temos a associação entre o advérbio “quase” e os predicados de *achievement* (como em (70)).

2.3.3 Aspecto Progressivo

Cinque (2016) já havia evidenciado que a morfologia progressiva não era a única forma morfossintática que seria capaz de veicular o aspecto progressivo nas línguas. Em suas pesquisas, Martins (2006) e Novaes e Martins (2017) verificaram que falantes nativos do PB utilizaram tanto a morfologia progressiva, constituída pela perífrase “estar + gerúndio” (que seria a morfologia canônica desse subtipo de aspecto) quanto morfologia de presente simples para veicular o Aspecto Progressivo nessa língua. A seguir, temos exemplos do uso dessas morfologias veiculando o Aspecto Progressivo (Novaes; Martins, 2017, p.231).

(72) Maria **está penteando** o cabelo.

(73) Maria **penteia** o cabelo.

Com relação a morfologia progressiva no PB, é possível que essa morfologia seja associada aos diferentes tempos verbais, conforme pode ser visto nos exemplos a seguir (Novaes; Martins, 2017, p.231 adaptado).

(74) Maria **estava penteando** o cabelo.

(75) Maria **estará/vai estar penteando** o cabelo.

2.3.4 Aspecto Aproximativo

Segundo Almeida, Figueredo e de Oliveira (2004), o PB possui formas de diferenciar se o futuro é próximo, distante ou indefinido. Em geral, um futuro considerado próximo é de cerca de vinte e quatro horas depois do ato de fala. Se o futuro se referir a um tempo maior do que esse, pode ser considerado distante, desde que seja definido. Obviamente, um futuro indefinido seria aquele no qual o falante não deixa claro o momento em que a ação será realizada (Almeida; Figueredo; De Oliveira, 2014).

Quando o falante se refere a um futuro próximo, o uso da perífrase é preferido em detrimento da forma simples, pois, por expressar maior modalidade, reflete uma maior certeza em relação ao futuro. Quanto mais distante temporalmente do ato de fala, portanto, mais distante do falante, menor o uso da perífrase (Oliveira, 2006). Vejamos o uso diferenciado para os tipos de futuro recente e indefinido, respectivamente, nos exemplos em (76) e (77) a seguir (Almeida; Figueredo; De Oliveira, 2014, p.7).

(76) E **vamos colocar** em prática desde o primeiro ano de governo.

(77) Esses locais **serão** escolhidos por pedagogos, por técnicos.

A morfologia de presente simples e as perífrases progressivas associadas ao tempo presente também são capazes de expressar o aspecto aproximativo no PB quando associadas a um advérbio de futuro próximo. Esse tipo de associação é chamada de “presente futuro” (Ilari; Oliveira; Basso, 2016). Vejamos em (78) exemplos dessas associações (Ilari; Oliveira; Basso, 2016, p.395).

(78) a. **Viajo amanhã** para Lisboa.

b. **Estou viajando amanhã** para Lisboa.

Em relação aos advérbios/expressões adverbiais, Cinque (1999) propõe que o “em breve” seria a expressão adverbial canônica para esse subtipo de aspecto. A partir dessa proposta, assumimos que sinônimos dessa expressão adverbial, como “imediatamente”, “em pouco tempo” e suas variações (como “daqui a pouco tempo”), “daqui a pouco”, o momento de fala, também poderiam veicular o Aspecto Aproximativo no PB. Destacamos também a expressão “já já”, a qual também permite a relação de proximidade temporal entre o momento de fala e um futuro próximo. Vejamos o exemplo em português em (79) a seguir (Cinque, 1999, p.97, adaptado).

(79) Ele disse que **já** vai enviar **imediatamente/em pouco tempo** notícias **em breve/daqui a pouco/agora/prontamente/já já**.

2.3.5 Aspecto Retrospectivo

O PB é, segundo Comrie (1985) e Cinque (1999), uma das línguas que veicula o aspecto retrospectivo através da perífrase verbal “acabar de + infinitivo”. Vejamos o exemplo em (80) a seguir (Comrie, 1985, p.94).

(80) **Acabo** de chegar.

Medeiros (2019), ao analisar a perífrase “acabar de + infinitivo”, afirma que essa perífrase possui duas leituras possíveis, a saber: (a) leitura de recência e (b) leitura culminativa. A primeira coloca o tempo do evento da oração infinitiva relativamente próximo, e anterior, ao tempo de referência. Essa leitura parece estar diretamente associada ao Aspecto Retrospectivo. Essa leitura pode ser identificada no exemplo em (80), exposto anteriormente.

Já a segunda, a qual parece estar diretamente associada ao Aspecto Completivo (a veiculação desse subtipo de aspecto no português encontra-se descrita na subseção 2.3.1), aponta para o menor subevento final de um evento denotado pelo verbo no infinitivo, como pode ser identificado no exemplo (81) a seguir.

(81) Ele acaba de fazer os exercícios às 17 horas.

Em relação aos advérbios/expressões adverbiais, Cinque (1999) propõe que o “recentemente” seria o advérbio canônico para esse subtipo de aspecto. A partir dessa proposta, assumimos que sinônimos desse advérbio, como “há pouco tempo” e suas variações (como “faz pouco tempo”), e o advérbio “agora”, por permitir essa aproximação temporal com o momento de fala, também poderiam veicular o Aspecto Retrospectivo quando associados à morfologia de pretérito perfeito no PB. Vejamos o exemplo em português em (82) a seguir (Cinque, 1999, p.96, adaptado).

(82) Cheguei **recentemente/há pouco tempo/imediatamente/agora**.

2.3.6 Aspecto Perfeito/Contínuo

Este aspecto foi rotulado como “Perfeito/Imperfeito” no item “f” da seção 2.1.3 deste capítulo, mas, como mencionado naquele item, será chamado a partir de então de “Perfeito/Contínuo”, empregando-se, assim, uma adaptação da nomenclatura adotada em

Cinque (2013), que propõe, em substituição ao sintagma de “Aspecto Perfeito/Imperfeito”, o sintagma de “Aspecto Contínuo”.

Martins (2006) e Novaes e Martins (2017), baseando-se na proposta de classificação de aspecto proposta por Comrie (1976), verificaram que o aspecto Perfeito e o aspecto Contínuo podem ser veiculados no PB, quando associados ao tempo passado, respectivamente através das morfologias de pretérito perfeito e de pretérito imperfeito. Já quando temos o Contínuo associado ao tempo presente, esse pode ser expresso pela morfologia de presente do indicativo. Vejamos os exemplos, respectivamente, de veiculação do aspecto Perfeito e Contínuo associados ao tempo passado a seguir (Novaes; Martins, 2017, p.225-226):

(83) Maria **almoçou** cedo.

(84) Antigamente, Maria **andava** na praia.

Em relação aos advérbios/expressões adverbiais, Cinque (1999) propõe que o “sempre” seria o advérbio canônico para esse subtipo de aspecto. Tescari Neto (2013), ao analisar as leituras adverbiais a partir de uma proposta cartográfica, identificou, no Português do Brasil, que, quando o advérbio *sempre* se encontra em posição pré-verbal, ele possui uma leitura de quantificação e, quando está em posição pós-verbal, ele possui uma leitura contínua/iterativa. Vejamos os exemplos a seguir (Tescari Neto, 2013, p.162-163):

(85) O João **sempre** bebeu.

(86) O João bebeu **sempre**³¹.

Para Tescari Neto (2013), a sentença presente no exemplo (85) possui como leitura que João bebeu em todas as oportunidades que ele teve na vida. Já para a sentença em (86), temos como leitura a informação de que, em todas as vezes que João faz uma refeição, ele toma uma bebida.

Logo, somente serão consideradas frases para esta pesquisa as frases nas quais o advérbio “sempre” estiver em posição pós-verbal.

³¹ Segundo Travaglia (2016), a morfologia de pretérito perfeito só pode veicular a noção de iteratividade quando associado a um adjunto adverbial. Sem essa iteratividade, não seria possível verificar, a partir dessa morfologia, a situação através de suas fases internas. Logo, no exemplo (86), a frase só foi considerada como veiculadora de aspecto contínuo por conta da presença do advérbio, ou adjunto adverbial (classificação dada por Travaglia (2006)), “sempre”.

A partir dessa proposta, assumimos que o advérbio “nunca” também poderia veicular o Aspecto Contínuo. Vejamos o exemplo (87) a seguir (Tescari Neto, 2013, p.159):

(87) O João está **sempre** em casa.

(88) O João **nunca** sai de casa.

Para Tescari Neto (2013), as sentenças presentes em (87) e (88) teriam a mesma leitura, já que o advérbio “sempre” está em posição pós-verbal e, portanto, está veiculando o Aspecto Contínuo.

Quanto ao Aspecto Perfeito, como já ilustrado no exemplo (83) desta seção, no português, ele é veiculado morfologicamente pelo pretérito perfeito (Martins, 2006; Novaes; Martins, 2017), mas não parece haver uma expressão adverbial única veiculadora de tal aspecto, já que diversos advérbios/expressões adverbiais (como “ontem”, “semana passada”, “mês passado”, etc) podem expressar a situação finalizada num ponto do tempo e descrita em sua totalidade (sem ênfase em suas fases internas), como se observa nos exemplos em (89) e (90) abaixo.

(89) Ontem o João saiu de casa.

(90) Na semana passada, o João saiu de casa.

2.3.7 Aspecto Continuativo

O PB parece ser capaz de veicular o Aspecto Continuativo através de diversas morfologias. Vejamos os exemplos de (91) a (96) de sentenças veiculadoras desse aspecto no PB (Travaglia, 1985, p.97):

(91) Minha cabeça **tem doído** muito.

(92) Os rapazes **continuam jogando** apesar da chuva.

(93) **Estou lendo** um livro interessante.

(94) Seus atos **vêm escandalizando** a todos.

(95) José **está** doente.

(96) Raquel **terminava de escrever** a carta quando o telefone tocou.

Como expusemos na subseção 2.1.3 desta tese, o Aspecto Continuativo de Cinque (1999, 2006) apresenta semelhanças com o *perfect* universal (McCawley, 1981; Pancheva, 2003). Uma delas pode ser visualizada quando comparamos as morfologias

capazes de veicular esses aspectos no PB. Jesus *et al* (2017) e Nespoli (2018) elencam as morfologias de passado composto, perífrases progressivas e presente simples como veiculadoras de *perfect* universal associado ao tempo presente no PB, assim como Travaglia (2016) elencam-nas como morfologias veiculadoras do aspecto continuativo.

A única diferença entre essas listas de morfologias se encontra exemplificada no exemplo em (94), no qual temos o acréscimo da perífrase “terminar (pretérito imperfeito) de + infinitivo”. Nesse caso, temos um exemplo de uma sentença veiculadora de *perfect* universal associado ao tempo passado (De Sant’anna; Martins; Gomes, 2019).

Em relação especificamente a perífrases, Hlibowicka-Weglarz (2004) afirma que perífrases como “continuar a + infinitivo” e “permanecer a + gerúndio” possuem um valor aspectual permansivo, ou seja, descrevem a situação expressa pelo verbo principal da perífrase como sendo a continuação daquela mesma situação imediatamente anterior. Essas perífrases ainda podem se associar a todos os predicados com o propósito de promover uma leitura durativa, exceto aos de *achievement*³² (Hlibowicka-Weglarz, 2004; Nascimento; Rech, 2015). Vejamos em (97) exemplos de combinações gramaticais e agramaticais de uma dessas perífrases com diferentes tipos de predicado (Nascimento; Rech, 2015, p.206-209).

- (97) a. O Império Bizantino **continuou a existir** por quase mil anos. (estado)
 b. Esmeraldo **continuou a advogar** e passou a lecionar. (atividade)
 c. *Fábio **continuou a entrar** no escritório. (*achievement*)
 d. Napoleão aboliu o Senado e **continuou a reformar** a constituição. (*accomplishment*)

No tocante aos advérbios/expressões adverbiais, Cinque (1999, 2006) propõe que o advérbio “ainda” seja considerado o advérbio canônico do Aspecto Continuativo, assim como Martins, Rodrigues e Nespoli (2019)³³ propõem que esse seja o advérbio canônico do *perfect* universal. Se assumirmos que esses aspectos realmente se sobrepõem, podemos também assumir que os advérbios/expressões adverbiais propostos por Nespoli (2018) como sendo veiculadores do *perfect* universal também poderiam veicular o Aspecto Continuativo. Esses advérbios/expressões adverbiais são: “desde X tempo”, “há/faz X tempo”, “até X tempo” e “ultimamente”.

³² Quando temos a associação entre essas perífrases e os predicados de *achievement*, a sentença não vai exprimir um valor permansivo mas sim iterativo (HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2004).

³³ Nesse trabalho, as autoras utilizaram a proposta de classificação dos tipos de *perfect* de Pancheva (2003). Essa última autora utiliza a nomenclatura “*perfect* universal” para se referir a um tipo de *perfect* que possui uma definição equivalente ao *perfect* de situação persistente de Comrie (1976).

2.3.8 Aspecto Terminativo

O Aspecto Terminativo pode ser veiculado no PB através das perífrases denominadas interruptivas “parar de + infinitivo” e “deixar de + infinitivo” (Nascimento; Rech, 2015). Vejamos, em (98) e (99), exemplos de uso dessas perífrases (Nascimento; Rech, 2015, P.206; Travaglia, 2007, p.55).

(98) [...] **Parou de produzir** o que até então produzia.

(99) O cachorro, desde aquela surra, **deixou de atacar** as visitas.

Bertucci (2010) e Rodrigues (2019), ao analisarem, dentre algumas perífrases, a interruptiva “parar de + infinitivo”, verificaram que essa perífrase possui leitura dupla, a saber: o “parar de + infinitivo” pode evidenciar que uma situação (a) sofreu uma pausa e pode ser reiniciada a qualquer momento ou (b) foi completada. Vejamos no exemplo em (100) a seguir essas diferentes leituras da perífrase “parar de + infinitivo” (Bertucci, 2010, p.52-53).

(100) João **parou de almoçar**.

Na sentença em (100), temos a leitura (a), na qual a perífrase marca uma pausa ou interrupção no almoço de João, ou a leitura (b), na qual a perífrase marca o término do almoço de João.

Bertucci (2010) e Nascimento e Rech (2015), ao analisarem as possíveis associações entre essa perífrase e os tipos de predicado, verificaram que o “parar de + infinitivo” pode se associar somente a predicados do tipo atividade e *accomplishment*. Vejamos exemplos em (101) de combinações gramaticais e agramaticais dessa perífrase com diferentes tipos de predicado (Bertucci, 2010, p.49-51).

- (101) a. João ***parou de ser** presidente. (estado)
 b. João **parou de chegar** atrasado. (atividade)
 c. João ***parou chegar**. (*achievement*)
 d. João **parou de construir** a casa. (*accomplishment*)

Já a perífrase “deixar de + infinitivo” com leitura interruptiva³⁴ parece indicar, principalmente, uma interrupção de uma ação habitual ou de duração ilimitada (Travaglia, 2007). Porém, esse fato não limita o uso dessa perífrase à remissão da interrupção de uma ação habitual, podendo ser também utilizada para indicar a interrupção de uma ação de apenas uma única ocorrência ou de duração limitada (Rodrigues, 2019). Rodrigues (2019), ao investigar, por meio de metodologia experimental, as leituras possíveis de sentenças com a perífrase “deixar de + infinitivo” associada a uma imagem de uma ação de apenas uma única ocorrência, verificou que os participantes de sua pesquisa associaram, de forma natural, essa perífrase com leitura interruptiva a esse tipo de ação.

Com relação às associações entre essa perífrase e os tipos de predicado, Nascimento e Rech (2015) afirmam que “deixar de + infinitivo” pode se associar a predicados de atividade, *accomplishment* e estados. Vejamos em (102) exemplos de combinações gramaticais e agramaticais dessa perífrase com diferentes tipos de predicado (Bertucci, 2010, p.49-51, adaptado).

- (102) a. João **deixou de ser** presidente. (estado)
 b. João **deixou de chegar** atrasado. (atividade)
 c. João ***deixou de chegar**. (*achievement*)
 d. João **deixou de construir** a casa. (*accomplishment*)

No tocante aos advérbios/expressões adverbiais, Cinque (1999, 2006) propõe que a expressão adverbial “não (V) mais” seja considerada a expressão adverbial canônica do Aspecto Terminativo. Rodrigues (2019) afirma que variações dessa expressão adverbial, como “nunca mais” e “nem (V) mais”, também são capazes de veicular esse aspecto no PB. Vejamos os exemplos do uso dessas expressões adverbiais em (103) e (104) a seguir (Rodrigues, 2019).

(103) [...] Ela vai ficar pra sempre lá. Ela vai ficar adulta, ela vai casar com alguém de lá, vai ter filhos lá e **nunca mais** vai poder voltar.

(104) [...] Ai, eu **nem lembro mais**...

2.3.9 Aspecto Acelerativo

³⁴ Rodrigues (2019) propõe que essa perífrase ainda possa ter leitura de “troca de ações”, no sentido de que “uma pessoa X deixa de fazer Y para fazer W em seu lugar”. Essa leitura não é estudada nesta tese.

Polli (2002) elenca alguns advérbios acelerativos no PB, a saber: rapidamente, velozmente, imediatamente, vagamente, lentamente. Destacamos também os advérbios/expressões adverbiais como “depressa”, “aceleradamente”, “apressadamente”, “demoradamente”, “calmamente”, “paulatinamente”, “aos poucos” e “pouco a pouco” também como possíveis veiculadores desse subtipo de aspecto no PB.

Esse autor, assim como Cinque (1999) e Tenny (2000 *apud* ESZES, 2009, p.272), também identifica diferentes leituras que esses advérbios podem disparar, a depender da posição deles na sentença. Vejamos os exemplos em (105) a seguir (Polli, 2002, p.348).

- (105) a. **Rapidamente** os alunos saíram do prédio.
 b. Os alunos saíram do prédio **rapidamente**.

Na sentença em (105a), o advérbio na posição pré-verbal não consegue se distribuir sobre os eventos, e a interpretação da sentença é equivalente a “um grupo x de alunos saiu do prédio de forma w ”, ou seja, o evento é interpretado de forma coletiva. Podemos, então, entender que o espaço de tempo transcorrido entre o momento em que os alunos estavam dentro do prédio e o momento em que os alunos se encontram fora do prédio não foi longo (Polli, 2002). O mesmo não pode ser aferido através do exemplo em (105b). Nesses casos, com o advérbio em posição pós-verbal, a interpretação do evento de sair é entendida de forma individual, significando que “cada aluno x saiu do prédio de uma mesma forma w ”, ou seja, esse tipo de advérbio, nessa posição, consegue distribuir sua predicação sobre os eventos de VP (Polli, 2002).

Rodrigues (2020) encontrou em sua pesquisa outros advérbios/expressões adverbiais que também podem veicular o aspecto acelerativo no PB, a saber: “super rápido”, “rapidinho”, “imediatamente” e “aos poucos”. Alguns exemplos de sentenças veiculadoras do aspecto acelerativo através desses advérbios/expressões adverbiais encontram-se a seguir (Rodrigues, 2020):

(106) “Isso eu descobri também, porque eu achava que eu tinha que fazer **super rápido** tipo assim...”

(107) “Agora que a vó Delmira tá ficando boa, duvido que ... vai **rapidinho** voltar pro arroz e feijão ... duvido!”

(108) “Comovido, **imediatamente** ele disse: não deixe que ninguém diga que você não pode fazer algo, essa criança era ninguém menos que Albert Einstein”.

(109) “Ele está se recuperando **aos poucos**.”

2.3.10 Aspecto Repetitivo

Assim como ocorre em outras línguas, no português, a iteratividade manifesta-se através de recursos gramaticais. O valor aspectual de repetição pode ser dado, por exemplo, por determinados sufixos colapsados aos verbos (Wiśniewska, 2006³⁵), a saber: -itar (ex. saltar/saltitar), -icar (ex. beber/bebericar) e -inhar (ex. cuspir/cuspinhar).

Medeiros (2012) afirma que o prefixo re- também é capaz de veicular o Aspecto Repetitivo no PB. Ao analisar a associação entre esse prefixo com leitura de repetição e os tipos de predicado no PB, Medeiros (2012) afirma que o re- não pode se associar a determinados predicados de atividade e a estados. Vejamos exemplos em (110) e (111) das incompatibilidades desse prefixo com os predicados de atividade e de estado, respectivamente (Medeiros, 2012, p.585-586):

(110) Verbos de atividade inergativos: #recorrer (significando “correr de novo”), *redormir, *reandar, *recaminhar, #reagir (significando “agir de novo”), *reviajar, *regritar, *ressorrir, *rerrir, *rerrespirar, *refalar, *rebailar, *redançar, *recantar, *repular, etc.

(111) *reamar, *reodiar, *regostar, *ressupor, *ressaber, *reestar, *resser, *redesejar etc.

Com relação aos predicados de *accomplishment*, Medeiros (2012), baseando-se em Dowty (1979), afirma que o prefixo re- acarreta apenas a leitura interna desses predicados, ou seja, a leitura de repetição seria considerada uma implicatura. Medeiros (2012), portanto, afirma que o prefixo re- só pode produzir a leitura de repetição quando se encontra associado a “um estado atingido pela denotação de seus complementos” (Medeiros, 2012, p.586). Ou seja, assumimos que, partindo da proposta de Medeiros (2012), o prefixo re- com leitura de repetição só poderia se associar a predicados de *achievement*.

Meirelles e Cançado (2014), ao analisarem a associação entre o prefixo re- e os predicados de *achievement*, verificaram que nem todos os predicados de *achievement*

³⁵ Esse trabalho aborda as manifestações morfossintáticas da iteratividade no português europeu (PE). Devido às similaridades entre o PB e o PE e baseando-nos em nossa intuição de falante nativo do PB, decidimos assumir que o PB se comporta de forma similar ao PE nesse sentido.

podem ser associar ao prefixo re- no PB, como podemos verificar nos exemplos em (112) e (113) a seguir (Meirelles; Cançado, 2014, p.166-167).

(112) *Ana **requebrou** o vaso.

(113) *João **rechegou** na festa.

Além disso, essas autoras também observaram que a associação entre o prefixo re- e os predicados de *achievement* pode acarretar a leitura restitutiva. Vejamos o exemplo em (114) a seguir (Meirelles; Cançado, 2014, p.167).

(114) O guarda Leopoldo **recapturou** o assaltante.

As leituras³⁶ para essa sentença foram parafraseadas em (115a) e (115b) (Meirelles; Cançado, 2014, p.167):

(115) a. O guarda Leopoldo recapturou o assaltante que já havia sido capturado pelo soldado Lucas em um momento anterior.

b. O próprio guarda Leopoldo capturou o assaltante mais de uma vez.

Após avaliarem diversos subtipos de predicados de *achievement*, Meirelles e Cançado (2014) não conseguiram chegar a uma conclusão a respeito do que permitiria que determinados predicados de *achievement* pudessem se associar ao prefixo re- e quais leituras emergiriam de cada uma dessas combinações. Logo, devido às incompatibilidades entre o prefixo re- e determinados predicados de atividade e os predicados de estado e à leitura ambígua ocasionada pela sua associação aos predicados de *accomplishment* e *achievement*, decidimos não utilizar e nem avaliar verbos que se associaram ao prefixo re- nos dados das crianças adquirindo o PB obtidos nesta pesquisa.

Outra forma de veicular o Aspecto Repetitivo no português é através das perífrases verbais constituídas por “voltar a + infinitivo” e “tornar a + infinitivo”. Essas perífrases exprimem as simples repetições da situação descrita pelo verbo principal, ou seja, correspondem à realização da ação descrita mais uma vez, equivalendo, assim, à expressão do verbo principal acompanhado da expressão adverbial “de novo” ou “outra

³⁶ Essas leituras são abordadas de forma mais detalhada na subseção 1.1.3 deste capítulo.

vez”. Vejamos exemplos de veiculação desse aspecto através do uso dessas perífrases nas sentenças em (116) e (117) a seguir (Wiśniewska, 2006, p.160-161).

(116) **Tornou a falar** aos estudantes.

(117) (...) engasgou-se, tossiu, **tornou a tossir**, quase sufocado.

Segundo Wiśniewska (2006), ambas as perífrases citadas anteriormente podem se associar a todos os tipos de predicados.

Com relação aos advérbios/expressões adverbiais veiculadores desse subtipo de aspecto, Cinque (1999) cita *di nuovo* (de novo), *novamente* (novamente), *ancora* (novamente) e outros como o sentido de *again* (de novo). No PB, esses advérbios/expressões adverbiais seriam correspondentes a “de novo” e “novamente” e ainda teríamos nessa língua outros advérbios/expressões adverbiais como o sentido de *again*, como “mais uma vez” e “outra vez”. Vejamos o exemplo em português em (118) a seguir (Cinque, 1999, p.92, adaptado).

(118) Gianni bateu a porta **de novo/novamente/mais uma vez/outra vez**.

3 AQUISIÇÃO DA SINTAXE NA PERSPECTIVA GERATIVISTA

Nesta tese, nos propomos a estudar o processo de aquisição da categoria funcional aspecto a partir do arcabouço teórico da Teoria Gerativa. Para tanto, tomamos como princípio teórico a hipótese inatista de aquisição de linguagem de Chomsky (1981, 1988). Também assumimos a proposta de Borer (1994), na qual se assume que a possibilidade de variação paramétrica estaria restrita somente aos componentes funcionais da sentença. Além disso, também adotamos como princípio teórico a proposta de Haegeman e Guéron (1998) segundo a qual algumas propriedades linguísticas, que poderiam ser entendidas como resultantes da fixação de diferentes parâmetros, podem estar relacionadas a um mesmo traço sintático. Logo, para elas, o processo de fixação de um grupo específico de parâmetros poderia ocorrer através da aquisição de um único traço.

Este capítulo aborda as hipóteses que norteiam a aquisição das categorias funcionais, mais especificamente, da categoria aspecto. Porém, antes disso, devemos abordar a evolução da teoria inatista de aquisição de linguagem ao longo dos últimos anos.

3.1 HIPÓTESE INATISTA DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

A Teoria Gerativa surgiu em 1957 a partir da publicação do livro *Syntax Structures* de Noam Chomsky. A Teoria Gerativa inova ao atribuir à sintaxe o papel de mecanismo principal da gramática. A gramática seria, então, a responsável pelas duas propriedades universais da competência linguística, a saber: a criatividade e a inovação. Para auxiliar na sustentação desse argumento, a Teoria Gerativa se proporia a responder as cinco grandes perguntas a respeito da linguagem (Chomsky, 1986; Chomsky; Lasnik, 1993; Jenkins, 2000) descritas a seguir (Chomsky, 1988, p. 4):

- I. O que constitui o conhecimento da linguagem?
- II. Como esse conhecimento é adquirido?
- III. Como esse conhecimento é posto em uso?
- IV. Como esse conhecimento é implementado pelo cérebro?

Esta tese tem como objetivo tentar responder à pergunta (II) e, conseqüentemente, à pergunta (I). Para atingirmos tal objetivo, analisamos dados linguísticos de crianças em

seu período de aquisição de linguagem. Esses dados são analisados a partir da hipótese inatista, a qual é adotada pelos gerativistas para explicar a aquisição de linguagem. Essa hipótese, assim como sua associação com a Teoria Gerativa, está descrita a seguir.

A pergunta (II) apresentada anteriormente está diretamente ligada ao que Chomsky (1986) chama de Problema de Platão. Esse nome é uma referência a um diálogo do filósofo Platão com Sócrates na Grécia Antiga. A grande questão que fica desse diálogo é a seguinte: “Como podem os seres humanos, cujo contato com o mundo é breve, pessoal e limitado, saber tanto quanto sabem?” (Chomsky, 1986, p.XXV). A resposta de Chomsky (1986) para essa questão é a de que os seres humanos já nascem preparados geneticamente para adquirir linguagem. Para tanto, nascem com um dispositivo inato denominado Gramática Universal (doravante GU), que, ao ser exposta a uma ou mais línguas, evoluirá para um órgão humano da linguagem, a chamada Faculdade da Linguagem (doravante FL). O desenvolvimento da GU está descrito mais detalhadamente a seguir.

Segundo a hipótese da modularidade da mente, também adotada na Teoria Gerativa, a mente humana é dividida em módulos regidos por princípios específicos a cada um deles, sendo, desse modo, cada um responsável por uma função específica da mente (Fodor, 1975). Um desses módulos seria a FL (Chomsky, 1988, 2000). Para Chomsky (2000), a FL seria considerada um órgão como qualquer outro, já que ela se constitui de uma estrutura complexa e não poderia ser retirada do corpo sem causar danos a ele. Mais especificamente, a FL seria o órgão da linguagem, pois seria o módulo da mente humana dedicado exclusivamente à linguagem (Chomsky, 2000).

Como já mencionado anteriormente, a FL possuiria como estágio inicial a GU (Chomsky, 1988). A GU nada mais é que nosso dispositivo linguístico inato responsável por possibilitar a aquisição de qualquer língua do mundo (Chomsky, 1988). Ela seria resultante de uma dotação genética e todos os seres humanos já nasceriam com ela. O desenvolvimento da FL ocorre através da exposição da GU a dados linguísticos do meio, ou seja, a dados linguísticos de uma ou mais línguas particulares. É a partir dessa exposição que ocorre o processo de aquisição de uma (ou mais) língua(s) materna(s) (ou L1) pelas crianças.

Somente a partir da exposição a esses dados linguísticos será possível realizar o processo de fixação de parâmetros. Os parâmetros são propriedades previstas pela GU relacionadas às especificidades sintáticas de cada língua, proporcionando a diferenciação entre as línguas do mundo. Quando essa fixação está completa, já não temos mais uma

GU e sim a gramática de uma língua específica, ou seja, atingimos o estado estável de nossa FL (Chomsky, 1988).

Além dos parâmetros, a GU também é constituída de princípios. Os princípios seriam um conjunto de regras gramaticais presentes em todas as línguas do mundo. Para cada princípio, teríamos um ou mais parâmetros que devem ser fixados durante o processo de aquisição. Na primeira versão da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981, 1988), os parâmetros eram definidos com binários e chegaram a ser comparados pelo próprio Chomsky a interruptores. Para essa versão da teoria, a criança teria que escolher entre as duas opções paramétricas para cada princípio ou “empurrar” o interruptor (que seria o princípio) para um dos lados (cada lado seria uma das opções paramétricas disponíveis na GU).

Por exemplo, segundo o Princípio da Projeção Estendida, todas sentenças de todas as línguas têm sujeito. As opções paramétricas para esse princípio seriam: ter um sujeito necessariamente foneticamente realizado, como ocorre no inglês (exemplo em (1)), ou não ter um sujeito necessariamente foneticamente realizado (ou autorizar o sujeito nulo), como ocorre no italiano (exemplo em (2)).

(1) *It is raining.*
 PRO estar.3SG.PRS chover.PROG
 ‘Está chovendo (agora).’

(2) *Piove.*
 Chover.PROG
 ‘Está chovendo (agora).’

Logo, a criança que estiver adquirindo o inglês empurrará seu interruptor para o lado da opção “sujeito necessariamente foneticamente realizado” e a criança que estiver adquirindo o italiano empurrará seu interruptor para o lado da opção “sujeito não necessariamente foneticamente realizado”.

Em meados dos anos de 1990, Chomsky formula o Programa Minimalista, viés da Teoria Gerativa que perdura até os dias atuais. Esse programa tem como objetivo analisar metodologicamente a sintaxe a fim de propor explicações gramaticais mais simples e econômicas para a mesma. Uma das principais contribuições que o Programa Minimalista trouxe para a Teoria Gerativa está diretamente associada à Teoria dos Princípios e Parâmetros. Segundo esse novo tipo de análise, o processo de parametrização

estaria diretamente associado à aquisição do léxico da L1 em desenvolvimento, ou seja, a parametrização ocorre a partir da aquisição dos traços lexicais presentes na L1 a que a criança está sendo exposta.

O léxico é um conjunto de entradas lexicais, sendo cada uma delas um sistema articulado de traços. São esses traços lexicais que determinam as propriedades fonéticas, semânticas e sintáticas dos itens lexicais presentes na língua. Chomsky (1995) afirma que as propriedades do léxico são também fortemente restringidas pela GU ou por outros sistemas da mente/cérebro e que cada parâmetro se refere a propriedades de elementos específicos do léxico ou da categoria de itens lexicais.

Borer (1984) questiona, em seu estudo, qual seria a fonte de variação paramétrica e o que determinaria o alcance dos parâmetros. A autora afirma que, para responder essas perguntas, seria necessário, inicialmente, restringir a classe de possíveis parâmetros. Segundo a autora, uma posição mais forte a esse respeito seria a de que não haveria escolhas específicas da língua no que diz respeito à realização de processos e princípios universais. Em vez disso, a variação interlinguística seria restrita às propriedades idiossincráticas dos itens lexicais. Essas idiossincrasias, que são claramente aprendidas, interagiriam com princípios da GU de uma maneira particular. Essa interação resultaria em sistemas/línguas diferentes (Borer, 1984).

Uma posição mais fraca sobre a natureza dos parâmetros seria, então, a de que cada princípio da GU pode ser verdadeiro ou falso para uma gramática particular, dependendo da disponibilidade de evidências que podem determiná-lo (BORER, 1984). A autora não assume nenhuma dessas posições em seu estudo, mas chega a uma conclusão importante a respeito dos modelos paramétricos: a possibilidade de variação paramétrica estaria restrita somente aos componentes funcionais da sentença (BORER, 1984).

O inventário desses componentes flexionais da sentença seria universal; no entanto, a disponibilidade de um subconjunto particular dessas relações para qualquer item formativo gramatical ou lexical é uma idiossincrasia, ou seja, particular de cada língua (Borer, 1984). A interação desse conjunto de propriedades com os princípios da GU, por sua vez, daria origem a diferentes gramáticas (Borer, 1984).

As autoras Haegeman e Gueron (1998), ao realizarem uma pesquisa comparativa entre línguas, verificaram que determinadas características presentes nas línguas pareciam estar interligadas entre si. Por exemplo, em línguas que as autoras chamam de

“línguas com AgrSP³⁷ fraco”, como o inglês, o verbo não se moveria para a posição de núcleo do sintagma AgrSP, assim como ele também não seria capaz de se mover para o núcleo do sintagma CP e, ainda, apresentaria poucas distinções na marcação morfológica de concordância com seus sujeitos. O oposto aconteceria com “línguas com AgrSP forte”, como o italiano. Dessa forma, as autoras puderam concluir que essas características que estão diretamente ligadas a variação paramétrica, seriam, na verdade, propriedades associadas a um único traço, o $[\pm \text{AgrS}]$, e especificação desse enquanto fraco ou forte. A partir de então, as características presentes nas línguas começaram a ser associadas a propriedades de traços e não mais a possibilidades paramétricas.

Baseando-nos nas propostas apresentadas nesta seção, mais especificamente na proposta de Haegeman e Guéron (1998), buscamos, nesta pesquisa, contribuir para o entendimento da motivação de determinadas propriedades linguísticas relacionadas à expressão da categoria gramatical aspecto a partir da análise de dados provenientes da aquisição de traços aspectuais no PB. Os núcleos funcionais que são estudados nesta pesquisa, portanto, são os que comportam diferentes traços de aspecto. Como exposto no primeiro capítulo desta tese, esses traços são os responsáveis pela veiculação das diferentes formas de visualizar as informações temporais internas de uma situação (COMRIE, 1976).

3.2 AQUISIÇÃO DE CATEGORIAS FUNCIONAIS

O período de aquisição de linguagem é, segundo Quadros (2007), dividido em dois estágios: o pré-linguístico e o linguístico. No primeiro desses, a comunicação oral da criança ocorre através dos balbucios. Essa manifestação ocorre em todos os bebês, inclusive nos surdos. Os balbucios ocorrem já nos primeiros meses de vida e apresentam uma organização progressiva. Com aproximadamente 10 meses, a criança começa a selecionar os sons utilizados pela(s) língua(s) presente(s) no ambiente linguístico passando a produzir um balbucio diferenciado: o jargão. Os jargões são combinações de sons com controle melódico, porém sem estrutura de palavra (Quadros, 2007).

O estágio linguístico é subdividido em três outros estágios, a saber: o estágio de uma palavra (holofrástico), o de duas palavras (telegráfico) e o de combinações múltiplas. Esses estágios encontram-se descritos a seguir.

³⁷ AgrSP é a sigla referente ao sintagma de concordância do sujeito.

Por volta de um ano de idade, a criança produz sua primeira palavra reconhecível pelos adultos e é esse fato que marca o início do estágio de uma palavra (Radford, 1988). Nesse estágio, encontramos produções de nomes e verbos (Brown, 1973) e, ainda, de locativos, interrogativos e negação (Scliar-Cabral, 1977 *apud* Lessa, 2015, p.73). Essa fase também é chamada de fase holofrástica porque uma palavra, normalmente, representa uma sentença inteira (Quadros, 2007).

O estágio de duas palavras acontece por volta dos dois anos de idade (Quadros, 2007). Esse estágio também é conhecido como a fase de “fala telegráfica”, pois, nessa etapa, a criança não produz os elementos de ligação que devem estar presentes em uma frase, como as preposições e as conjunções. Ainda, nessa fase, a criança já consegue determinar quem é o sujeito e o objeto de uma frase através da ordenação de suas palavras (Brown, 1973; Pinker, 1995), produz frases comumente na ordem verbo-objeto (no português) e começa a distinguir os tipos de frase (interrogativas, afirmativas e negativas), mas ainda não consegue referir-se corretamente às 1ª e 2ª pessoas do discurso (Quadros, 2007; Scliar-Cabral, 1977 *apud* Lessa, 2015, p.73).

Entre as idades de 2 anos e 2 anos e meio, a criança atinge o último estágio da fase linguística: o estágio das combinações múltiplas (Quadros, 2007). Nesse momento, ocorre o que Pinker (1995) chama de “explosão gramatical”. Nessa fase, a criança já produz frases curtas utilizando artigos e preposições. Além disso, consegue responder perguntas sim/não, diferir sentenças com e sem auxiliares e realizar frases com interrogativos com o conjunto de palavras *qu-* (por exemplo, “que”, “qual”, “quando”) e elementos conectivos (Quadros, 2007). Ainda nesse estágio, começam a surgir os morfemas de concordância, gênero e tempo (Pinker, 1995).

Como sugerem os parágrafos acima, parece que as crianças começam a lidar com fenômenos linguísticos relacionados às categorias funcionais entre o segundo e o terceiro estágio da fase linguística. Sendo as categorias que dão conta do fenômeno estudado nesta tese consideradas funcionais, é de especial interesse para este estudo as hipóteses que dão conta da aquisição dessas categorias, que é tema das próximas subseções.

3.2.1 Hipótese Continuista

Segundo Hyams (1987 *apud* TSIMPLI, 1991, p.129) e Pinker (1984), defensores da Hipótese Continuista, a transição entre os estágios de aquisição de linguagem ocorre devido ao reconhecimento por parte da criança de uma peça ou um conjunto de dados

fundamentais, denominados “dados de disparo”. Para esses autores, todos os princípios da GU estariam disponíveis para a criança desde o início da aquisição e a introdução dos dados de disparo para a criança possibilitaria a reconstrução, ou seja, a mudança de estágio da sua gramática.

De acordo com a Hipótese Continuista, o sistema cognitivo das crianças é supostamente idêntico ao dos adultos (Lewontin, 1996 *apud* Yang, 2002, P. 17; Maynard Smith, 1989 *apud* Yang, 2002, P.17). Para Pinker (1984), as diferenças entre as gramáticas da criança e do adulto estariam relacionadas ao desempenho, e não à competência linguística. Yang (2002) afirma que isso é, em certo nível, verdadeiro, pois as crianças são mais propensas a realizar erros que os adultos porque alguns dos componentes extralinguísticos importantes para o desempenho, como memória, articulação e processamento, ainda estão em processo de desenvolvimento. Porém, Yang (2002) defende que a linguagem infantil estaria sujeita aos mesmos princípios e restrições que a linguagem adulta e cada enunciado produzido pelas crianças seria potencialmente uma produção possível na linguagem adulta. O que diferenciaria as gramáticas da criança e do adulto seria a organização de um sistema gramatical contínuo. Esta hipótese é ilustrada neste capítulo por meio da apresentação dos estudos de Pinker (1984, 1995), Hyams (1996), Wexler (1996, 1998) e Yang (2002) a seguir.

Pinker (1995) estudou a aquisição de tempo passado em verbos regulares e irregulares na língua inglesa. Os verbos regulares são conjugados nesse tempo verbal através do acréscimo do sufixo *-ed*, como podemos ver em *to work / worked* (trabalhar / trabalhou). Já as formas irregulares podem ser expressas através de uma alguma alteração na raiz do verbo, como no caso de *to steal / stole* (roubar / roubou). Vejamos alguns exemplos de produção de verbos no passado utilizados por crianças adquirindo inglês e apresentados pelo próprio autor em sua análise (Pinker, 1995, p.109):

(3) *My teacher **holded** the baby rabbits and we patted*

PRO professor abraçar.3SG.PST ART bebê coelhos e PRO acariciar.1PL.PST
them.

PRO

‘Meu professor abraçou os filhotes de coelho e nós fizemos carinho neles.’

(4) *I **finded** Renée.*

PRO encontrar.1SG.PST Renée

‘Eu encontrei Renée.’

(5) *I love cut-upped egg.*

PRO amar.1SG.PRS cortar.3PL.PST ovo

‘Eu amo ovo cortado.’

Os verbos destacados acima não foram conjugados conforme a gramática mental do falante adulto do inglês, pois eles fazem parte do grupo de verbos irregulares, de modo que o uso do sufixo *-ed* não é indicado para conjugá-los no tempo passado. Note que as crianças fizeram isso até no exemplo em (5), no qual temos um verbo inventado por ela mesma (*to cut up*, uma combinação do verbo *to cut* + a partícula *up*).

Para o autor, as crianças estariam generalizando o processo de conjugação de tempo passado. Esse fenômeno é chamado de *overregularization* e é um sinal claro de que as crianças adquiriram algo, como a regra de passado. Esse é **um dos três estágios pelos quais as crianças passam na fase de aquisição do passado**. No primeiro estágio, as crianças simplesmente memorizam as formas verbais que expressam o tempo passado, não importando se o verbo é regular ou irregular, **utilizando a forma verbal adequadamente**. Ao perceber o uso frequente do sufixo *-ed* para determinar tempo passado, as crianças começam a generalizar o uso dessa regra para todos os tipos de verbo. Esse é o segundo estágio, **do *overregularization***, e foi ilustrado nos exemplos acima. Quando as crianças começam a diferenciar os verbos regulares dos irregulares segundo as regras de formação de passado, elas atingem o terceiro estágio.

Para Hyams (1996), a gramática inicial da criança contém o conjunto completo de categorias funcionais, mas os traços dos núcleos dessas categorias estariam subespecificados (*underspecified*). Quando dizemos que um traço está subespecificado, significa que ele não estaria ativado na gramática mental da criança. A subespecificação tem como reflexos morfossintáticos a ausência de morfologia finita de determinantes, a presença de sujeitos nulos em línguas não-*pro-drop* etc. A diferença entre as gramáticas da criança e do adulto se dá pela possibilidade de ter ou não um núcleo funcional com um traço subespecificado (essa possibilidade está marginalmente disponível na linguagem do adulto).

Um núcleo cujo traço está subespecificado não possibilita a checagem de traços no sintagma correspondente e, portanto, a interpretação do constituinte que seria checado nesse núcleo deve ser deiticamente atribuída. A interpretação dêitica não existe na gramática adulta devido à relação sangradora entre gramática e pragmática, o que exige que as variáveis – sejam elas temporais ou nominais – sejam interpretadas

gramaticalmente sempre que possível (Reinhart, 1993 *apud* Hyams, 1996, p.115). A mudança para a gramática adulta envolveria, portanto, uma reestruturação (ou várias reestruturações) não da própria sintaxe, como defendido por aqueles que assumem a Hipótese Maturacional (a qual é explicada na próxima subseção), mas sim do mapeamento entre gramática e pragmática.

Wexler (1996, 1998), apesar de ser classificado como um adepto da Hipótese Continuista, apresenta uma proposta diferente da dos outros autores apresentados anteriormente. Como Pinker (1995) e Hyams (1996), o autor acredita que a gramática da criança precisa passar por um processo de maturação, porém, diferentemente desses e analogamente ao que é defendido pelos adeptos da Hipótese Maturacional, não acredita que as categorias funcionais não estariam disponíveis nas fases iniciais de aquisição.

Segundo Wexler (1996), o desenvolvimento das categorias funcionais vai ocorrer de acordo com uma programação biológica geneticamente determinada. Para esse autor, a criança já nasce com todos os componentes da GU em seu pacote genético, porém é necessário o amadurecimento da gramática para que certos aspectos da GU possam emergir. O que diferencia os pressupostos dessa hipótese dos da Hipótese Maturacional é o fato de que, para a Hipótese Continuista, as categorias funcionais não são adquiridas, pois são componentes da GU.

Para Wexler (1998), o desenvolvimento dessas categorias desdobra-se ao longo do tempo seguindo um modelo genético. Esse modelo é o mesmo para todas as crianças independentemente da língua que estiver sendo adquirida. Os parâmetros fixados (propriedades flexionais) interagindo com os elementos flexionais que se desenvolvem inatamente criam efeitos de superfície bastante diferentes no desenvolvimento de diferentes línguas.

Baseando-se em trabalhos anteriores, Wexler (1998) propõe que a aquisição das categorias funcionais ocorre em duas fases:

- a. *Very Early Parameter-Setting*: os parâmetros básicos são fixados corretamente nas primeiras fases de aquisição de linguagem, mais especificamente quando a criança entra na fase de duas palavras (com aproximadamente 18 meses de idade);
- b. *Very Early Knowledge of Inflection*: No estágio de duas palavras, a criança já conhece as propriedades gramaticais e fonológicas de elementos flexionais importantes da sua língua.

Apesar de comportar os conhecimentos previstos pelas hipóteses (a) e (b) expostas anteriormente, a gramática da criança ainda seria diferente da gramática do adulto. Isso ocorreria, às vezes, porque a criança em fase de aquisição omite marcações morfológicas de tempo e concordância verbal³⁸. Essa omissão aconteceria, segundo Wexler (1998), devido a uma restrição no momento de checagem do DP sujeito na gramática da criança. Ou seja, em uma determinada fase, a criança só seria capaz de checar o DP em TP ou AgrP.

Para Yang (2002), a gramática infantil em desenvolvimento reflete uma combinação de possíveis gramáticas permitidas pela GU, porém apenas algumas dessas são mantidas quando a aquisição termina. O autor propõe um modelo de desenvolvimento de linguagem chamado de Modelo Variacional (*Variational Theory*). Esse modelo faz duas previsões gerais sobre o desenvolvimento da linguagem:

- a. A taxa de desenvolvimento é determinada pela probabilidade de existência de gramáticas concorrentes;
- b. À medida que a gramática da criança se aproxima da gramática alvo, a criança contempla gramáticas coexistentes, que devem ser refletidas na não uniformidade e inconsistência da sua língua.

Para o autor, a criança teria acesso a várias gramáticas especificadas pela GU. Cada uma dessas gramáticas, chamadas de gramáticas variantes, teria um peso e competiria com as demais. Inicialmente, as gramáticas não seriam diferenciadas, isto é, teriam o mesmo peso. No início do processo de aquisição, a criança produziria sentenças permitidas por essas diferentes gramáticas, já que, nesse momento, elas não estariam competindo entre si. Ao longo do desenvolvimento da linguagem, algumas dessas gramáticas iriam perdendo força (devido aos dados promovidos pelo *input*), e, portanto, nesse período intermediário, teríamos uma produção maior de uma gramática em detrimento das outras (seria nesse momento que começaria a competição entre as gramáticas). Terminado o processo de aquisição de linguagem, a gramática alvo

³⁸ Wexler (1998) baseia suas hipóteses em dados da aquisição da língua inglesa, somente. Nessa língua, particular, a omissão de morfemas de tempo e concordância (ou seja, a forma nu do verbo) não produz uma não-palavra (como acontece em algumas línguas, em que a omissão do morfema produz algo que as crianças não realizariam).

permaneceria, pois teria peso maior e, como consequência, conseguiria eliminar as outras gramáticas.

A Hipótese Continuista não está imune a críticas. Tsimpli (1991) propõe algumas questões importantes a respeito dessa hipótese. Para a autora, Hyams (1987 *apud* TSIMPLI, 1991, p.129) e Pinker (1984) não deixaram claro em seus trabalhos quais seriam os dados de disparo – ou seja, aqueles que efetivamente possibilitam a fixação de parâmetros ou a especificação de determinados traços flexionais – e suas origens ou quais seriam as propriedades que diferenciariam os dados de disparo dos outros dados aos quais a criança está exposta durante o processo aquisitivo de linguagem.

Na próxima subseção, abordamos a Hipótese Maturacional, a qual seria uma contraproposta à Hipótese Continuista. Essa proposta é defendida por, dentre outros, Tsimpli (1991), autora que, conforme expresso no parágrafo anterior, apresenta uma das principais críticas à Hipótese Continuista de aquisição de linguagem.

3.2.2 Hipótese Maturacional

Segundo a Hipótese Maturacional, o desenvolvimento da linguagem pelos estágios da aquisição é proporcionado por fatores maturacionais inerentes, semelhante ao que acontece com o desenvolvimento de outros fenômenos biológicos (Felix, 1984 *apud* Tsimpli, 1991, P. 130; Borer; Wexler, 1987). Esses fatores são responsáveis por restringirem a ordem de disponibilidade dos princípios da GU para a criança, isto é, os princípios da GU não estariam acessíveis até que a criança estivesse madura o suficiente para acessá-los. A aquisição de um novo princípio pela criança seria o marco de passagem de um estágio para o outro no processo de aquisição de linguagem. Essa hipótese é apresentada neste capítulo através da exposição dos estudos de Radford (1988, 1990), Tsimpli (1991) e Guilfoyle e Noonan (1992).

Radford (1990), ao estudar a aquisição de linguagem por crianças falantes do inglês britânico, propõe que a aquisição ocorre em três estágios. No primeiro deles, a linguagem infantil não possui categorias, nem lexicais nem funcionais. No segundo estágio, a linguagem infantil possui elementos da categoria lexical. No terceiro estágio, a linguagem infantil passa a possuir também categorias funcionais.

No segundo estágio de aquisição, as categorias sintáticas produzidas pelas crianças implicam em projeções dessas categorias e é nessa fase que as crianças apresentam uma estrutura similar ao que Radford (1988, 1990) denomina *small clauses*

(mini-oracões). Essas *small clauses* apresentam a estrutura [NP XP], onde XP pode ser qualquer sintagma lexical (VP, NP, PP ou AP³⁹).

Segundo Radford (1988, 1990), as crianças, assim como os adultos, seriam capazes de produzir *small clauses*, mas essas não teriam as mesmas características e propriedades daquelas produzidas pelos adultos. O autor, então, compara as *small clauses* produzidas pelas crianças às *small clauses* produzidas por falantes nativos adultos de uma língua. As *small clauses* dos adultos só seriam gramaticais quando inseridas dentro de um CP ou IP. Mais especificamente, elas só seriam possíveis quando utilizadas como complemento de um subgrupo de verbos transitivos. Vejamos os exemplos que ilustram *small clauses* produzidas pelos adultos a seguir (Radford, 1990, p.28).

(6) a. *Most people find [Syntax a real drag].*

Muita gente achar.3PL.PRS sintaxe um verdadeiro entrave

‘Muitas pessoas acham sintaxe um verdadeiro entrave.’

b. * *Syntax a real drag.*

sintaxe um verdadeiro entrave

‘*Sintaxe um verdadeiro entrave.’

(7) a. *I believe [the President incapable of deception].*

PRO acreditar.1SG.PRS ART president incapaz PREP decepcionar

‘Eu acho o Presidente incapaz de nos decepcionar.’

b. * *The President incapable of deception.*

ART president incapaz PREP decepcionar

‘*O Presidente incapaz de nos decepcionar.’

Conforme observado nos exemplos em (6) e (7), as *small clauses* produzidas pelos adultos não podem se constituir como orações independentes. Porém, as *small clauses* das crianças podem ser usadas como complemento de quaisquer verbos transitivos ou como orações independentes. Vejamos exemplos que ilustram *small clauses* produzidas por crianças a seguir (Radford, 1990, p.29):

(8) *Want [hat on].*

³⁹ Entende-se VP como Sintagma Verbal, NP como Sintagma Nominal, PP como Sintagma Preposicional e AP como Sintagma Adjetival.

querer.INF chapéu PREP

‘Quer [chapéu na cabeça].’

(9) *Key down.*

chave chão

‘Chave chão.’

O exemplo em (8) mostra uma *small clause* utilizada como complemento do verbo transitivo *to want* (“querer”). Já o exemplo em (9) mostra um caso no qual temos o uso de uma *small clause* como oração independente.

Essa possibilidade de usar ou não uma *small clause* como oração independente é explicada por Radford (1988, 1990) como consequência da falta de domínio dos princípios básicos da Teoria do Caso por parte da criança. Em outras palavras, esses princípios não estão operando na gramática da criança nesta fase de aquisição especificamente.

Outra diferença importante entre as sentenças produzidas por falantes nativos adultos de uma língua natural e por crianças em fases iniciais de aquisição de linguagem estaria relacionada à propriedade de atribuir papel temático (Radford, 1990). Segundo o autor, na fala das crianças, encontramos somente relação de irmandade temática, enquanto que, na fala dos adultos, podemos encontrar relações de irmandade temática e não-temática. Vejamos essa situação no exemplo a seguir (Radford, 1988, p.23):

(10) Adulto: *What did you draw?*

COMP AUX.PST você desenhar.INF

‘O que você desenhou?’

Criança: *Hayley draw boat.*

Hayler desenhar.3SG.PRS barco

‘Hayley desenha barco.’

No caso apresentado em (10), temos o verbo *to draw* (desenhar) na fala da criança sem a marcação morfológica de tempo passado⁴⁰. O núcleo do sintagma de tempo (TP) não atribui papel temático, assim como demais núcleos funcionais. A ausência da marcação morfológica de passado na fala da criança em (10) leva Radford (1988, 1990) a

⁴⁰ No caso apresentado no exemplo em (10), temos o verbo *to draw* (desenhar) sendo veiculado no tempo presente. Essa forma verbal parece se comportar como *default* na veiculação dos tempos verbais no processo de aquisição de linguagem.

concluir que não seria possível para a gramática da criança estabelecer irmandade não-temática.

Radford (1988) conclui que as *small clauses* das crianças seriam caracterizadas, basicamente, como orações que ocorrem de maneira independente de sentenças que contenham uma camada funcional (CP e IP) e a ausência da camada funcional proporciona a ausência de outras estruturas com as quais essa camada está relacionada. A ausência do sintagma IP estaria diretamente relacionada à ausência de produção da flexão verbal finita, do verbo *to have* (ter) como auxiliar na perífrase de passado composto, da cópula *be* (ser/estar), do verbo *to be* (estar) na perífrase progressiva e da marcação de caso nominativo. Já a ausência do sintagma CP estaria relacionada à ausência de produção de auxiliares (como *do*, *does*, *did* e *have*, por exemplo) e palavras *qu-* prepostos em interrogativas (Radford, 1990).

Isso significaria que os constituintes funcionais são mais dependentes de uma maturação por parte da criança para serem adquiridos posteriormente, o que não ocorreria, por exemplo, com os constituintes lexicais (Radford, 1990). Os sintagmas da camada funcional necessitariam dos dados do meio para poder passar pelo processo de parametrização e, por conseguinte, emergirem na fala da criança. Ainda, segundo Radford (1990), todas as categorias lexicais seriam adquiridas ao mesmo tempo e antes das categorias funcionais.

Tsimpli (1991) é outra autora que defende a Hipótese Maturacional de aquisição de linguagem. Porém, ela propõe uma versão um pouco diferente da que foi proposta por Felix (1984 *apud* Tsimpli, 1991, p.130) e Borer e Wexler (1987) e defendida por Radford (1988, 1999). Segundo aquela autora, todos os princípios da GU estão disponíveis para a criança desde o início do processo aquisitivo de linguagem, mas, para que haja a aquisição das categorias funcionais, é preciso que ocorra uma maturação da linguagem da criança. Tsimpli (1991) denomina essa nova proposta de Teoria da Maturação das Categorias Funcionais. A autora chama a fase anterior à da aquisição das categorias funcionais de fase pré-funcional. Sob o pressuposto de que os parâmetros estão associados a categorias funcionais, Tsimpli (1991) dita que a fase pré-funcional seria a fase na qual os parâmetros ainda não estariam fixados.

Uma das observações mais importantes feita pela autora é de que certos elementos relacionados a uma dada categoria funcional podem aparecer na fala da criança antes mesmo de essa categoria ter sido adquirida. Para explicar isso, a autora utiliza exemplos,

dentre outros, de *corpora* do francês e do grego. Vejamos alguns desses exemplos a seguir (Lightbown, 1977 *apud* Tsimpli, 1991, p.135).

- (11) *Michel dormir la.*
Miguel dormir.INF PRO
‘*Miguel dormir lá.’
- (12) *Pji ato ego.*
beber.3SG PRO PRO
‘*Eu bebe isso.’

No exemplo em (11), temos uma sentença produzida por uma criança adquirindo o francês. Nela, podemos verificar presença do sufixo de infinitivo, o qual ilustra o uso de uma morfologia ainda não compatível com aquela utilizada na gramática adulta e relacionada a traços de TP, ou seja, uma categoria funcional. Na perspectiva de Tsimpli (1991), ao se analisar o exemplo em (11) do ponto de vista morfofonológico, seria o sufixo de infinitivo presente no verbo *dormir* que permitiria que a sentença desse exemplo fosse considerada gramatical, uma vez que o radical do verbo sem qualquer sufixo não seria uma palavra bem formada nessa língua. Isto é, segundo a autora, o recurso exposto acima é um princípio da GU e, por isso, estaria presente desde o início da aquisição de linguagem.

Uma condição semelhante ocorre no exemplo em (12) do grego. Nele, temos o morfema de concordância de terceira pessoa do singular sendo utilizado para um sujeito de primeira pessoa do singular. Novamente, um princípio da GU é utilizado como recurso pela criança antes que a mesma tenha adquirido a categoria funcional AgrP. Esse recurso teria como objetivo produzir sentenças gramaticais, uma vez que o radical do verbo sem qualquer sufixo não seria uma palavra bem formada nessa língua.

Tsimpli (1991) reconhece que não sabe qual seria a ordem para aquisição das categorias funcionais, porém afirma que a ordem de aparição de cada categoria funcional é guiada por uma programação pré-determinada pela GU. A autora ainda afirma que toda vez que uma nova categoria funcional é adquirida, uma nova estrutura/um novo elemento é projetado/adicionado na estrutura da sentença e, conseqüentemente, uma nova projeção da representação sintática é adicionada. A introdução de uma nova categoria funcional marcaria a passagem de um estágio de aquisição de linguagem para outro.

Guilfoyle e Noonan (1992) também propõem uma versão um pouco diferente da Hipótese Maturacional de Felix (1984 *apud* Tsimpli, 1991, p.130) e Borer e Wexler (1987). Essa proposta chama-se Hipótese da Construção Estrutural. As autoras se baseiam no pressuposto de que o que amadurece durante o processo de aquisição de linguagem são as estruturas gramaticais e não os princípios da GU.

Guilfoyle e Noonan (1992) ainda afirmam que as categorias funcionais surgem após as categorias lexicais. Nos estágios iniciais de aquisição, as crianças têm as categorias N, V, A e P, mas não possuem as categorias I, COMP, DET e KASE. A gramática infantil, portanto, difere da do adulto de maneiras previsíveis. Em outras palavras, embora a gramática infantil em cada estágio esteja em conformidade com princípios da GU, não é necessariamente idêntica à gramática adulta de uma língua.

Essas autoras ainda estabelecem que toda vez que uma categoria funcional é adquirida, uma projeção referente a ela é adicionada à representação sintática estrutural. As autoras também afirmam que a introdução de uma nova categoria funcional no sistema linguístico marca a transição de um estágio da gramática para outro. Na maioria dos casos, as mudanças assumem a forma de processos que, nos estágios anteriores, não poderiam acontecer devido à ausência da categoria funcional em questão.

Algumas críticas foram realizadas à Hipótese Maturacional. Segundo Yang (2002), essa hipótese propõe que a competência da criança e a competência do adulto são qualitativamente diferentes. A linguagem da criança estaria sujeita a regras e restrições diferentes das da linguagem do adulto e, com isso, poderíamos ter, por exemplo, um princípio linguístico funcionando de forma diferente em crianças e adultos ou um conhecimento gramatical ausente nas crianças mais jovens, mas que se tornaria disponível a medida em que a criança sofresse uma maturação biológica (Felix, 1984 *apud* Tsimpli, 1991, p. 130; Borer; Wexler, 1987). Isso significaria um desafio para o conceito de GU (Yang, 2002).

Como vimos da seção 2.1.1, os adeptos da Hipótese Continuista (Pinker, 1984, 1995; Hyams, 1996; Wexler, 1996, 1998; Yang, 2002) sustentam as ideias de que os princípios da GU estariam disponíveis para a criança desde o nascimento e de que seria necessária a introdução dos chamados “dados de disparo” para que a gramática da criança passe pelas mudanças de estágio.

Já a Hipótese Maturacional se baseia na ideia de que as categorias funcionais vão realmente sendo aos poucos adquiridas, a cada novo estágio da aquisição. Tsimpli (1991), apesar de adepta dessa hipótese, propõe que os princípios estariam disponíveis para a

criança desde seu nascimento, porém seria necessária uma maturação por parte da mesma para que houvesse a aquisição desses princípios.

A Hipótese da Construção Estrutural de Guilfoyle e Noonan (1992) apresentada nesta subseção é adotada nesta tese. Essa vertente da Hipótese Maturacional foi escolhida porque, como vemos na revisão de literatura exposta na próxima seção, acreditamos que a criança já nasce com os princípios da GU, mas a aquisição das categorias funcionais não aconteça ao mesmo tempo e sim ao longo do desenvolvimento da criança.

3.3 AQUISIÇÃO DA CATEGORIA FUNCIONAL ASPECTO

3.3.1 Hipótese da Primazia do Aspecto

Uma das principais hipóteses que norteia os estudos sobre aquisição de tempo e aspecto é chamada de Hipótese da Primazia do Aspecto (Andersen, 1989; Andersen; Shirai, 1996). Segundo essa hipótese, a produção de determinado morfema flexional nas fases iniciais de aquisição de linguagem veicularia somente aspecto semântico e não aspecto gramatical ou tempo. Após analisarem uma vasta produção bibliográfica a respeito do assunto, Andersen e Shirai (1996) concluem que a aquisição das morfologias verbais ocorre da seguinte forma:

- a. As crianças utilizam inicialmente a morfologia de perfectivo predominantemente associada a verbos de *accomplishment* e *achievement*, eventualmente estendendo o uso dessa morfologia a verbos de atividade e estado;
- b. Em línguas em que há a distinção perfeito/imperfeito, o imperfectivo passado aparece na fala da criança mais tarde que a morfologia de perfectivo e o imperfectivo passado aparece, inicialmente, associado a verbos de estado e atividade, estendendo-se posteriormente para verbos de *accomplishment* e *achievement*;
- c. Em línguas que apresentam o aspecto gramatical progressivo⁴¹, as crianças inicialmente usam a morfologia progressiva predominantemente associada a verbos de atividade, estendendo posteriormente o seu uso a verbos de *accomplishment* e *achievement*;
- d. As crianças não associam a morfologia progressiva a verbos de estado.

⁴¹ O PB é uma das línguas que manifesta morfossintaticamente o aspecto gramatical progressivo.

Andersen e Shirai (1996) relatam que nem todos os autores revisitados por eles descrevem o processo de aquisição morfológica com tantos detalhes e nem utilizam as mesmas nomenclaturas e classificações de aspecto semântico. Isso provoca, segundo Andersen e Shirai (1996), uma confusão na hora de associar e comparar os resultados entre autores.

Segundo Andersen e Shirai (1996), essas divergências com relação aos fatores determinantes para o processo de aquisição de tempo e aspecto também são ocasionadas por uma falta de distinção entre aspecto gramatical e aspecto semântico pelos autores. Essa falta de padrão para análise acarreta confusões terminológicas e conceituais que dificultam a elaboração de uma hipótese mais geral a respeito do processo de aquisição de tempo e aspecto. Um exemplo, segundo Andersen e Shirai (1996), é o que ocorre na pesquisa de Bloom, Lifter e Hafitz (1980). Esses últimos autores, ao proporem uma ideia de “aspecto antes de tempo”, não foram explícitos sobre a distinção entre aspecto gramatical e semântico.

Analisando, especificamente o pressuposto (a) da Hipótese da Primazia do Aspecto (doravante HPA), verificamos que há realmente essa falta de consenso entre os autores identificada por Andersen e Shirai (1996). No quadro 3 a seguir, temos um resumo de pesquisas importantes a respeito do assunto. Nela, podemos verificar que os predicados inicialmente utilizados com a morfologia de perfectivo são os de *achievement* e *accomplishment*, porém, não podemos identificar uma concordância entre os autores em relação ao(s) elemento(s) motivador(es) para esse uso.

AUTOR(ES)	LÍNGUA ESTUDADA	QUANTIDADE DE CRIANÇAS INVESTIGADAS	TIPOS DE PREDICADO UTILIZADOS COM PERFECTIVO	POSSÍVEL MOTIVAÇÃO PARA O USO DA MORFOLOGIA
Bronckart e Sinclair (1973)	francês	74	<i>achievement</i> e <i>accomplishment</i>	Resultados finais do evento claros e eventos de menor duração
Antinucci e Miller (1976)	inglês e italiano	75	<i>achievement</i> e <i>accomplishment</i>	Resultados finais do evento claros

Simões e Stoel-Gammon (1979)	PB	4	<i>achievement</i>	Completude, terminação e tempo imediato ⁴²
Bloom, Lifter e Hafitz (1980)	inglês	4	<i>achievement e accomplishment</i>	Contornos aspectuais dos eventos
De Lemos (1981)	PB	2	<i>achievement e accomplishment</i> ⁴³	Traço [+ télico]
Aksu-Koq (1988)	turco	3	<i>achievement e accomplishment</i> ⁴⁴	Completude do evento

Quadro 3: Resultados de pesquisas sobre aquisição da morfologia de perfectivo.

Apesar dessa falta de concordância entre os achados, Andersen e Shirai (1996) concluem que o elemento motivador para o uso da morfologia de perfectivo no início do processo de aquisição seria o traço [+ télico], já que esse traço está marcado positivamente somente nos verbos de *achievement* e *accomplishment*, os quais seriam os primeiros verbos aos quais essa morfologia é associada no início do processo de aquisição de linguagem.

Com relação ao pressuposto (b) da HPA, destacamos a falta de trabalhos a respeito desse tema específico. Pouquíssimos trabalhos, como os de Antinucci e Miller (1976) e De Lemos (1981), parecem questionar o processo de aquisição da morfologia de imperfectivo passado. Porém, ao analisarmos os resultados desses poucos trabalhos disponíveis na literatura, encontramos uma coerência em relação aos seus resultados: a morfologia de imperfectivo passado parece se associar, inicialmente, a verbos de estado e

⁴² Simões e Stoel - Gammon (1979) afirmam que o uso da morfologia de perfectivo fica restrita à “apenas em verbos que expressam uma ação concluída no passado imediato, por exemplo “caiu”, “acabou” e “quebrou (Simões; Stoel- Gammon, 1979, p.66, tradução nossa) nas fases iniciais de aquisição de linguagem.

⁴³ Apesar de determinar que as primeiras associações feitas pelas crianças sejam entre a marcação de perfectivo e verbos de *accomplishment* e *achievement*, a autora restringe essas combinações a contextos específicos. Dessa forma, a associação entre a morfologia de perfectivo e verbos de *accomplishment* só ocorreria em contextos nos quais há ações feitas pela própria criança e a associação entre essa morfologia e verbos de *achievement* só ocorreria em “contextos nos quais a criança parece estar prestando a atenção na mudança de estado resultante dos processos não observados” (de Lemos, 1981, p.59).

⁴⁴ Aksu-Koq (1988) não realiza uma descrição utilizando-se dos mesmos rótulos conferidos aos tipos de predicado nos demais estudos, restringindo-se a falar em “verbos de mudança de estado”. Os predicados télicos são, pelo menos no entendimento de alguns autores, aqueles que levam a uma mudança de estado.

atividade e o elemento motivador para o uso dessa morfologia parece ser o contexto imaginário (Antinucci; Miller, 1976; de Lemos, 1981).

Com relação ao pressuposto (c) da HPA, verificamos que há uma falta de consenso entre os resultados dos autores analisados. No quadro 4 a seguir, temos um resumo de pesquisas importantes a respeito do assunto. Nela, podemos verificar que os predicados inicialmente utilizados com a morfologia progressiva são os de atividade e estado, porém, não podemos identificar uma concordância entre os autores em relação ao(s) possível(is) elemento(s) motivador(es) para esse uso.

AUTOR(ES)	LÍNGUA ESTUDADA	QUANTIDADE DE CRIANÇAS INVESTIGADAS	TIPOS DE PREDICADO UTILIZADOS COM IMPERFECTIVO PASSADO	POSSÍVEL MOTIVAÇÃO PARA O USO DA MORFOLOGIA
Bloom, Lifter e Hafitz (1980)	inglês	4	atividade	Contornos aspectuais dos eventos
De Lemos (1981)	PB	2	atividade	?
Aksu-Koq (1988)	turco	3	atividade e estado	Evento em andamento

Quadro 4: Resultados de pesquisas sobre aquisição da morfologia progressiva.

Destacamos que não levaremos em consideração o pressuposto (d) da HPA, já que estudos recentes têm demonstrado que os verbos de estados podem se associar com a morfologia progressiva em algumas línguas (Guimarães, 2017), como o inglês e o PB, inclusive durante o processo de aquisição de linguagem (Martins; Mota, 2018). Martins e Mota (2018) investigaram o processo de aquisição dos verbos de estado de uma criança adquirindo o PB partindo do pressuposto (d) de Andersen e Shirai (1996). Essas autoras identificaram, nos dados de produção da criança investigada, somente associação entre verbos de estado e morfologia não-progressiva (presente simples) inicialmente, porém essa associação se estendeu à morfologia progressiva posteriormente.

Martins e Mota (2018) discutem, em consonância com Guimarães (2017), que a associação entre verbos de estado e a morfologia progressiva confere um caráter dinâmico a esses verbos. Dessa forma, as autoras argumentam que, quando o verbo é

selecionado do léxico com o traço semântico-lexical de [+estado], ele não poderia carregar simultaneamente o traço sintático referente à morfologia progressiva. Portanto, segundo elas, quando combinado com a morfologia progressiva, o verbo de estado perde o traço [+estado] e, nesse caso, não pode ser classificado como verbo de estado.

A HPA, conforme proposta por Andersen e Shirai (1996), não foi a única hipótese a verificar a associação entre traços semânticos e morfologias durante o processo de aquisição de tempo e aspecto. Bickerton (1981) argumenta que a aquisição de uma L1 fornece evidências de que as crianças seguem dois “bioprogramas universais” específicos para a aquisição de tempo e aspecto: a distinção entre estado e processo e a distinção entre pontual e não-pontual. Segundo a hipótese de distinção entre estado e processo, as crianças não associam a morfologia progressiva a verbos estativos nos estágios iniciais de aquisição. Já na hipótese de distinção entre pontual e não-pontual, postula-se que as crianças marcam a distinção entre um evento pontual e um evento ou situação não pontual (incluindo habitual e iterativo) através da associação daquele a morfologia de perfectivo e a esse, a outras morfologias. Esse autor ainda afirma que os trabalhos de Antinucci e Miller (1976) e Bronckart e Sinclair (1973) corroboram seus achados.

Quando analisamos as propostas de Bickerton (1981) descritas anteriormente, podemos verificar similaridades entre essas e a HPA de Andersen e Shirai (1996). Essas similaridades podem ser encontradas quando comparamos a hipótese de distinção entre estado e processo com o pressuposto (d) da HPA e a hipótese de distinção entre pontual e não-pontual com o pressuposto (a) da HPA. Logo, podemos concluir que, mesmo não observando tantas fases no processo de aquisição de tempo e aspecto e tendo descrito as fases de forma diferente, as propostas de Bickerton (1981) corroboram a HPA de Andersen e Shirai (1996).

Além disso, destacamos um aspecto importante a respeito da pesquisa de Bickerton (1981). Andersen e Shirai (1996) afirmam que, na verdade, o que Bickerton (1981) chama de “aspecto pontual” é basicamente o que eles chamam de aspecto perfectivo, e o que este chama “aspecto não-pontual” é o que consideram aspecto imperfectivo. Essa distinção fica clara quando analisamos discussão promovida por Bickerton (1981) sobre as línguas pidgin e crioulas, já que, nessa discussão, o autor inclui as morfologias dos aspectos iterativo-habitual e a morfologia progressiva como não-pontual.

A pesquisa de Bickerton (1981) ainda apresenta mais conclusões importantes a respeito do processo de aquisição de tempo e aspecto, a saber:

- a. A distinção estado-processo (ou seja, estado *versus* atividade / *achievement* / *accomplishment*) é inata;
- b. A distinção entre os aspectos gramaticais perfectivo e imperfectivo é inata;
- c. A distinção télico-atélico (ou seja, *achievement* e *accomplishment versus* estado e atividade) é inata e;
- d. A distinção pontual-durativo (ou seja, *achievement versus accomplishment* / atividade / estado) é inata.

Com relação a essas conclusões, Bickerton (1981) destaca que os pressupostos (b), (c) e (d) funcionam de formas diferentes a depender da idade da criança. Andersen e Shirai (1996) afirmam que esses pressupostos equivalem aos presentes na HPA, exceto a alegação (b). Esses autores ainda destacam que essa comparação entre as conclusões de Bickerton (1981) e a HPA ocorre somente no nível de descrição; a HPA, conforme proposta por Andersen e Shirai (1996), não faz nenhuma reivindicação quanto ao seu caráter inato, que está no nível da explicação.

Apesar do número relativamente grande de estudos sobre a HPA, ainda encontramos na literatura uma considerável discordância quanto ao fenômeno, tanto no nível de descrição quanto no nível de explicação.

Um exemplo dessa discordância encontra-se presente na pesquisa de Jacobsen (1986) sobre a aquisição do espanhol/L1. Esse autor relatou que o pretérito perfeito composto não foi inicialmente associado a predicados de *achievement*, embora as outras combinações relatadas na HPA tenham sido encontradas em seu estudo. Segundo Andersen e Shirai (1996), esse resultado pode ser interpretado da seguinte forma: as crianças deram a cada uma das duas formas de passado do espanhol (pretérito perfeito e pretérito perfeito composto) funções distintas. O pretérito perfeito foi associado somente a *achievement* e o pretérito perfeito composto foi utilizado para veicular “estados que continuam no presente” (Andersen; Shirai, 1996, p.537, tradução nossa). Andersen e Shirai (1996) ainda afirmam que é compreensível que as crianças deem funções

diferentes para essas duas formas verbais, independentemente do uso adulto, porque a distinção funcional entre essas morfologias é bem sutil^{45,46}.

Autores como Weist *et al* (1984) e Weist (1997) discordam da proposta da HPA. Para ele, a categoria funcional tempo é adquirida antes de aspecto, já que o processo de aquisição de linguagem é diretamente dependente dessa categoria funcional e de sua conceitualização.

Weist *et al* (1984) utilizam a proposta de definição temporal de Reichenbach para explicar a aquisição de tempo. Essa proposta tem como base a presença e a relação entre três pontos temporais: tempo de fala (*speech time* – ST), tempo do evento (*event time* – ET) e tempo de referência (*reference time* – RT). O ponto ST representa o momento do discurso, sendo associado ao momento de fala; o ponto ET representa o momento no qual o evento comentado aconteceu; e o ponto RT é o responsável por mediar a relação entre ST e ET. Esses pontos temporais estabelecem entre si as seguintes relações: simultaneidade (=); anterioridade (<) e subsequencialidade (>).

A proposta de Weist *et al* (1984) e Weist (1997), então, define que a criança passa pela sequência de quatro sistemas temporais durante o desenvolvimento da capacidade de expressar as configurações complexas dos conceitos temporais. O sistema temporal inicial, denominado Sistema de Tempo de Fala, é um sistema do *here and now* (aqui e agora), no qual ET e RT estão congelados em ST. O segundo sistema, o Sistema do Tempo do Evento, é caracterizado pela capacidade das crianças de representar ET antes, depois e simultaneamente a ST. O conceito de RT emerge no terceiro sistema proposto por Weist *et al* (1984), mas essa referência inicial é restrita. Quando RT está estabilizado antes ou subsequentemente a ST, ET se torna restrito ao contexto de RT. Finalmente, no quarto sistema, ST, ET e RT podem representar três diferentes pontos no tempo e podem se relacionar livremente (Weist *et al*, 1984).

Em línguas que marcam distinção clara na morfologia temporal, a hipótese mais simples de aquisição de tempo seria a de que a criança pode representar uma relação dêitica entre ET e ST quando elas podem usar a morfologia temporal de sua língua produtivamente (Weist *et al*, 1984).

⁴⁵ Outros estudos que também apresentam propostas que se opõem à HPA são os de Rispoli e Bloom (1985), Smith e Weist (1987), Bloom e Harner (1989), dentre outros.

⁴⁶ Andersen e Shirai (1996) parecem estar atribuindo o uso do *pretérito perfecto compuesto* na aquisição infantil à veiculação daquilo que parece ser o aspecto gramatical *perfect*. Ou seja, a motivação do uso dessa morfologia no início do processo de aquisição poderia não ser os traços aspectuais semânticos do verbo.

Pesquisas recentes sobre a aquisição do PB (Araujo, 2018; Lessa, 2019; Silva; Martins; Rodrigues, 2020) levantam oposições à HPA conforme descrita por Andersen e Shirai (1996). Araujo (2018) investigou o processo de aquisição de tempo e aspecto no PB através da análise de fala espontânea e semi-espontânea de duas crianças adquirindo essa língua. Uma das crianças estudadas, identificada como Criança 1, produziu a morfologia de perfectivo combinada primeiramente a verbos de *achievement* e atividade, contrariando o que foi proposto por Andersen e Shirai (1996). Já a Criança 2 apresentou o comportamento esperado por Andersen e Shirai (1996), produzindo a morfologia de aspecto gramatical perfectivo associada primeiramente a verbos de *accomplishment* e *achievement*.

Lessa (2019) realizou um estudo comparativo entre duas crianças: uma que estava adquirindo o PB e outra que estava adquirindo o inglês. Como resultado de sua pesquisa, a autora verificou que, inicialmente, as crianças produziram a morfologia de perfectivo somente associada a verbos de *achievement*. Esses dados contrariam a HPA, já que esperava-se que essa morfologia também se associasse inicialmente a verbos de *accomplishment*. Já com relação à morfologia progressiva, a autora verificou que a produção dessa morfologia ficou restrita a verbos de atividade e *accomplishment*, respeitando, dessa forma, a previsão da HPA.

Lessa (2019) discute que, como não houve a associação inicial da morfologia de perfectivo a verbos de *accomplishment*, o traço [+télico] não poderia ser considerado o elemento motivador para a aquisição dessa morfologia. Para explicar esses achados, a autora se baseia em trabalhos de Verkuyl (2002) e Rothstein (2008). Esses autores sugerem que a telicidade não seja uma propriedade semântica do verbo, mas sim uma propriedade sintática do VP. Para Verkuyl (2002), especificamente, a forma de se definir a classificação semântica do aspecto verbal seria através da análise da composicionalidade aspectual da sentença. Segundo essa proposta, devemos classificar o aspecto semântico através da análise de todos os elementos da sentença e não só através da análise do verbo⁴⁷ (Verkuyl, 2002). Segundo Verkuyl (2002), os *achievements*, por não atingirem um ponto de culminação, não podem estar sujeitos à análise da composicionalidade aspectual e, portanto, não poderiam ser considerados um tipo de predicado. Ainda a respeito dos *achievements*, Lessa (2019) defende que a simplicidade

⁴⁷Essa proposta se assemelha ao que Smith (1997) denomina de “constelação aspectual”. Essa nomenclatura encontra-se definida na seção 2.1.2 do capítulo 2 desta tese.

desses predicados seria o fator motivador para que esse seja o primeiro tipo de predicado a aparecer na fala das crianças.

Já Rothstein (2008) propõe que a classificação semântica do aspecto seja determinada através da especificação positiva ou negativa de dois traços: *minimal events are extended* (eventos prolongáveis temporalmente) e *event of change* (eventos de mudança de estado). O traço *minimal events are extended* é positivo em verbos que expressam situações que possuam um evento mínimo que possa ser estendido no tempo e o traço *event of change*, em verbos que expressam situações em que haja uma mudança de estado. Isto é, este traço está especificado positivamente em verbos que denotam situações em que o evento recaia sobre um complemento que é afetado de alguma forma a partir desse evento. Dessa forma, temos a seguinte classificação aspectual semântica (Rothstein, 2008, p.44):

TIPO DE VERBO	<i>MINIMAL EVENTS ARE EXTENDED</i>	<i>EVENT OF CHANGE</i>
ESTADO	[-]	[-]
ATIVIDADE	[+]	[-]
<i>ACCOMPLISHMENT</i>	[+]	[+]
<i>ACHIEVEMENT</i>	[-]	[+]

Quadro 5: Classificação de aspecto semântico segundo Rothstein (2008, p.44).

Silva, Martins e Rodrigues (2020) também se propuseram a investigar qual seria o elemento motivador para a produção de morfologias verbais no início do processo de aquisição. Para tanto, as autoras realizaram uma pesquisa longitudinal sobre o processo de aquisição de aspecto em uma criança adquirindo o PB a partir da classificação para aspecto semântico proposta por Rothstein (2008).

Como resultado, as autoras verificaram que, inicialmente, a criança estudada só produziu a morfologia de perfectivo associada a verbos com o traço [+*event of change*] e a morfologia progressiva associada a verbos com o traço [-*event of change*]. Esses dados corroboram a proposta de Lessa (2019), na qual se assume que a telicidade não é o elemento motivador para a aquisição morfológica. As autoras ainda propõem que esse elemento motivador seria o traço [*event of change*] proposto por Rothstein (2008).

3.3.2 Aquisição do Aspecto Gramatical

Como já posto nesta tese, o objetivo desta pesquisa é verificar como ocorre a aquisição de determinados subtipos de aspecto gramatical. Logo, se faz necessária uma revisão da literatura a respeito da aquisição específica desse tipo de aspecto.

Wagner (2001) afirma que a produção inicial de determinadas morfologias verbais pode ser motivada por outros fatores para além de traços semânticos do predicado, como, por exemplo, a veiculação do aspecto gramatical já em fases iniciais de aquisição.

A autora afirma que existem, de fato, muitas razões para se esperar que as crianças fiquem confusas na hora de “mapear” o tempo ou o aspecto gramatical na morfologia verbal. Essa confusão se daria, em primeiro lugar, devido à correspondência *one to one* (Andersen, 1984), na qual temos a associação direta, por exemplo, da morfologia progressiva do inglês (*to be + V-ing*) ao aspecto gramatical progressivo. Logo, segundo a autora, já que essa seria a única informação aspectual veiculada por essa morfologia, não teria por que a criança desejar veicular outra informação aspectual quando produzisse essa morfologia, mesmo que de forma restrita a determinados predicados.

Em segundo lugar, teríamos o caso de que muitas línguas codificam as informações temporais e aspectuais em um único morfema. Muitas das línguas utilizadas para investigar a HPA (como inglês, francês, italiano, japonês e PB) possuem essa característica. Portanto, segundo Wagner (2001), seria impossível dizer se o objetivo das crianças seria veicular só uma das categorias (e se sim, qual delas) ou ambas. Para chegar a essa proposta, Wagner (2001) utiliza como exemplo o trabalho de Smith (1980). Em sua pesquisa, Smith (1980) verificou que as crianças mais jovens tendem a expressar o tempo presente por meio da morfologia não progressiva, mesmo quando a língua não a exige. Ainda para essa autora, as formas progressivas são bastante raras na fala de crianças com menos de três anos quando comparadas à fala de crianças maiores.

Wagner (2001) ainda apresenta mais um argumento para contestar a HPA. Essa autora se baseia no fato de que algumas línguas optam por gramaticalizar somente um dos tempos ou aspectos gramaticais. O mandarim, por exemplo, marca morfologicamente somente o aspecto gramatical e o hebraico, apenas o tempo. Os falantes e ouvintes dessas línguas precisam confiar na dependência entre essas duas categorias (junto com algumas implicações pragmáticas) para veicular as informações restantes. Assim sendo, não

haveria como, *a priori*, a criança saber se ela deve estar focalizando a veiculação de tempo ou de aspecto gramatical.

Apesar de discordar da ideia de que as crianças veiculam inicialmente somente aspecto semântico, Wagner (2001) não discorda da ideia de que aspecto é adquirido antes de tempo. A autora se baseia no pressuposto de que existem línguas que restringem a marcação do tempo verbal a determinados tipos de predicado. Sendo assim, a verdadeira premissa da HPA está na afirmação de que a informação temporal não está sendo codificada pela morfologia verbal produzida nas fases iniciais de aquisição de linguagem pelas crianças.

Para tentar sustentar sua teoria, Wagner (2001) realizou dois experimentos de compreensão com crianças de 1 ano e 11 meses até 4 anos e 6 meses. No primeiro experimento, a autora testou a compreensão das crianças em relação às morfologias dos tempos presente, passado e futuro no inglês, associadas tanto a verbos [+télico] quanto a verbos [-télico]. Como resultados, a autora verificou que os participantes, incluindo as crianças menores, conseguiram entender o uso das morfologias de todos os tempos testados, estando eles associados a verbos [+télico] ou a verbos [-télico]. Dessa forma, a autora descarta a proposta da Hipótese da Primazia do Aspecto Lexical, já que o traço [\pm télico] não motivou a compreensão morfológica das crianças nas fases mais iniciais de aquisição.

No segundo experimento, a autora testou a compreensão das crianças em relação à “completude da situação”, expondo-as a situações completas e incompletas nos tempos passado e presente (o tempo futuro não foi testado nesse experimento). Como resultado, as crianças de 2 anos não distinguiram os tempos passado e presente em situações de confronto entre situações completas e incompletas, associando a morfologia de tempo passado (pretérito perfeito) somente a situações completas e morfologias de tempo presente (progressiva) somente a situações incompletas.

A conclusão final de Wagner (2001) é que o que determina as produções morfológicas iniciais das crianças não é o traço [\pm télico], mas, sim, a ideia de “completude/incompletude da situação”, algo que estaria relacionado à distinção perfectividade/imperfectividade e não a um fator semântico aspectual inerente ao verbo. Logo, segundo a autora, o aspecto gramatical seria adquirido antes de tempo pelas crianças.

Outra pesquisa que se volta especificamente para a análise da aquisição de aspecto gramatical é a de Rodrigues (2019). Essa autora investigou, a partir de uma análise

longitudinal, o processo de aquisição dos tipos de aspecto *perfect*⁴⁸ (aspecto gramatical) propostos por McCawley (1981) e Comrie (1976) em uma criança adquirindo o PB. Como resultados, a autora verificou que a aquisição dos tipos de *perfect* acontece da seguinte forma:

- i. Quando analisado segundo a classificação em dois tipos de *perfect* (McCawley, 1981), pode-se verificar que as produções de *perfect* existencial apareceram na fala da criança estudada antes das de *perfect* universal. A partir desses resultados, a autora, baseando-se nas propostas de aquisição de categorias funcionais de Radford (1990) e de dissociação dos tipos de *perfect* de Nespoli (2018), afirma que os sintagmas referentes aos tipos de *perfect* se organizariam segundo a seguinte proposta hierárquica: UPerfP > EPerfP;
- ii. Quando analisado segundo a classificação em quatro tipos de *perfect* (Comrie, 1976), pode-se verificar a seguinte ordem de aparecimento das produções morfosintáticas referentes aos tipos de *perfect* na fala da criança estudada: *perfect* de resultado, *perfect* universal e *perfect* experiencial. A partir desses resultados, a autora afirma que há a necessidade de se adicionar mais um sintagma referente à categoria funcional *perfect*, já que o *perfect* experiencial apareceu na amostra depois dos outros tipos⁴⁹. Dessa forma, em nossa gramática mental, esses sintagmas se organizariam da seguinte forma: ExPerfP > UPerfP > EPerfP.

Os resultados da pesquisa de Rodrigues (2019) corroboram toda a discussão a respeito da importância dos estudos de aquisição de linguagem para os estudos cartográficos e, conseqüentemente, para a teoria gerativa. Nesse caso, especificamente, verificamos que os dados dessa pesquisa auxiliam a confirmar a necessidade de identificação dos sintagmas de *perfect* e de sua organização hierárquica em nossa gramática mental.

Conforme já descrito no capítulo 2, é possível estabelecer algumas relações entre alguns dos subtipos de aspecto estudados nesta pesquisa e aqueles estudados por Rodrigues (2019). O *perfect* universal (Comrie, 1976; McCawley, 1981) possui descrição similar ao do aspecto contínuo (Cinque, 1999) e o *perfect* de passado recente (Comrie,

⁴⁸ Esse tipo de aspecto gramatical, assim como as suas possíveis classificações, se encontra definido na subseção 2.1.3 do capítulo 1 desta tese.

⁴⁹ A autora desconsidera, baseando-se em dados da literatura, o único dado que poderia ser classificado como de *perfect* de passado recente. Segunda a autora, nesse dado não haveria o estabelecimento de uma relação entre duas fronteiras temporais, fato *sine qua non* para que haja a veiculação desse tipo de aspecto.

1976) possui descrição similar ao do aspecto retrospectivo (Cinque, 1999). Apesar do que é proposto pela autora a respeito do *perfect* de passado recente (o resumo dessa discussão encontra-se exposto na nota de rodapé 45), já seria possível estabelecer uma hierarquia entre os sintagmas referentes a esses aspectos, baseando-nos na proposta de Guilfoyle e Noonan (1992): AspRetrospectivoP > AspContínuoP. Logo, a pesquisa empreendida nesta tese dá continuidade à pesquisa de Rodrigues (2019) no sentido de voltar-se para o exame da aquisição de outros aspectos gramaticais a fim de contribuir para a investigação da organização hierárquica dos sintagmas referentes a eles.

3.3.3 Aquisição de advérbios aspectuais

Miranda (2018) realizou uma pesquisa que tinha como principal objetivo identificar como ocorre a aquisição dos advérbios/expressões adverbiais aspectuais e temporais no PB. Para tanto, o autor analisou dados⁵⁰ de fala espontânea de oito crianças brasileiras que estavam adquirindo o PB. Essas crianças foram separadas em sete estágios, a depender da idade dos informantes. A seguir, podemos ver essa divisão proposta por Miranda (2018).

Estágios	Faixa Etária	Informantes envolvidos
1	2;0 a 2;5	1 e 2
2	2,6 a 3;0	3 e 4
3	3;1 a 3;6	Não há informantes
4	3;7 a 4;0	5 e 6
5	4;1 a 4;6	7
6	4;7 a 5;0	Não há informantes
7	5;1 a 5;6	8

Quadro 6: Informantes em estágios definidos pela faixa etária (Miranda, 2018, p.109).

Em sua análise de dados, Miranda (2018) verificou que os informantes pertencentes aos Estágio 1 produziram somente os advérbios/expressões adverbiais “de novo”, “outra vez” e “ainda”. Conforme definimos no capítulo 1 desta tese, as expressões adverbiais “de novo” e “outra vez” são veiculadoras do aspecto repetitivo (CINQUE, 1999, 2006) e o advérbio “ainda” é veiculador do aspecto continuativo (Cinque, 1999,

⁵⁰ O autor não descreveu a metodologia utilizada para a coleta desses dados.

2006). Destacamos ainda que as expressões adverbiais “de novo” e “outra vez” apareceram em posição pós-verbal, indicando que o aspecto repetitivo que estava sendo veiculado seria o aspecto repetitivo II. Vejamos, de (13) a (15) a seguir, exemplos dessas veiculações (MIRANDA, 2018, p.109-110).

- (13) Informante 1: fazê **di novu**:::
- (14) Informante 2: ((fazer)) **ota eiz**
- (15) Informante 2: tá... quente (**a**)**inda**

Nos dados dos informantes do Estágio 4, verificamos novamente produções da expressão adverbial “de novo” em posição pós-verbal e as primeiras produções do advérbio “sempre” e “nunca”. Para o autor, o advérbio “sempre” tinha como objetivo promover a ideia de “manutenção do estado” e foi associado ao aspecto durativo do Cinque (1999, 2006). Já o advérbio “nunca” tinha como objetivo promover a ideia de “frequência com que uma determinada ação ocorre” (Miranda, 2018, p.115) e, conforme já mencionado no capítulo 1 desta tese, tal advérbio é um dos veiculadores do aspecto imperfectivo no PB. Vejamos, de (16) a (18) a seguir, exemplos dessas veiculações (Miranda, 2018, p.114-115).

- (16) Informante 5: u caçado tilou pala **sempe** da baiga
- (17) Informante 6: agora vô fazê **de nOvo** um outro que vai sê maió...
- (18) Informante 6: **Nunca** sai o ketchup... não, não

Devemos destacar que, ao analisarmos os dados de Miranda (2018) para esta pesquisa, verificamos que outros aspectos poderiam ser verificados nas produções das crianças analisadas. Como tinha o objetivo de contrastar a aquisição de tempo e aspecto em sua dissertação, Miranda (2018) classificou todas as produções do advérbio “agora” como sendo somente veiculadoras de tempo e não de tempo e aspecto. Conforme exposto no capítulo 1 desta tese, o advérbio “agora” também seria capaz de veicular os aspectos retrospectivo e aproximativo, a depender de suas associações morfológicas e de seus contextos de uso. Logo, se reanalisarmos esses dados de Miranda (2018), podemos verificar que o advérbio “agora” presente na fala das crianças do Estágio 4 aparece em contexto de veiculação de aspecto retrospectivo. Vejamos um exemplo de uma dessas produções em (19) a seguir (Miranda, 2018, p.114).

(19) Informante 5: cegou **agora**.

No Estágio 5, verificamos, da mesma forma que fizemos com as produções anteriores, a produção do advérbio “agora” em contexto de veiculação do aspecto aproximativo. Vejamos um exemplo de uma dessas produções em (20) a seguir (Miranda, 2018, p.116).

(20) Informante 7: você vai sabê **agora**.

No Estágio 7, verificamos a primeira aparição da expressão veiculadora do aspecto repetitivo “de novo” em posição pré-verbal. Esse dado pode nos indicar que o aspecto repetitivo I já foi adquirido pela criança. Vejamos essa produção em (21) a seguir (MIRANDA, 2018, p.117).

(21) Informante 8: **di novu** cê sempri atrapalha.

Com base na reanálise dos dados de Miranda considerando-se alguns dos aspectos investigados nesta tese, tal como empreendido nos parágrafos anteriores, poderíamos sugerir que a hierarquia funcional dos sintagmas referentes aos aspectos mencionados seria a seguinte: AspRepetitivoIP > AspAproximativoP > AspImperfectivoP > AspRetrospectivo/AspDurativoP > AspContinuativoP/AspRepetitivoIIP.

Como não há informações a respeito da coleta de dados e nem evidências de que o estudo de Miranda (2018) foi realizado de forma longitudinal, não podemos afirmar se e qual dos aspectos foi adquirido primeiramente nos casos dos aspectos continuativo e repetitivo II e dos aspectos retrospectivo e durativo. Porém, podemos afirmar que a hierarquia inferida pela reanálise dos dados de Miranda (2018) e apresentada no parágrafo anterior segue de forma aproximada a proposta hierárquica de Cinque (1999, 2006) descrita na seção 2.2 do capítulo 2.

4 METODOLOGIA

Com o intuito de atingir o objetivo da presente pesquisa, que é investigar a aquisição das realizações morfossintáticas de determinados subtipos de aspecto propostos por Cinque (1999, 2006) em crianças adquirindo o PB, optou-se por realizar um múltiplo estudo de caso, de caráter longitudinal, a partir de amostras de fala espontânea e semiespontânea de três crianças investigadas dentro do período crítico de aquisição do PB.

No presente capítulo, discutimos sobre questões metodológicas concernentes à pesquisa. Na seção 4.1, expomos o tipo de estudo selecionado; na seção 4.2, discorremos sobre os participantes selecionados para participar da pesquisa; na seção 4.3, abordamos os procedimentos adotados para a coleta de dados; e, por fim, na seção 4.4, tratamos de questões relacionadas à análise dos dados.

4.1 TIPO DE ESTUDO

Para esta tese, como anunciado anteriormente, optou-se por realizar um múltiplo estudo de caso longitudinal de crianças que se encontravam na fase de aquisição do PB. Crianças adquirindo linguagem, assim como indivíduos com patologias que afetam o conhecimento linguístico, possuem uma gramática desviante quando comparada à gramática do adulto. Estudos da gramática infantil podem contribuir para o entendimento da estrutura da gramática de um indivíduo adulto saudável (Avrutin; Haverkort; Van Hout, 2001).

Os estudos de caso são aqueles que privilegiam a descrição de um caso particular ou múltiplo (Ventura, 2007), de forma qualitativa, quantitativa (Yin, 2001), ou até mesmo de ambas as formas (Stake, 2000), sem, no entanto, realizar generalizações (Alves-Mazzotti, 2006). Esse tipo de estudo é vantajoso em situações nas quais não se têm muitas informações a respeito de um fenômeno, pois ele auxilia no levantamento de hipóteses a respeito do assunto através de uma descrição completa das informações.

Esse tipo de estudo contrapõe-se aos estudos de grupo. Esse último possui como objetivo realizar generalizações a respeito de determinado fenômeno a partir da análise de múltiplos resultados derivados de casos semelhantes. Esses resultados são vistos de forma única, quantitativamente, e são analisados com o auxílio de cálculos

estatísticos. Segundo Grodzinsky *et al.* (1999) e Draï, Grodzinsky e Zurif (2001)⁵¹, esse tipo de pesquisa é importante, pois, dessa forma, podemos estipular um padrão de regularidade para o fenômeno pesquisado. Novaes (2004), entretanto, afirma que a análise das médias dos resultados obtidos individualmente pelos sujeitos selecionados para a pesquisa pode camuflar resultados importantes e únicos de cada um desses sujeitos e isso pode levar a conclusões errôneas a respeito do fenômeno estudado.

Como já mencionado, os estudos de caso podem ser constituídos por uma investigação de um ou vários sujeitos, caracterizando-se, respectivamente, como particular ou múltiplo. Rodrigues (2019) realizou um estudo de caso particular com o objetivo de investigar a aquisição no PB dos tipos de *perfect* propostos por Comrie (1976) associados ao tempo presente, partindo da proposta de existência de sintagmas de *perfect* na representação estrutural da sentença⁵². Essa autora propõe, a partir desses dados, que haja uma dissociação sintagmática entre pelo menos três dos tipos de *perfect* estudados e propõe uma hierarquia para esses nódulos. Apesar de realizar uma proposta hierárquica para os referidos sintagmas, a autora levanta algumas fragilidades da proposta com relação à dominância entre os sintagmas UPerfP e ExPerP e afirma que essas fragilidades poderiam ter sido evitadas se a pesquisa tivesse se baseado em dados de mais de um participante e também a partir de testes de compreensão.

Com o objetivo de sanar as dúvidas apresentadas por Rodrigues (2019), Rodrigues e Martins (2021) realizaram um estudo de caso múltiplo de aquisição dos tipos *perfect* que foram destacados por aquela. Para esse estudo, foram selecionadas quatro crianças adquirindo o inglês americano. Embora tenham encontrado uma certa discrepância em relação aos dados de uma dessas crianças, as autoras, ao se basearem nos dados de aquisição das outras três, apresentam evidências de que o sintagma UPerfP domina o ExPerfP, dirimindo, assim, a dúvida apresentada em Rodrigues (2019). Nesse sentido, o estudo de Rodrigues e Martins (2021) ressalta a relevância de estudos de caso múltiplos.

Além de constituir-se como um estudo de caso múltiplo, o estudo desta tese também possui caráter longitudinal. Os estudos longitudinais destinam-se a estudar um processo ao longo de um período de tempo com o objetivo de investigar

⁵¹ Destacamos que Grodzinsky *et al.* (1999) e Draï, Grodzinsky e Zurif (2001) chegaram às suas conclusões a partir de estudos realizados em indivíduos adultos com patologias que afetavam a linguagem.

⁵² A definição desse aspecto, assim como suas possíveis classificações, encontra-se descrita na seção 2.1.3 do capítulo 2 desta tese.

mudanças, ou seja, refletem uma sequência de fatos (Haddad, 2004), podendo ser aplicados individualmente ou em grupos. Tais estudos podem ter a desvantagem de estarem sujeitos a vieses originados de fatores extrínsecos, podendo mudar o grau de comparabilidade entre os grupos (Hochman *et al.*, 2005).

Esse tipo de estudo foi escolhido para esta tese porque nos permite acompanhar o desenvolvimento linguístico de crianças adquirindo uma determinada língua. Araujo (2015), com base em Neves (2011), defende a utilização de estudos longitudinais para estudar o processo de aquisição de linguagem. Neves (2011) estudou a aquisição dos aspectos perfectivo e imperfectivo de Comrie (1976) no PB em um grupo de crianças a partir de dados coletados transversalmente, ou seja, os dados de cada participante foram coletados apenas uma vez. As crianças eram de diferentes idades, estando, assim, em diferentes momentos do processo de aquisição. Araujo (2015) destacou que, como o desenvolvimento linguístico dos participantes não foi acompanhado por meio de coletas regulares, o trabalho acabou revelando apenas a frequência do uso de determinada morfologia verbal combinada a determinados tipos de verbo em um dado momento do processo de aquisição. Ainda segundo essa autora, não foi avaliado se, antes daquele momento, as crianças já haviam adquirido os morfemas investigados e tampouco se acompanhou o desenvolvimento linguístico das crianças, isso porque não foi determinado em que momento tais produções surgiram em suas falas e, no caso daquelas que ainda não produziam morfologia verbal alguma, quando as morfologias investigadas no trabalho começariam a ser produzidas.

Considerando as observações acerca dos diferentes tipos de estudo feitas nesta seção, optamos nesta pesquisa por realizar um estudo de caso múltiplo com extração de dados feita longitudinalmente.

4.2 PARTICIPANTES SELECIONADOS

Foram selecionados para esta pesquisa dados de fala espontânea e semiespontânea de três crianças adquirindo o PB. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a numeração 4.014.074/2020. O comprovante de sua aprovação encontra-se no Anexo A desta tese. A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Um dos responsáveis legais das crianças

assinou o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). O modelo do TCLE utilizado encontra-se no Apêndice A desta tese. A seguir, descreveremos cada um dos participantes selecionados.

4.2.1 Participante 1 – AC

Os dados da criança AC foram coletados pela pesquisadora para desenvolvimento de estudo anterior, disponível em Rodrigues (2019). Essa participante é uma criança do sexo feminino que se encontrava na fase jargão/uma palavra no início das gravações. Ambos os pais da criança são cariocas, possuem o ensino superior completo e são monolíngues, falantes nativos do PB.

AC possui somente um irmão, seu gêmeo PP. Eles viviam em um bairro de classe média do município do Rio de Janeiro com os pais e recebiam visitas constantes dos avós, todos monolíngues e falantes nativos do PB. Ambos frequentavam creche desde 1 ano de idade e lá interagiam com outras crianças da mesma idade. Na creche, as crianças eram expostas também somente ao PB.

AC foi acompanhada de 1 ano e 11 meses até os 3 anos e 8 meses de idade. Foram realizadas trinta e três gravações, sempre dentro da casa da criança durante momentos de brincadeira e interação. Além disso, as gravações foram realizadas no intervalo de quinze a trinta e cinco dias, no máximo, e tiveram duração média de uma hora.

4.2.2 Participante 2 – EB

Essa participante é uma criança do sexo feminino que se encontrava na fase de uma palavra no início das gravações. O pai da criança possui ensino médio completo e a mãe possui o ensino superior completo. Ambos os pais são cariocas, monolíngues e falantes nativos do PB. EB vive em um bairro de classe baixa do município do Rio de Janeiro com os pais e o irmão mais velho. Seus avós e tia, pessoas com as quais EB passa a maior parte do dia, moram na casa de cima. Todas as pessoas de seu convívio são monolíngues e falantes nativos do PB.

EB foi acompanhada de 1 ano e 11 meses até os 3 anos e 4 meses de idade. Foram realizadas um total de quatorze gravações. As primeiras quatro gravações foram realizadas a cada quinze dias sempre dentro da casa da criança durante momentos de brincadeira e interação. A partir da quinta gravação, em março de 2020, elas passaram a

ser realizadas pelos familiares que moram com ela pelo menos uma vez por mês, com duração média de uma hora, devido ao contexto de pandemia do novo coronavírus, COVID-19.

4.2.3 Participante 3 – GR

Essa participante é uma criança do sexo feminino. GR nasceu prematuramente (34 semanas) e passou 8 dias na UTI devido a essa condição. Dessa forma, sua idade precisará ser corrigida para que ela possa ser comparada com as outras participantes⁵³.

Ambos os pais da criança são cariocas, possuem o ensino superior completo e são monolíngues, falantes nativos do PB. GR vive em um bairro de classe média do município do Rio de Janeiro com os pais. Ela frequentava a creche desde 6 (seis) meses e meio de idade, mas teve que parar de frequentá-la durante 1 ano e meio devido à pandemia. GB voltou a frequentar a creche depois que as escolas reabriram em agosto de 2021, aos 2 anos e 9 meses de idade. Na creche, ela também só é exposta ao PB. GR, quando não está na creche, passa grande parte do seu tempo com seus pais e avó.

GR foi acompanhada de 1 ano e 9 meses (idade corrigida de 1 ano e 7 meses) até os 2 anos e 7 meses (idade corrigida de 2 anos e 5 meses) de idade e as gravações foram realizadas pelos familiares devido ao contexto de pandemia do novo coronavírus, COVID-19. Foram realizadas 14 gravações, sempre dentro da casa da criança durante momentos de brincadeira e interação. Além disso, as gravações foram realizadas no intervalo de trinta a trinta e cinco dias, no máximo, e tiveram duração média de trinta minutos.

4.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

As coletas de dados dos participantes foram realizadas através de gravações da fala espontânea e semiespontânea dos mesmos. Entende-se como fala espontânea todas as manifestações de fala realizadas pelo indivíduo sem a necessidade de interferência de outro, ou seja, o sujeito inicia um assunto e persiste nele durante um momento. Já a fala semiespontânea é uma fala mediada por perguntas eliciadoras, como as ocorridas em entrevistas. Esta última foi utilizada em momentos de silêncio ou quando as crianças utilizavam uma ou pouquíssimas palavras para expressar sua fala.

⁵³ Essa conta foi realizada conforme a equação encontrada no site *prematividade.com*.

Essas gravações foram realizadas com um gravador acoplado a um celular, dentro da casa das crianças ou de responsáveis por elas, como tios e avós, durante um momento de brincadeira e interação com a pesquisadora e/ou o responsável. Os brinquedos utilizados eram pertencentes e escolhidos pelas crianças, para que essas ficassem à vontade para participar da pesquisa. Contagem de histórias com o auxílio de livros infantis também foi utilizada como modo de interação criança-pesquisadora ou criança-responsável. As gravações foram realizadas no intervalo de 15 a 35 dias, no máximo, e tiveram duração média total de 1 (uma) hora.

Durante o contexto de pandemia do novo coronavírus, COVID-19 (a partir de março/2020), as gravações começaram a ser realizadas por familiares ou pessoas que convivem periodicamente com a criança, já que a pesquisadora ficou impossibilitada de ir até a casa das crianças para realizar ela mesma as gravações. A periodicidade e o tempo das gravações acabaram diminuindo para, pelo menos, uma vez no mês e 30 minutos de gravação.

Vale ressaltar que, antes da decretação do isolamento social em função da pandemia do novo coronavírus, COVID-19, também tinha-se como objetivo deste estudo coletar dados de compreensão dos traços aspectuais referentes aos subtipos de aspecto analisados através de um teste elaborado para esta pesquisa. Detalhes sobre o teste estão descritos no Apêndice B desta tese. A aplicação desse teste de compreensão, porém, foi inviabilizada pelo referido isolamento social.

4.4 ANÁLISE DOS DADOS

As gravações de fala espontânea/semiespontânea foram transcritas de forma similar à produção das crianças, aproximando-se de uma transcrição fonética em alguns momentos. Todas as gravações foram transcritas, mas somente as realizações dos tipos de aspecto selecionados para esta pesquisa foram analisados. Dessas realizações, foram excluídas aquelas que aparentavam ser cópias da fala da pesquisadora ou do responsável presente durante as gravações, ou seja, quando a criança falava o mesmo verbo com a mesma conjugação imediatamente após a fala do adulto. Foram analisados durante as transcrições as realizações morfológicas e os advérbios/expressões adverbiais utilizados em contextos de veiculação dos tipos de aspecto investigados.

Na análise dos dados, eventualmente agrupamos os resultados por idade das

crianças (por exemplo, fazemos referência aos dados obtidos quando uma criança tinha 2 anos e 6 meses). Nesse agrupamento de dados, portanto, poderia haver dados de uma única gravação, como, por exemplo, quando uma das crianças tinha 3 anos, ou de duas gravações, como quando ela tinha 3 anos e 5 meses.

Destacamos que só analisamos os dados de fala das crianças depois que essas já tinham demonstrado ter superado a fase da aquisição da morfologia verbal descrita na Hipótese da Primazia do Aspecto (cf. subseção 3.3.1 do capítulo 3 desta tese), pois, somente dessa forma, podíamos atestar que as crianças estavam produzindo aspecto gramatical – objeto de estudo desta tese – sem interferência do aspecto semântico. Para tanto, só foram consideradas na análise empreendida nesta tese as produções das crianças de uma dada morfologia quando as crianças já tinham produzido tal morfologia associada aos diferentes tipos de verbo.

Ressaltamos ainda que, para a análise dos dados, consideramos que as produções veiculadoras dos aspectos realizados pela criança eram indícios de que o conhecimento linguístico relacionado aos tipos de aspecto produzidos teria sido adquirido ou estaria no processo de aquisição.

5 RESULTADOS E ANÁLISES

O objetivo deste capítulo é apresentar os resultados desta pesquisa, assim como a análise desses resultados. Para isso, foram levados em consideração os dados obtidos através da coleta realizada, de acordo com o que foi explicado no capítulo anterior.

Antes de iniciarmos a exposição dos resultados, devemos esclarecer que as transcrições foram realizadas seguindo as orientações propostas pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática, fundado em 1991 pelo Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (as instruções estão descritas no Anexo B).

Este capítulo é dividido em quatro seções, a saber: a primeira seção apresenta os resultados totais obtidos por cada participante para cada subtipo de aspecto; a segunda seção apresenta os resultados obtidos por cada participante para cada subtipo de aspecto e suas respectivas análises; a terceira seção apresenta a análise longitudinal dos resultados encontrados para cada participante; e a quarta seção apresenta a discussão acerca dos resultados obtidos nesta pesquisa com o intuito de verificar a possibilidade de refutação da hipótese adotada nesta tese e de contribuir para a descrição do processo de aquisição linguística de aspecto e para a ampliação de estudos voltados para a teoria de aspecto.

5.1 RESULTADOS TOTAIS OBTIDOS POR CADA PARTICIPANTE

Nesta seção, são apresentados os dados gerais da produção morfossintática dos subtipos de aspecto investigados nos dados de fala espontânea das crianças estudadas.

Apresentamos o total de ocorrências de cada tipo de subtipo de aspecto segundo a proposta adotada por Cinque (1999, 2006) levando em consideração as formas verbais e os tipos de advérbios/expressões adverbiais considerados por esse mesmo autor como veiculadores dos subtipos de aspecto estudados nesta tese.

A participante AC produziu, ao longo de vinte e nove (29) gravações, duas mil e trezentos e trinta e sete (2337) ocorrências que classificamos como sendo veiculadoras dos subtipos de aspecto estudados, sendo essas produções divididas da seguinte forma: dezesseis (16) ocorrências de aspecto completivo, nove (9) de aspecto prospectivo, mil e setecentos e duas (1702) de aspecto progressivo, cento e oitenta e seis (186) de aspecto aproximativo, três (3) de aspecto retrospectivo, quatrocentos e trinta e cinco (435) de aspecto perfeito, três (3) de aspecto continuativo, uma (1) de aspecto terminativo, vinte e

uma (21) de aspecto repetitivo e uma (1) de aspecto contínuo. Destaca-se que, dentre todas as ocorrências encontradas, nenhuma pôde ser classificada como sendo veiculadora do subtipo acelerativo. Exemplos dessas produções encontram-se disponíveis na próxima seção deste capítulo.

O gráfico a seguir mostra a proporção de subtipos de aspecto produzidos por AC segundo a classificação proposta por Cinque (1999, 2006):

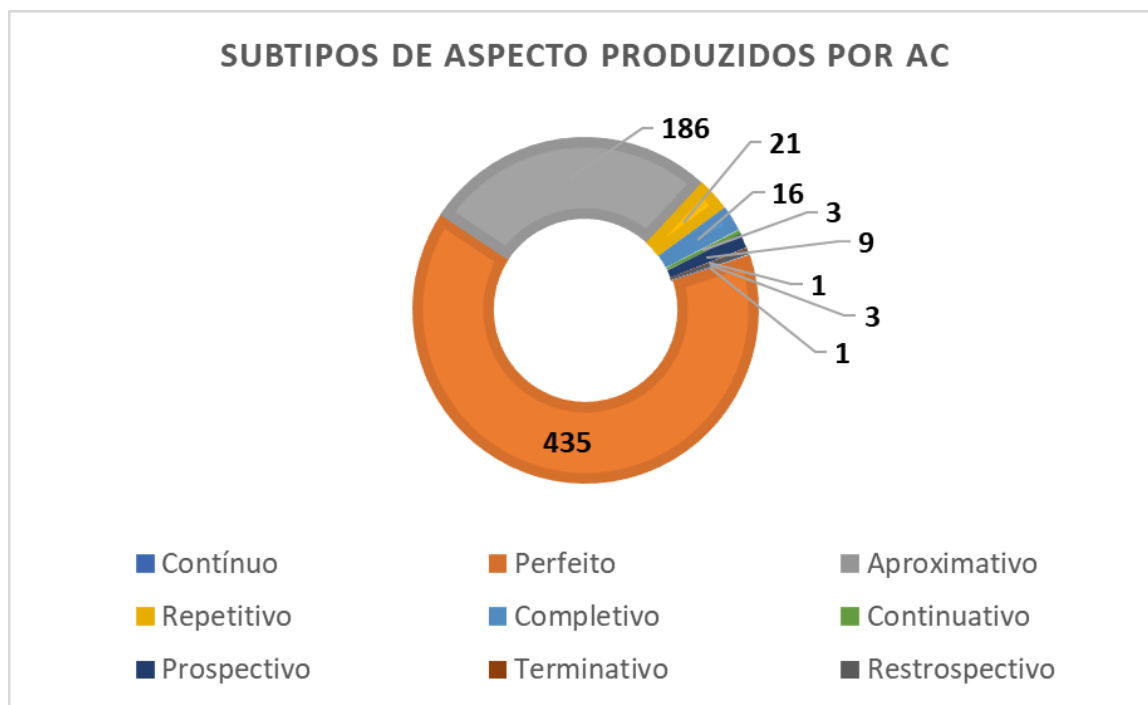


Gráfico 1: Subtipos de aspecto produzidos por AC segundo a classificação proposta por Cinque (1999, 2006).

A participante EB produziu, ao longo de quatorze (14) gravações, mil e trezentos e noventa e seis (1396) ocorrências que classificamos como sendo veiculadoras dos subtipos de aspecto estudados, sendo essas produções divididas da seguinte forma: vinte e três (23) ocorrências de aspecto completo, oitocentos e vinte (820) de aspecto progressivo, oitenta e oito (88) de aspecto aproximativo, cinco (5) de aspecto retrospectivo, trezentos e noventa e sete (397) de aspecto perfeito, quatro (4) de aspecto continuativo, quatro (4) de aspecto terminativo, vinte e três (23) de aspecto acelerativo, trinta e uma (31) de aspecto repetitivo e uma (1) de aspecto contínuo. Destaca-se que, dentre todas as ocorrências encontradas, nenhuma pôde ser classificada como sendo veiculadora do subtipo prospectivo. Exemplos dessas produções encontram-se disponíveis na próxima seção deste capítulo.

O gráfico a seguir mostra a proporção de subtipos de aspecto produzidos por EB segundo a classificação proposta por Cinque (1999, 2006):

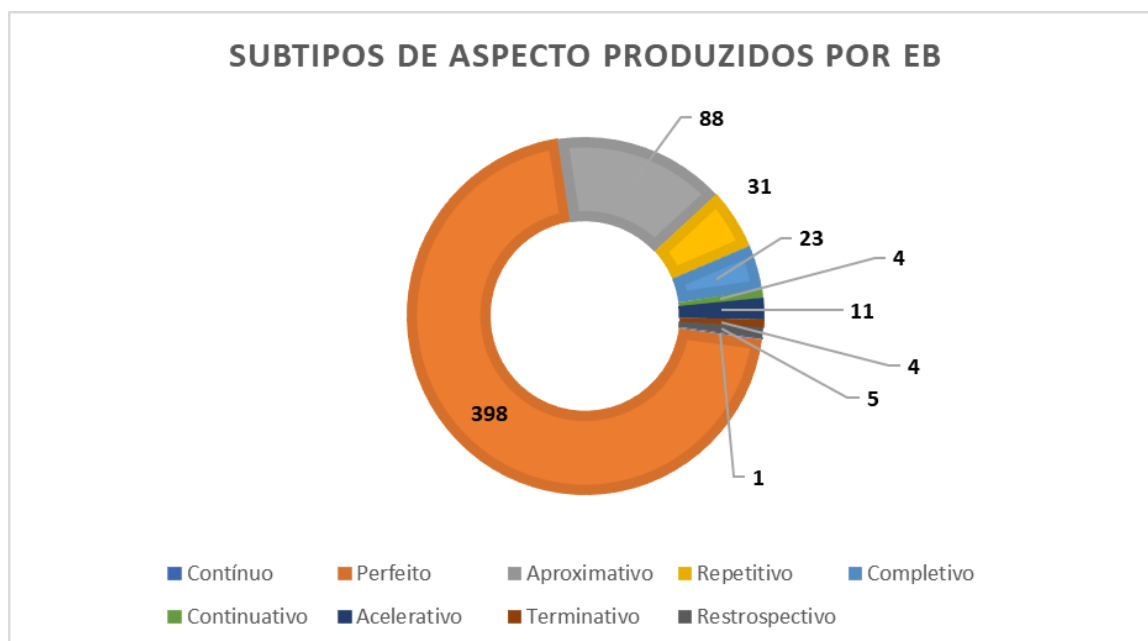


Gráfico 2: Subtipos de aspecto produzidos por EB segundo a classificação proposta por Cinque (1999, 2006).

Já participante GR produziu, ao longo de quatorze (14) gravações, quatrocentas e vinte e uma (421) ocorrências que classificamos como sendo veiculadoras dos subtipos de aspecto estudados, sendo essas produções divididas da seguinte forma: nove (9) ocorrências de aspecto completivo, duzentos e quarenta e seis (246) de aspecto progressivo, dois (2) de aspecto aproximativo, dois (2) de aspecto retrospectivo, cento e quarenta e oito (148) de aspecto perfeito, quatro (4) de aspecto continuativo, dois (2) de aspecto terminativo, três (3) de aspecto acelerativo, quatro (4) de aspecto repetitivo e uma (1) de aspecto contínuo. Destaca-se que, dentre todas as ocorrências encontradas, nenhuma pôde ser classificada como sendo veiculadora do subtipo prospectivo. Exemplos dessas produções encontram-se disponíveis na próxima seção deste capítulo.

O gráfico a seguir mostra a proporção de subtipos de aspecto produzidos por GR segundo a classificação proposta por Cinque (1999, 2006):

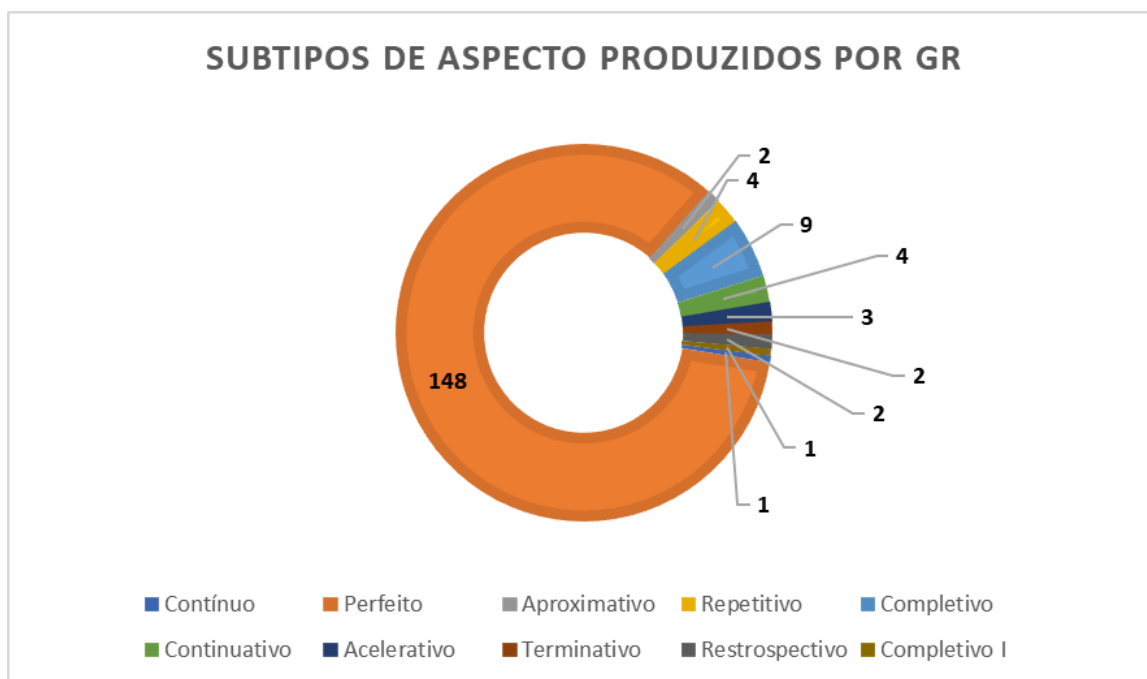


Gráfico 3: Subtipos de aspecto produzidos por GR segundo a classificação proposta por Cinque (1999, 2006).

5.2 RESULTADOS OBTIDOS PARA CADA SUBTIPO DE ASPECTO

Nesta seção, são apresentadas as duas primeiras produções de cada subtipo de aspecto estudado nesta pesquisa (CINQUE, 1999; CINQUE, 2006) realizadas por cada participante e as análises decorrentes de cada uma dessas manifestações. Para tanto, dividimos esta seção em 10 subseções, sendo cada uma referente a um dos subtipos de aspecto analisados.

5.2.1 Aspecto Completo

No capítulo 2 desta tese, verificamos que o Aspecto Completo refere-se à sinalização de que um processo télico está completado, ou seja, de que ele atingiu o seu ponto final natural (Cinque, 1999). Nesse mesmo capítulo, também identificamos na literatura as possíveis formas morfossintáticas de se veicular esse subtipo de aspecto no PB. Logo, classificamos como produções veiculadoras de Aspecto Completo aquelas que se manifestaram através de: perífrases como “terminar de + infinitivo”, “parar de + infinitivo” e “acabar de + infinitivo” (Nascimento; Rech, 2015; Bertucci, 2010; Rodrigues, 2019); advérbios como “completamente”, “totalmente”, “integralmente”,

“inteiramente” e seus correspondentes; o pronome “tudo” (Cinque, 1999) e elementos contextuais.

Com relação à participante AC, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Completivo foram encontradas nas gravações 16 e 17, quando a mesma tinha 2 anos e 9 meses. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(1) AC 2;09 - Gravação 16

AC Já guardamos tudo, mamãe.

(2) AC 2;09 - Gravação 17

AC: Bebi tudo.

Nos exemplos (1) e (2), temos a utilização do pronome “tudo” para sinalizar que não só a situação chegou ao seu fim, mas que ela está completada, sem que pudesse ser continuada de alguma forma. A veiculação do aspecto completivo II nos exemplos (1) e (2) é possibilitada pelo emprego do pronome “tudo”, o qual Cinque (1999) afirma ocupar a posição de especificador do sintagma AspCompletivoIIP.

AC também produziu um dado que pudemos classificar como veiculadora do aspecto completivo I, mas somente na gravação 27, quando a mesma tinha 3 anos e 6 meses. Essa produção encontra-se exposta a seguir.

(3) AC 3;06 - Gravação 27

AC: Eu vou terminar de tirar o resto do negócio.

Nessa ocorrência, podemos verificar o uso da perífrase “terminar de + infinitivo”, que, conforme já explicado nos capítulos anteriores, é uma das formas de veiculação do aspecto completivo I.

Com relação à participante EB, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Completivo foram encontradas nas gravações 1 e 2, quando a mesma tinha 2 anos. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(4) EB 2;00 - Gravação 1

TIA: (com voz do ratinho – EB.)

EB: Já papei. Já papei todo. (incompreensível – 08:08)

(5) EB 2;00 - Gravação 2

EB: Aqui. Neném comeu tudo.

Nos exemplos em (4) e (5), a veiculação do Aspecto Completivo é possibilitada pelo uso do pronome “tudo”, o qual indica que as situações não podem mais continuar. Assim como no caso de AC, a veiculação do aspecto completivo II nos exemplos (4) e (5) é possibilitada pelo uso do pronome “tudo”, o qual Cinque (1999) afirma ocupar a posição de especificador do sintagma AspCompletivoIIP.

EB também produziu um dado que pudemos classificar como veiculador do aspecto completivo I, mas somente na gravação 12, quando a mesma tinha 3 anos. Essa produção encontra-se exposta a seguir.

(6) EB 3;00 - Gravação 12

EB: (incompreensível - 28:20) Ah! Acabou de - de encher.

Nesse dado pudemos verificar o uso da perífrase “acabar de + infinitivo”, que, conforme já explicado nos capítulos anteriores, é uma das formas de veiculação do aspecto completivo I.

Já com relação à participante GR, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Completivo foram encontradas na gravação 10, quando a mesma tinha 2 anos. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(7) GR 2;00 - Gravação 10⁵⁴

MÃE: Que que cê tá fazendo?

GR: Iando tudo ((Tirando tudo)).

(8) GR 2;00 - Gravação 10

MÃE: Por que que você tá tirando tudo da árvore de natal? Heim, Gabi? Por que cê tirou? Cê quer brincar de novo ou você não quer mais brincar? GR?

⁵⁴ Conforme explicado na subseção 4.3.3, GR nasceu prematura e, em função disso, poderia ser esperado que corrigíssemos a sua idade. Segundo a proposta de idade corrigida, teríamos que diminuir 2 meses da idade cronológica de GR nas indicações de idade de cada uma de suas produções analisadas neste estudo. Porém, como esta pesquisa não tem como objetivo comparar as idades de aquisição de cada subtipo de aspecto, optamos por utilizar a idade cronológica da participante em todas as seções referentes ao capítulo de resultados e análises.

GR: Dadí, dadí tirou tudo ((GR tirou tudo)).

MÃE: Por que que cê tirou?

GR: Hum? Muito cheio.

Nos exemplos (7) e (8), temos a utilização do pronome “tudo” para sinalizar que não só a situação chegou ao seu fim, mas que ela está completada, sem que possa continuada de alguma forma. A veiculação do aspecto completivo II nos exemplos (7) e (8) é possibilitada pelo uso do pronome “tudo”, o qual Cinque (1999) afirma ocupar a posição de especificador do sintagma AspCompletivoIIP.

5.2.2 Aspecto Prospectivo

O Aspecto Prospectivo é aquele que, segundo Frawley (1992 *apud* Cinque, 1999, p.99), define as formas gramaticais (afixos, partículas e auxiliares) que marcam “um ponto antes do início de um evento” (cf. capítulo 2). No capítulo 1 desta tese, expusemos o que identificamos na literatura como possíveis formas morfossintáticas de se veicular esse subtipo de aspecto no PB. Logo, classificamos como produções veiculadoras de Aspecto Prospectivo aquelas que se manifestaram através do uso do advérbio canônico desse aspecto, que é o “quase” (Cinque, 1999) e/ou elementos contextuais que indicam a iminência do início de um evento.

Com relação à participante AC, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Prospectivo foram encontradas na gravação 23, quando a mesma tinha 3 anos e 2 meses. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(9) AC 2;11 - Gravação 23

AC: Tá quase acabando a história.

(10) AC 2;11 - Gravação 23

AC: É. O meu tá quase (ininteligível) Faz um avião pra ele.

Tanto no exemplo (9) quanto no (10), temos produções do advérbio “quase” marcando os momentos anteriores aos eventos “acabar a história” (exemplo (9)) e “se tornar algo” (exemplo (10)).

Não foram encontradas produções que puderam ser classificadas como veiculadoras de Aspecto Prospectivo nos *corpora* das participantes EB e GR.

5.2.3 Aspecto Progressivo

Conforme já explicado no capítulo 2 deste trabalho, o aspecto progressivo refere-se a uma atividade que ocorre em um determinado ponto do tempo ou intervalo contido dentro de um intervalo de tempo maior no qual a mesma atividade ocorre (Montague, 1970; Bennett; Partee, 1972; Dowty; 1979, dentre outros). Para esta pesquisa, classificamos como produções desse subtipo de aspecto aquelas que foram veiculadas tanto através da morfologia progressiva (como “estar + gerúndio”) quanto da morfologia de presente simples (Martins, 2006; Novaes; Martins, 2017).

Com relação à participante AC, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Progressiva foram encontradas na gravação 6, quando a mesma tinha 2 anos e 2 meses. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(11) AC 2;02 - Gravação 6

AC: (resmungo) Oiá! É a IRMÃO.

(12) AC 2;02 - Gravação 6

PE: Tá brincando de mecânico porque ele destruiu o carrinho.

AC: O IRMÃO. Eu bato o calo.

Tanto no exemplo (11) quanto no (12), temos produções da morfologia de presente simples para expressar um estado permanente (“ser o irmão”) e para fazer referência ao que está acontecendo no momento da fala (“bater o carro”).

Na gravação 8, quando AC estava com 2 anos e 4 meses, ela produziu a primeira ocorrência de aspecto progressivo através da morfologia progressiva, porém ainda sem a presença do auxiliar (exemplo (13)). Esse tipo de produção continua ocorrendo até a gravação 12, quando a AC estava com 2 anos e 6 meses (exemplo (14)), momento em que o auxiliar da perífrase é primeiramente registrado sendo realizado foneticamente.

(13) AC 2;4 - Gravação

PE: O neném vai andar de moto?

AC: Ela andando.

(14) AC 2;6 - Gravação 12

MÃE: Você está fazendo bagunça?

AC: Tô fazendo bagunça.

As primeiras produções veiculadoras do Aspecto Progressivo no *corpus* de EB já foram encontradas na gravação 1, quando a mesma tinha 2 anos. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(15) EB 2;00 - Gravação 1

TIA: Sabe fazer?

EB: Sabo ((sei)). Quele ((quero)) bincá.

No exemplo (15), há realizações da morfologia de presente simples para expressar os estados de “saber” e “querer”, que estão simultâneos ao momento da fala.

Na gravação 3, quando EB estava com 2 anos e 1 mês, ela produziu a primeira ocorrência de aspecto progressivo através da morfologia progressiva. Ao contrário do que acontece com AC, essa primeira produção de EB já ocorre com a presença do verbo auxiliar.

(16) EB 2;01 - Gravação 3

EB: Oia! O Ted tá bincando

Com relação à participante GR, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Progressivo foram encontradas na gravação 10, quando a mesma tinha 2 anos e 3 meses. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(17) GR: Dadí tá nu titatu ((GR tá fazendo ginástica))

MÃE: Tá fazendo ginástica? Óh, tem uma balinha... Essa balinha é de que cor?

(18) MÃE: Vai tirar a estrela? Isso tá muito alto, você alcança? Alcança? Caraca!

Gabi tá crescendo muito, né?

GR: Tá tescendo, tá tescendo ((Tá crescendo))... qui ta ão, qui ta ão, qui ta ão, qui ta ão...

Nos exemplos (17) e (18), há produções da morfologia progressiva já com presença do auxiliar para veicular as situações de “fazer ginástica” e “crescer”, que estão acontecendo simultaneamente ao momento da fala.

5.2.4 Aspecto Aproximativo

Conforme já exposto no capítulo 2 desta tese, o Aspecto Aproximativo refere-se às formas para codificar o fato de que um evento ocorrerá pouco tempo depois do tempo de referência (Cinque, 1999). Nesse mesmo capítulo, também identificamos na literatura as possíveis formas morfossintáticas de se veicular esse subtipo de aspecto no PB. Logo, classificamos como produções veiculadoras de Aspecto Aproximativo aquelas que se manifestaram através da morfologia de futuro do presente, da perífrase “ir + infinitivo”, da morfologia de presente simples e das perífrases progressivas com auxiliar no tempo presente associadas a um advérbio de futuro próximo (Oliveira, 2006; Almeida; Figueredo; De Oliveira, 2014; Ilari; Oliveira; Basso, 2016) ou elementos contextuais.

Com relação aos advérbios/expressões adverbiais, Cinque (1999) afirma que a expressão adverbial canônica do aspecto aproximativo seria “em breve”, mas também foram considerados, para este trabalho, advérbios/expressões adverbiais com significados equivalentes, como “imediatamente”, “em pouco tempo” e suas variações (como “daqui a pouco tempo”), “daqui a pouco”, “prontamente”, “já” (e sua duplicação “já já”) e “agora”.

Com relação à participante AC, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Aproximativo foram encontradas nas gravações 11 e 12, quando a mesma tinha 2 anos e 6 meses. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(19) AC 2;06 - Gravação 11

PE: É para eu mexer?

AC: Eu you papá agora. Nesse prato.

(20) AC 2;06 - Gravação 12

AC: Eu tiro uma foto do Quedi.

PE: Vai tira uma foto do Fred?

IRMÃO: Hum, hum.

AC: A foto do Quedi. Uma foto.

PE: Ao contrário, meu amor. Você está tirando foto de você mesma.

AC: É cuntário.

No exemplo (19), temos a combinação da perífrase “ir + infinitivo” e o advérbio “agora”. Dessa forma, podemos verificar a aproximação temporal do ação que está para acontecer no tempo futuro com o momento presente. Já no exemplo (20), podemos ver que AC utilizou a morfologia de presente simples sem associação dessa a um advérbio de futuro próximo, o que poderia indicar que a participante não queria veicular o Aspecto Aproximativo. Porém, ao analisarmos a resposta dada pela pesquisadora, podemos perceber que a ação de “tirar uma foto do Fred” ainda não ocorreu, mas está programada para ocorrer em um momento muito próximo da fala de AC (como também pode ser observado conforme lemos o resto do diálogo presente no exemplo).

Com relação à participante EB, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Aproximativo foram encontradas na gravação 3, quando a mesma tinha 2 anos e 1 mês. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(21) EB 2;01 - Gravação 3

PE: Suas panelinhas? Vamos fazer um papá?

EB: Oia um coe-you comer.

PE: Já tá pronto? Já vai comer?

EB: Já vai...Tá quente!

(22) EB 2;01 - Gravação 3

EB: Agola vai-vai-vai comer.

No exemplo (21), temos a combinação da perífrase “ir + infinitivo” e a análise contextual para indicar que há uma aproximação temporal entre a ação “comer” que está para acontecer no tempo futuro com o momento presente. Essa relação fica clara quando observamos a resposta da pesquisadora, que utiliza o advérbio “já” para questionar EB sobre a comida ter ficado pronta tão rápido e sobre a sua rapidez para começar a comer.

Já no exemplo (22), podemos ver que EB utilizou a perífrase “ir + infinitivo” e o advérbio “agora”. Dessa forma, podemos verificar a aproximação temporal da ação que está para acontecer no tempo futuro com o momento presente.

Já com relação à participante GR, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Aproximativo foram encontradas na gravação 14, quando a mesma tinha 2 anos e 7 meses. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(23) GR: E adora vou fechar do outro assim... Assim não.

(24) GR: Não, é, o cachouo adola fai ficar aí em cima (Não, agora o cachorro vai ficar aí em cima).

Nos exemplos (23) e (24), podemos ver que GR utilizou a perífrase “ir + infinitivo” e o advérbio “agora”. Dessa forma, podemos verificar a aproximação temporal da ação que está para acontecer no tempo futuro com o momento presente.

5.2.5 Aspecto Retrospectivo

Para Cinque (1999), o Aspecto Retrospectivo refere-se às formas de codificar o fato de que um evento ocorreu pouco tempo antes do tempo de referência (cf. capítulo 2). No capítulo 2 desta tese, identificamos na literatura as possíveis formas morfossintáticas de se veicular esse subtipo de aspecto no PB. Logo, classificamos como produções veiculadoras de Aspecto Retrospectivo aquelas que se manifestaram através da perífrase “acabar de + infinitivo” e da morfologia de pretérito perfeito associada a um advérbio de passado próximo (Comrie, 1976; Medeiros, 2019) e elementos contextuais.

Os advérbios/expressões adverbiais de passado próximo seriam o “recentemente”, que foi definido por Cinque (1999) como o advérbio canônico desse subtipo de aspecto, e outros como “há pouco tempo” e suas variações (como “faz pouco tempo”) e o advérbio “agora”.

Com relação à participante AC, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Retrospectivo foram encontradas nas gravações 25 e 29, quando a mesma tinha 3 anos e 5 meses e 3 anos e 8 meses, respectivamente. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(25) AC 3;05 - Gravação 25

AC: Eu cai.

NR: Você caiu?

AC: Cai embolada. Agola eu cai bem embolada.

(26) AC 3;08 - Gravação 29

AC: Eles estão dormindo. Agora, eles vão acordar. Agora, eles...Agora, eles acordaram. [...]

No exemplo apresentado em (25), AC destaca a forma como caiu no chão. A aproximação temporal entre a ação de “cair”, que ocorreu antes do momento de fala, e o momento presente se dá através da produção do advérbio “agora”.

Já em (26), AC faz referência aos bonecos do desenho Patrulha Canina, que antes estavam dormindo (como ela mesma afirma), mas que, um pouco antes da sua fala, acordaram. Essa aproximação entre a ação de “acordar” e a fala de AC se manifesta através da produção do advérbio “agora”.

Com relação à participante EB, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Retrospectivo foram encontradas nas gravações 3 e 5, quando a mesma tinha 2 anos e 1 mês e 2 anos e 3 meses, respectivamente. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(27) EB 2;01 - Gravação 3

EB: (incompreensível – 21:39) sei o que botá aqui. Embaixo. Ah! Olha aqui! Agola botei bastante.

(28) EB 2;03 - Gravação 5

TIA: Que cor é essa?

EB: Laanja. Agola liguei. Agola de novo.

No exemplo apresentado em (27), EB fala sobre ter colocado bastante quantidade de algo em algum recipiente. A aproximação temporal entre a ação de “botar”, que ocorreu antes do momento de fala, e o momento presente se dá através da produção do advérbio “agora”. Analogamente, no exemplo (28), EB fala sobre ter ligado para alguém

antes do momento da fala e a aproximação temporal entre essa situação e o momento da fala se dá através da produção do advérbio “agora”.

Já com relação à participante GR, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Retrospectivo foram encontradas nas gravações 13 e 14, quando a mesma tinha 2 anos e 6 meses e 2 anos e 7 meses, respectivamente. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(29) GR: Alola lele tabo. (Agora ele acabou)

(30) GR: Adola entou. (Agora entrou)

MÃE: Entrou? Pronto. E agora?

GR: Ponto, fechei (Pronto, fechei)

No exemplo apresentado em (29), GR fala sobre alguém ter acabado de fazer algo. A aproximação temporal entre a ação de “acabar”, que ocorreu antes do momento da fala, e o momento presente se dá através da produção do advérbio “agora”. Na mesma direção, no exemplo (30), GR fala sobre ter conseguido colocar algo dentro de um recipiente e a relação de proximidade temporal entre os tempos passado e presente é manifestada através da produção do advérbio “agora”.

5.2.6 Aspecto Contínuo

Como podemos entender da definição de Aspecto Contínuo dada por Comrie (1976) e Cinque (1999), esse subtipo de aspecto confere atenção especial à estrutura temporal interna da situação (cf. capítulo 2: seção 2.1.2, item “f” da seção 2.1.3 e seção 2.3.6). Na seção 2.3.6 do capítulo 2 desta tese, revisamos as possíveis formas morfossintáticas de se veicular os subtipos de aspecto Contínuo no PB verificadas na literatura.

Logo, classificamos como produções veiculadoras de aspecto contínuo aquelas que se manifestaram através das morfologias de presente do indicativo, pretérito imperfeito e pretérito perfeito (Martins, 2006; Novaes; Martins, 2017) quando associadas a advérbios como “sempre” e “nunca” (Cinque, 1999) ou a expressões adverbiais semanticamente equivalentes como “todas as vezes” em posição pós verbal (Tescari Neto, 2013).

Com relação à participante AC, pudemos verificar que a única produção veiculadora do Aspecto contínuo foi encontrada na gravação 21, quando a mesma tinha 3 anos. Essa produção encontra-se exposta a seguir.

(31) AC 3:00 - Gravação 21

AC: Eu faço todas vezes.

No exemplo (31), AC afirma que realiza uma determinada ação sempre que essa ação é imposta a ela. Essa afirmação é realizada a partir do uso da expressão adverbial “todas as vezes”.

Com relação à participante EB, pudemos verificar que a única produção veiculadora do Aspecto contínuo foi encontrada na gravação 13, quando a mesma tinha 3 anos e 2 meses. Essa produção encontra-se exposta a seguir.

(32) EB 3:02 - Gravação 13

EB: Você nunca conheceu o Gabriel.

No exemplo (34), EB afirma que sua tia não teve oportunidade de conhecer o seu amigo até o presente momento. Essa afirmação é realizada a partir do uso da expressão adverbial “nunca”.

Com relação à participante GR, pudemos verificar que a única produção veiculadora do Aspecto contínuo foi encontrada na gravação 14, quando a mesma tinha 2 anos e 7 meses. Essa produção encontra-se exposta a seguir.

(33) GR 2:07 - Gravação 14

MÃE: Não. Ela, ela não tá só no desenho? (incompreensível- 02:04) Cê tem medo de aranha?

GR: Tenho.

MÃE: Tem?

GR: Tenho. Si, si sudir una donha aranha aqui Dadí fica com medo, sempre. (Se subir uma dona aranha aqui a Gabi fica com medo, sempre)

No exemplo (36), GR afirma que ela fica com medo toda vez que a dona aranha sobe. Essa afirmação é realizada a partir do uso do advérbio “sempre”.

5.2.7 Aspecto Perfeito

Segundo Comrie (1976), esse subtipo de aspecto é definido como aquele indica a visão de uma situação como um todo, sem distinção entre as diversas fases que compõem essa situação (Comrie, 1976). Na seção 2.3.6 do capítulo 2 desta tese, revisamos as possíveis formas morfossintáticas de se veicular os subtipos de aspecto Perfeito, juntamente com o Contínuo, no PB, verificadas na literatura.

Para o Aspecto Perfeito, consideramos as produções que se manifestaram através de pretérito perfeito (Martins, 2006; Novaes; Martins, 2017) acompanhado ou não por advérbios/expressões adverbiais.

Nas gravações de AC, também encontramos produções com a morfologia de pretérito perfeito. Essas produções, conforme defendido no início desta subseção, foram classificadas como veiculadoras de Aspecto Perfeito. As primeiras produções veiculadoras desse subtipo de aspecto foram encontradas na gravação 8, quando AC estava com 2 anos e 4 meses.

(34) AC 2;04 - Gravação 8

AC: Eu comei ((comi)) a papinha, a comida.

(35) AC 2;04 - Gravação 9

AC: Foi o IRMÃO.

Nos exemplos anteriores, temos duas produções do verbo “acabar” com morfologia de pretérito perfeito: em (32), AC sinaliza que já comeu a papinha e, em (33), que a culpa do que aconteceu foi de seu irmão. Ou seja, ambos os exemplos dão a ideia de que a situação está completa, com seu início, meio e fim, sendo abarcados pela morfologia/aspecto utilizados pela participante.

Em relação a EB, a morfologia de pretérito perfeito foi primeiramente encontrada em ocorrências da gravação 1 do *corpus* de EB. Essas produções foram classificadas como veiculadoras de Aspecto Perfeito e encontram-se expostas a seguir.

(36) EB 2;00 - Gravação 1

EB: A dodói. Aqui oto machucou.

PE: Ih! Te machucou?

EB: Adou caiu no chão.

Nas realizações destacadas no exemplo anterior, são identificadas duas produções de verbos com a morfologia de pretérito perfeito: “machucar” e “cair”. Ou seja, ambos os exemplos dão a ideia de que a situação está completa, com seu início, meio e fim, sendo abarcada pela morfologia/aspecto utilizados pela participante.

No *corpus* da participante GR, a morfologia de pretérito perfeito foi primeiramente encontrada em ocorrências da gravação 3 do *corpus* de GR. Essas produções, classificadas como veiculadoras de Aspecto Perfeito, encontram-se expostas a seguir.

(37) GR 1;09 - Gravação 3

MÃE: Quer tirar? Tá. Tirou. Tem que pegar um, deixa eu pegar um paninho pra gente limpar esse dedo... E aí depois, depois a gente vai sujar de novo, né? Mas a gente limpa um pouquinho ele... Toma.

GR: Iô ((tirou)).

MÃE: Tirou?

GR: Não.

(38) GR 1;09 - Gravação 3

MÃE: Esse é pra limpar, né? Mas depois a gente limpa a mão, filha. A gente tá pintando ainda.

GR: Abô ((acabou)).

MÃE: Cê não quer mais pintar não?

GR: Têr ((quer)).

MÃE: Quer?

Nas produções presentes nos exemplos anteriores, temos a realização de verbos com a morfologia de pretérito perfeito: “tirar” e “acabar”. Ou seja, ambos os exemplos dão a ideia de que a situação está completa, com seu início, meio e fim, sendo abarcada pela morfologia/aspecto utilizados pela participante.

5.2.8 Aspecto Continuativo

Como podemos entender da definição de Aspecto Continuativo dada por Cinque (1999), esse subtipo de aspecto caracteriza uma situação que não chegou ao seu fim (cf.

capítulo 2). No capítulo 2 desta tese, apresentamos as possíveis formas morfossintáticas de se veicular esse subtipo de aspecto no PB identificadas na literatura. Logo, classificamos como produções veiculadoras de Aspecto Continuativo aquelas que se manifestaram através de perífrases continuativas como “ter + particípio”, “vir + gerúndio”, “continuar + gerúndio” e suas possíveis equivalentes (Travaglia, 1985; Hlibowicka-Weglarz, 2004, Jesus *Et Al*, 2017; Nespoli, 2018; de Sant’anna; Martins; Gomes, 2019), assim como pelos advérbios/expressões adverbiais como “ainda”, “desde X tempo”, “há/faz X tempo”, “até X tempo” e “ultimamente” e seus correspondentes (Cinque, 1999; Nespoli, 2018; Martins; Rodrigues; Nespoli, 2019) e elementos contextuais.

Com relação à participante AC, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Continuativo foram na gravação 20 e 29, quando a mesma estava com 2 anos e 11 meses e 3 anos e 8 meses, respectivamente. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(39) AC 2;11 - Gravação 20

AC: Um mosquito me mordeu no pé.

PE: Ai, meu Deus!

AC: Tô tomando remédio.

(40) AC 3;08 - Gravação 29

AC: O Rayde... O Rayde ainda não falou.

A ocorrência presente no exemplo (39) foi classificada como veiculadora do Aspecto Continuativo porque interpretamos que AC estava se referindo à ação de ter começado a tomar o remédio no passado (situação que se iniciou no passado, mais especificamente após a picada do inseto) e ainda estar tomando remédio (a situação persiste até o momento presente). A morfologia progressiva com auxiliar no tempo presente foi utilizada nesse contexto para enfatizar a extensão temporal que essa ação possui e também para sinalizar que ela não acabou.

No exemplo (40), temos AC afirmando que o personagem do desenho Patrulha Canina (ali representado por um boneco) não tinha dado as ordens para seus companheiros até aquele momento. Ou seja, há uma continuidade, mesmo que na negação: a ordem continua não sendo dada até o momento da fala de AC.

Com relação à participante EB, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Continuativo ocorreram na gravação 5 e 10, quando a mesma estava com 2 anos e 3 meses e 2 anos e 9 meses, respectivamente. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(41) EB 2;03 - Gravação 5

EB: (incompreensível – 09:00) Você...Você ainda pode-pode comer. (risos) Você vai comer. Você vai comer uma comidinha. Não come. Você não come, minha nenenzinha. (incompreensível – 09:24) não come. (incompreensível – 09:25).

(42) EB 2;09 - Gravação 10

EB: Vai. E você vai continuar brincando de comidinha. Você fica brincar. E você fica brincando, EB vai lavar a louça.

Em (41), EB afirma que a permissão dada no passado para a pesquisadora (“poder comer a comidinha”) continua valendo até aquele momento. Para tanto, a mesma utiliza o advérbio canônico do Aspecto Continuativo, que é “ainda”. Em (42), EB afirma que a pessoa com quem ela está conversando deve continuar brincando de comidinha. Para isso, ela se utiliza, pela primeira vez em toda a amostra, da perífrase “continuar + verbo no gerúndio”.

Já com relação à participante GR, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Continuativo ocorreram na gravação 10, quando a mesma estava com 2 anos e 3 meses. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(43) GR 2;03 - Gravação 10

MÃE: Bateu? Tá

GR: Não, Dadí tatendo ainda não (Não, GR tá batendo ainda, não).

(44) GR 2;03 - Gravação 10

GR: Ai. Ta diei ainda não. (batei ainda não)

MÃE: Não? Esse aí tem que bater de novo, né?

Em (43) e (44), GR afirma que não tinha iniciado a ação de “bater” até aquele momento. Para tanto, a mesma utiliza a expressão adverbial de Aspecto Continuativo “ainda não”.

5.2.9 Aspecto Terminativo

No capítulo 2 desta tese, verificamos que o Aspecto Terminativo caracteriza uma situação quando essa atinge um ponto final, embora esse não seja necessariamente o seu ponto final natural (Cinque, 1999), ou quando uma situação é apresentada em seus momentos finais (Travaglia, 1985). Nesse mesmo capítulo, também descrevemos as possíveis formas morfossintáticas de se veicular esse subtipo de aspecto no PB identificadas na literatura. Logo, classificamos como produções veiculadoras de Aspecto Terminativo aquelas que se manifestaram através das perífrases denominadas interruptivas, “parar de + infinitivo” e “deixar de + infinitivo” (Nascimento; Rech, 2015; Bertucci, 2010; Rodrigues, 2019), os advérbios/expressões adverbiais como “não (V) mais”, “nunca mais”, “nem (V) mais” e seus correspondentes (Cinque, 1999; Rodrigues, 2019) e elementos contextuais.

Com relação à participante AC, pudemos verificar que sua primeira e única produção veiculadora do Aspecto Terminativo encontrada no *corpus* foi realizada na gravação 23, quando a mesma tinha 3 anos e 2 meses. Essa produção se encontra exposta a seguir.

(45) AC 3;02 - Gravação 20

MÃE: Pra que você quer meu caderno?

AC: Não quero mais.

No exemplo (45), podemos perceber que AC, que antes queria o caderno de sua mãe, agora já não o quer. Logo, podemos entender que a situação de “querer o caderno”, que antes existia, no momento da fala de AC já não existe mais, assumindo o seu término.

Com relação à participante EB, pudemos verificar que suas primeiras produções veiculadoras do Aspecto Terminativo encontradas no *corpus* foram realizadas na gravação 7, quando a mesma tinha 3 anos e 5 meses. Como essas produções foram iguais, ainda que realizadas em momentos diferentes da gravação, só foi apresentada uma das produções a seguir.

(46) EB 3;05 - Gravação 7

EB: Você não vai bincá mais!

No exemplo (46), podemos perceber que EB, que antes permitia que a sua tia brincasse com ela, agora já não lhe dá essa permissão. Logo, podemos entender que a situação de “brincar”, que antes era permitida, no momento da fala de EB não o é mais, assumindo o seu término.

Já com relação à participante GR, pudemos verificar que suas primeiras produções veiculadoras do Aspecto Terminativo encontradas no *corpus* foram realizadas na gravação 12, quando a mesma tinha 2 anos e 5 meses. Essas produções estão expostas a seguir.

(47) GR 2;05 - Gravação 12

MÃE: Quem vai pegar primeiro? Quem vai pegar primeiro? Ai, você!

GR: Não tem mais.

(48) GR 2;05 - Gravação 12

MÃE: Esse? Mais um?

GR: Não. Não quer não. Não quer deixar mais não. (Não quer brincar mais não?)

Nos exemplos (47) e (48), podemos perceber que GR utiliza as expressões adverbiais “não X mais” e “não X mais, não” para afirmar o término da existência de algo (exemplo (47)) e do seu desejo por algo (exemplo (48)).

5.2.10 Aspecto Acelerativo

No capítulo 2 desta tese, verificamos que o Aspecto Acelerativo caracteriza uma situação que caracteriza uma situação que se desenrola rápida ou vagarosamente (Cinque, 1999). Nesse mesmo capítulo, também apresentamos as possíveis formas morfossintáticas de se veicular esse subtipo de aspecto no PB identificadas na literatura. Logo, classificamos como produções veiculadoras de Aspecto Acelerativo aquelas que se manifestaram através dos advérbios/expressões adverbiais acelerativos, como “rapidamente”, “velozmente”, “imediatamente”, “vagamente”, “lentamente”, “depressa”, “aceleradamente”, “apressadamente”, “demoradamente”, “calmamente”,

“paulatinamente”, “aos poucos” e “pouco a pouco”, “super rápido”, “rapidinho”, “imediatamente” e “aos poucos” (Cinque, 1999; Poli, 2002; Rodrigues, 2020) além de elementos contextuais.

Não foram encontradas produções que puderam ser classificadas como veiculadoras de Aspecto Acelerativo no *corpus* da participante AC.

Com relação à participante EB, pudemos verificar que as duas primeiras produções veiculadoras do Aspecto Acelerativo ocorreram na gravação 4, quando a mesma estava com 2 anos e 2 meses. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(49) EB 2;02 - Gravação 4

EB: Uma buzina. O papá dela! Rapidinho. (risos)

PE: Rapidinho?

EB: Rapidinho. Que é?! Tô indo!

No exemplo (49), observamos a produção do advérbio “rapidinho” sendo utilizado para mostrar a velocidade que as ações propostas por EB serão realizadas. Em ambas as manifestações desse advérbio, EB finge ouvir alguém a chamando e avisa que, em pouco tempo, ela irá responder a esse chamado. Nesses exemplos, a veiculação do Aspecto acelerativo é possibilitada pelo uso do advérbio “rapidinho” sem a presença de um verbo.

Nessa mesma gravação, EB também produziu um dado que pudemos classificar como veiculador do aspecto acelerativo I, já que o advérbio “rapidinho” parece ter efeito sobre o processo de “ligar”, conforme pode ser visto a seguir.

(50) EB 2;02 - Gravação 4

EB: Agola vou limpá ele aqui- neném sujou toda. Oia o dodói dele – o dodói dele.

PE: Ah...A neném tá dodói?

EB: (incompreensível – 50:14) rapidinho liga pa ela aqui.

No exemplo em (50), o advérbio “rapidinho” promove uma leitura de que a ligação deve ocorrer de forma apressada, ou seja, o tempo da ligação será curto.

Já com relação à participante GR, pudemos verificar que as produções veiculadoras do Aspecto Acelerativo só ocorreram na gravação 12, quando a mesma estava com 2 anos e 5 meses. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(51) GR 2;05 - Gravação 12

MÃE: Escorrega, mas escorrega forte ou escorrega devagar?

GR: Devagazinho.

MÃE: Escorrega devagarzinho? Mas você vai devagarzinho? Tu vai forte, garota!

Tu vai rápido, cabeça!

GR: Dadi fai dadazinho (Gabi vai devagarzinho).

No exemplo (51), observamos as produções do advérbio “devagarinho” sendo utilizados para mostrar como as ações propostas por GR seriam realizadas.

5.2.11 Aspecto Repetitivo

Conforme já explicado no capítulo 2 desta tese, o Aspecto Repetitivo caracteriza uma situação que foi realizada repetidamente (Cinque, 1999). Nesse mesmo capítulo, também descrevemos as possíveis formas morfossintáticas de se veicular esse subtipo de aspecto no PB identificadas na literatura e quais delas seriam utilizadas nesta tese. Logo, só classificamos como produções veiculadoras de Aspecto Repetitivo aquelas que se manifestaram através das perífrases verbais “voltar + a + infinitivo” e “tornar + a + infinitivo” (Wiśniewska, 2006), dos advérbios/expressões adverbiais “de novo”, “novamente”, “mais uma vez”, “outra vez” e seus possíveis equivalentes (Cinque, 1999) e elementos contextuais.

Com relação à participante AC, pudemos verificar que suas primeiras produções veiculadoras do Aspecto Repetitivo ocorreram nas gravações 14 e 20, quando a mesma estava com 2 anos e 8 meses e 2 anos e 11 meses, respectivamente. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(52) AC 2;08 - Gravação 14

AC: Ela canta de novo.

(53) AC 2;11 - Gravação 20

AC: Olha! Olha como machuco.

PE: Machuco?

AC: Machuco.

PE: Machuca o quê?

AC: Vou machucar de novo.

No exemplo (52), temos uma sentença que podemos classificar como veiculadora de Aspecto Repetitivo porque, nessa situação, temos a expressão adverbial “de novo” sendo utilizada para sinalizar que a ação de cantar está se repetindo.

No exemplo (53), temos um diálogo entre a participante e a pesquisadora. AC refere-se ao ato de pular e cair sentada como “se machucar” e faz a ação uma vez, para mostrar para a pesquisadora (essa informação está contida na primeira frase do diálogo). Ao que parece, a pesquisadora não viu ou não entendeu a ação, logo, AC fala que vai repeti-la, usando, para isso, a expressão adverbial “de novo”.

Com relação à participante EB, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Repetitivo foram encontradas na gravação 2, quando a mesma tinha 2 anos. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(54) EB 2;00 - Gravação 2

EB: Ah! De novo!

PE: De novo?

TIA: Sabe colocar, não sabe?

EB: De novo. De novo.

PE: Saiu?

EB: Saiu. O cabeo.

Nas produções presentes em (54), podemos verificar o uso da expressão adverbial “de novo” para marcar a repetição das situações de “cair” e de “cabelo sair da boneca”. Como nesses exemplos não há a produção de um verbo na sentença destacada, não seria possível afirmar se houve uma tentativa de veiculação do aspecto repetitivo I ou do aspecto repetitivo II. Porém, classificamos essa sentença como veiculadora de aspecto repetitivo II devido às características semânticas do verbo “cair”. Esse verbo, conforme já exposto no capítulo 2 desta tese, possui os traços [+pontual] e [+télico], os quais dificultariam uma possível quantificação do processo, leitura semântica referente ao aspecto repetitivo I.

EB também produziu um dado que pudemos classificar como veiculador do aspecto completo I, mas somente na gravação 12, quando a mesma tinha 3 anos. Essa produção encontra-se exposta a seguir.

(55) EB 2;02 - Gravação 4

EB: De novo caiu.

PE: Caiu? Opa!

EB: De novo.

Nessa ocorrência, podemos verificar o uso da expressão adverbial “de novo” em posição pré-verbal que, conforme já explicado nos capítulos anteriores, é uma das formas de veiculação do aspecto repetitivo I.

Já com relação à participante GR, pudemos verificar que as primeiras produções veiculadoras do Aspecto Repetitivo foram encontradas na gravação 14, quando a mesma tinha 2 anos e 3 meses. Essas produções encontram-se expostas a seguir.

(56) GR 2;03 - Gravação 12

GR: Abi muito, tem que ota xi uofo (Abriu muito, tem que botar de novo)

MÃE: Ah, se abriu muito a perna tem que voltar juntinho de novo, é isso?

(57) GR 2;03 - Gravação 12

GR: Ah, ele não doto xi, xinofo (Ele não botou de novo)

MÃE: Tinha que botar a perna juntinha de novo, né? Quando começa a abrir muito tem que juntar de novo, se não vai cair, né?

Nos exemplos (56) e (57), temos sentenças que pudemos classificar como veiculadoras de Aspecto Repetitivo porque, nessas situações, temos a expressão adverbial “de novo” sendo utilizada para sinalizar que a ação de “botar” tinha que ser repetida (exemplo (56)) e que a mesma não foi repetida (exemplo (57)).

Na próxima seção, retomamos o momento de emergência de cada subtipo aspectual na produção de cada criança e, em forma de gráficos, apresentamos um resumo das quantidades de produção por cada criança dos subtipos realizados ao longo do período analisado de gravações de fala.

5.3 RESULTADOS LONGITUDINAIS OBTIDOS POR CADA PARTICIPANTE

Nesta seção, expomos os resultados obtidos por cada participante individual e longitudinalmente, com o objetivo de se determinar a ordem de aquisição de cada um dos subtipos de aspecto analisados.

5.3.1 Participante AC

A seguir, temos um gráfico que mostra como ocorreu a produção de sentenças veiculadoras dos subtipos de aspecto analisados nesta pesquisa de AC longitudinalmente.

Como podemos observar no gráfico a seguir, as produções dos subtipos ocorreram da seguinte forma: aspecto progressivo (2 anos e 2 meses), aspecto perfeito (2 anos e 4 meses), aspecto aproximativo (2 anos e 6 meses), aspecto completivo II (2 anos e 9 meses), aspectos continuativo e prospectivo (2 anos e 11 meses), aspecto contínuo (3 anos), aspecto terminativo (3 anos e 4 meses), aspecto retrospectivo (3 anos e 5 meses) e aspecto completivo I (3 anos e 6 meses).

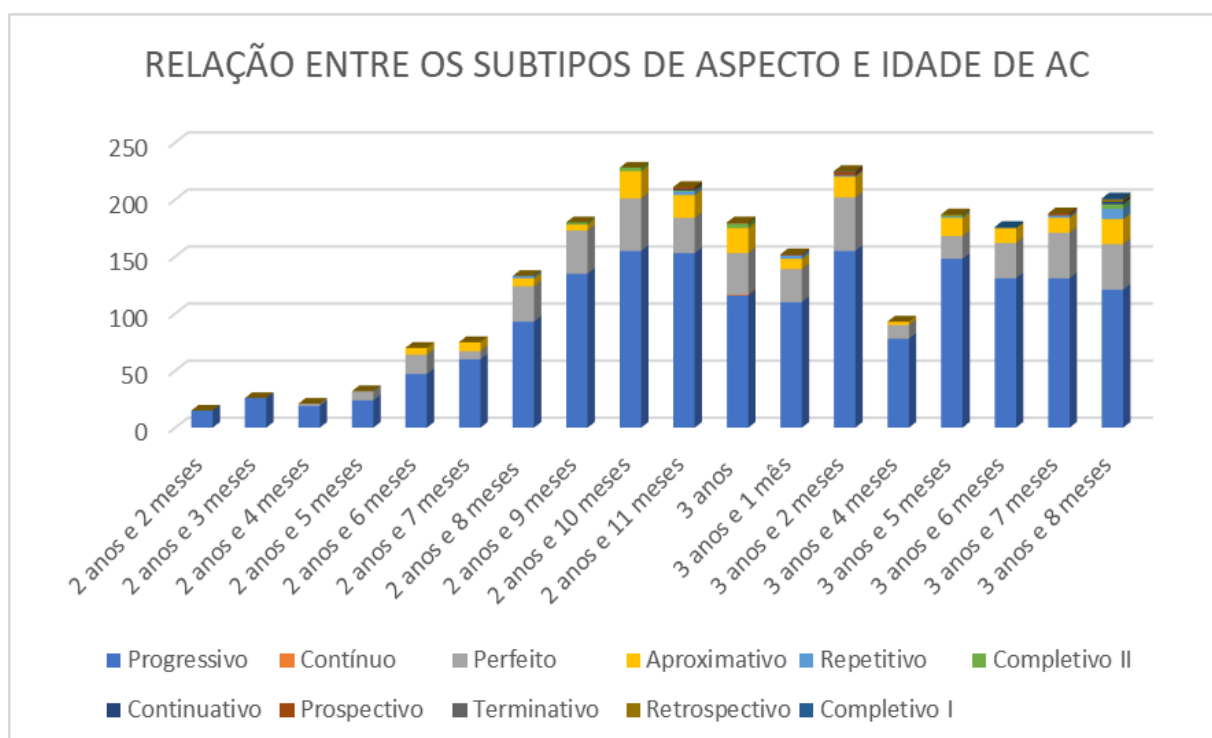


Gráfico 4: Relação entre os subtipos de aspecto e a idade de AC.

Dessa forma, pode-se afirmar que a ordem de produção por AC dos subtipos de aspecto estudados nesta tese ocorreu dessa forma: (i) progressivo, (ii) perfeito, (iii) aproximativo, (iv) repetitivo (I), (v) repetitivo (II), (vi) completivo (II), (vii) continuativo, (viii) prospectivo, (ix) contínuo, (x) terminativo, (xi) retrospectivo e (xii) completivo (I).

Com relação às morfologias e advérbios/expressões adverbiais produzidos por AC para expressar cada subtipo de aspecto, pode-se verificar uma grande variedade de combinações entre esses elementos sintáticos.

O subtipo de aspecto progressivo foi veiculado somente através de morfologias e perífrases e as primeiras produções foram realizadas através da morfologia de presente simples. O subtipo perfeito foi veiculado somente através da morfologia de pretérito perfeito. O subtipo de aspecto aproximativo foi veiculado pela perífrase “ir + verbo no infinitivo” com ou sem auxílio do advérbio “agora”.

O subtipo de aspecto repetitivo foi veiculado através de diversas morfologias e tempos verbais, mas todas tinham que estar associadas à expressão adverbial “de novo”. Inclusive, a veiculação desse subtipo de aspecto foi possível mesmo sem a presença de verbos (a compreensão estava dependente do contexto).

O subtipo de aspecto completivo foi produzido, primeiramente, através do pronome “tudo” e depois através da perífrase “terminar de + verbo no infinitivo”. O subtipo continuativo foi produzido com ou sem auxílio da expressão adverbial “ainda não”. O aspecto prospectivo foi veiculado através de diversas morfologias e em diversos tempos verbais contanto que todos estivessem associados ao advérbio “quase”.

O subtipo de aspecto contínuo só foi produzido uma vez no *corpus* de AC e essa sentença foi produzida através da associação entre a morfologia de presente simples e a expressão adverbial “todas as vezes”. Já o aspecto terminativo foi realizado através da morfologia de presente simples associado à expressão adverbial “não (X) mais”. O aspecto retrospectivo foi produzido através da associação entre a morfologia de pretérito perfeito e o advérbio “agora” e através da perífrase “acabar de + verbo no infinitivo”.

SUBTIPO DE ASPECTO	MORFOLOGIAS PRODUZIDAS	ADVÉRBIOS/ EXPRESSÕES ADVERBIAIS	IDADE
	Presente simples	-----	2;03
	Perífrase progressiva sem produção de	-----	2;04

PROGRESSIVO	auxiliar		
	Perífrase progressiva com produção de auxiliar em tempo presente	-----	2;06
	Perífrase progressiva com produção de auxiliar em tempo passado	-----	2;09
	Pretérito imperfeito contínuo	-----	3;06
PERFEITO	Pretérito perfeito	-----	2;04
APROXIMATIVO	Perífrase “ir + verbo no infinitivo”	Agora	2;06
	Perífrase “ir + verbo no infinitivo”	-----	2;06
REPETITIVO	Presente simples	De novo	2;08
	Perífrase “ir + verbo no infinitivo”	De novo	2;11
	-----	De novo	3;01
	Pretérito perfeito	De novo	3;07
COMPLETIVO	Pretérito perfeito	Pronome “tudo”	2;09
	Perífrase “ir + verbo no infinitivo”	Pronome “tudo”	3;00
	Perífrase “terminar de + verbo no infinitivo”	-----	3;06
CONTINUATIVO	Perífrase progressiva com produção de auxiliar em tempo presente	-----	2;11
	Pretérito Perfeito	Ainda não	3;08
	Pretérito perfeito	Quase	2;11

PROSPECTIVO	Perífrase progressiva com produção de auxiliar em tempo presente	Quase	3;02
	Presente simples	Quase	3;02
CONTÍNUO	Presente simples	Todas as vezes	3;00
TERMINATIVO	Presente simples	Não (X) mais	3;02
RETROSPECTIVO	Pretérito perfeito	Agora	3;05
	Perífrase “acabar de + verbo no infinitivo”	-----	3;08

Quadro 7: Tipos de morfologias e advérbios/expressões adverbiais produzidos por AC e as respectivas idades de produção.

5.3.2 Participante EB

A seguir, temos um gráfico que mostra como ocorreu a produção de sentenças veiculadoras dos subtipos de aspecto analisados nesta pesquisa de EB longitudinalmente.

Como podemos observar no gráfico a seguir as produções dos subtipos ocorreram da seguinte forma: aspectos progressivo, perfeito, completivo II e repetitivo II (2 anos), aspecto aproximativo e retrospectivo (2 anos e 1 mês), aspecto terminativo (2 anos e 5 meses), aspecto contínuo (3 anos e 2 meses), aspecto terminativo (3 anos e 4 meses) e aspecto completivo I (3 anos).

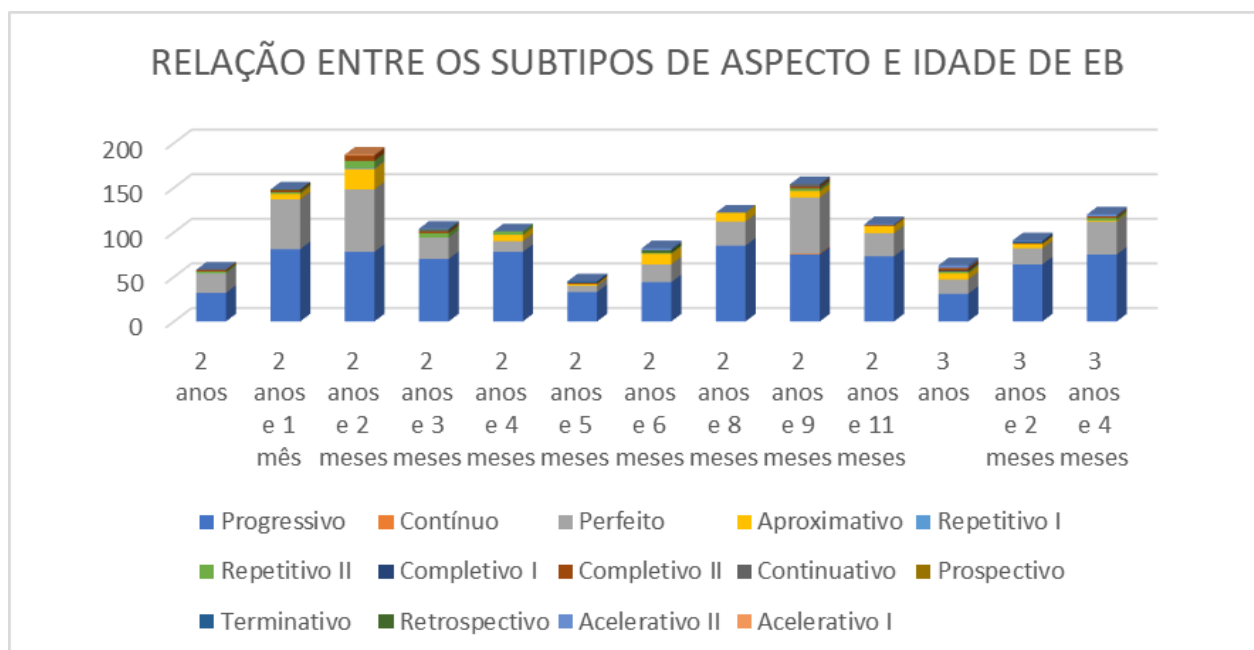


Gráfico 5: Relação entre os subtipos de aspecto e a idade de EB.

Dessa forma, pode-se afirmar que a ordem de produção por EB dos subtipos de aspecto estudados nesta tese ocorreu dessa forma: (i) aspectos progressivo, perfeito, completivo II e repetitivo II, (ii) aspectos aproximativo e retrospectivo, (iii) aspecto terminativo, (iv) aspecto contínuo, (v) aspecto terminativo e (vi) aspecto completivo I.

Com relação às morfologias e aos advérbios/expressões adverbiais produzidos por EB para expressar cada subtipo de aspecto, pode-se verificar uma grande variedade de combinações entre esses elementos sintáticos.

O subtipo de aspecto progressivo foi veiculado somente através de morfologias e perífrases e as primeiras produções foram realizadas através da morfologia de presente simples. O único advérbio que pareceu se associar a esse subtipo de aspecto foi o “agora”.

O subtipo perfeito foi veiculado somente através da morfologia de pretérito perfeito. O subtipo de aspecto completivo foi produzido, primeiramente, através do pronome “tudo” e suas variações e depois através da perífrase “acabar de + verbo no infinitivo”.

O subtipo de aspecto repetitivo foi veiculado através de morfologias com diferentes tempos verbais, mas todas tinham que estar associadas à expressão adverbial “de novo”. Inclusive, a veiculação desse subtipo de aspecto foi possível mesmo sem a presença de verbos (a compreensão estava dependente do contexto).

O subtipo de aspecto aproximativo foi veiculado pela perífrase “ir + verbo no infinitivo” com ou sem auxílio dos advérbios “agora” e “já” e pela expressão adverbial “daqui a pouco”. A morfologia de presente simples também foi utilizada, mas sua veiculação de aproximativo só foi possível devido a sua associação com o advérbio “agora” e a expressão adverbial “daqui a pouco”.

O aspecto retrospectivo foi produzido através da associação entre a morfologia de pretérito perfeito e o advérbio “agora” e através da perífrase “acabar de + verbo no infinitivo”. O subtipo acelerativo foi produzido associado a diversas morfologias e tempos verbais, mas todas estavam associadas aos advérbios/expressões adverbiais “rapidinho”, “rápido”, “devagarinho” ou “muito rápido”.

O subtipo continuativo foi produzido através do advérbio “agora” ou pela perífrase “continuar a + verbo no infinitivo”. Já o aspecto terminativo foi realizado através da perífrase “ir + verbo no infinitivo” associada à expressão adverbial “não (X) mais” ou pela morfologia de presente simples associada à expressão adverbial “nunca mais”.

O subtipo de aspecto contínuo só foi produzido uma vez no *corpus* de EB e essa sentença foi produzida através da associação entre a morfologia de pretérito perfeito e o advérbio “nunca”.

SUBTIPO DE ASPECTO	MORFOLOGIAS PRODUZIDAS	ADVÉRBIOS/ EXPRESSÕES ADVERBIAIS	IDADE
PROGRESSIVO	Presente simples	-----	2;00
	Perífrase progressiva com produção de auxiliar em tempo presente	-----	2;02
	Presente simples	Agora	2;06
	Pretérito imperfeito	-----	2;08
	Perífrase progressiva com produção de auxiliar em tempo passado	-----	3;02

PERFEITO	Pretérito perfeito	-----	2;00
		Nunca	3;02
COMPLETIVO	Pretérito perfeito	Pronome “tudo”	2;00
	Presente simples	Pronome “tudo”	2;02
	Pretérito perfeito	Pronome “toda”	2;05
	Perífrase “ir + verbo no infinitivo”	Todinha	2;06
	Presente simples	Pronome “toda”	3;00
	Pretérito perfeito	Pronome “todo”	3;00
	Perífrase “acabar de + verbo no infinitivo”	-----	3;00
REPETITIVO	-----	De novo	2;00
	Perífrase “ir + verbo no infinitivo”	De novo	2;01
	Pretérito perfeito	De novo	2;01
APROXIMATIVO	Perífrase “ir + verbo no infinitivo”	-----	2;01
	Perífrase “ir + verbo no infinitivo”	Agora	2;01
	Presente simples	Já	2;04
	Presente simples	Agora	2;08
	Presente simples	Daqui a pouco	2;09
	-----	Daqui a pouco	3;00
RETROSPECTIVO	Pretérito perfeito	Agora	2;01
	Perífrase “acabar de + verbo no infinitivo”	-----	3;02

ACCELERATIVO	-----	Rapidinho	2;02
	Presente simples	Rapidinho	2;02
	Imperativo	Rápido	2;06
	-----	Devagarinho	2;06
	Pretérito perfeito	Muito rápido	2;06
	Perífrase “ir + verbo no infinitivo”	Rapidinho	3;00
	Perífrase “ir + verbo no infinitivo”	Muito rápido	3;02
CONTINUATIVO	Presente simples	Ainda	2;03
	Perífrase “continuar a + verbo no infinitivo” associada ao tempo futuro	-----	2;09
TERMINATIVO	Perífrase “ir + verbo no infinitivo”	Não (X) mais	2;05
	Presente simples	Nunca mais	3;02
CONTÍNUO	Pretérito perfeito	Nunca	3;02

Quadro 8: Tipos de morfologias e advérbios/expressões adverbiais produzidos por EB e as respectivas idades de produção.

5.3.3 Participante GR

A seguir, temos um gráfico que mostra como ocorreu a produção de sentenças veiculadoras dos subtipos de aspecto analisados nesta pesquisa de GR longitudinalmente.

Como podemos observar no gráfico a seguir, as produções dos subtipos ocorreram da seguinte forma: aspecto perfeito (1 ano e 9 meses); aspectos continuativo, progressivo e completivo II (2 anos e 3 meses); aspecto repetitivo II, acelerativo II e terminativo (2 anos e 5 meses); aspecto retrospectivo (2 anos e 6 meses); aspectos aproximativo e contínuo (2 anos e 7 meses).

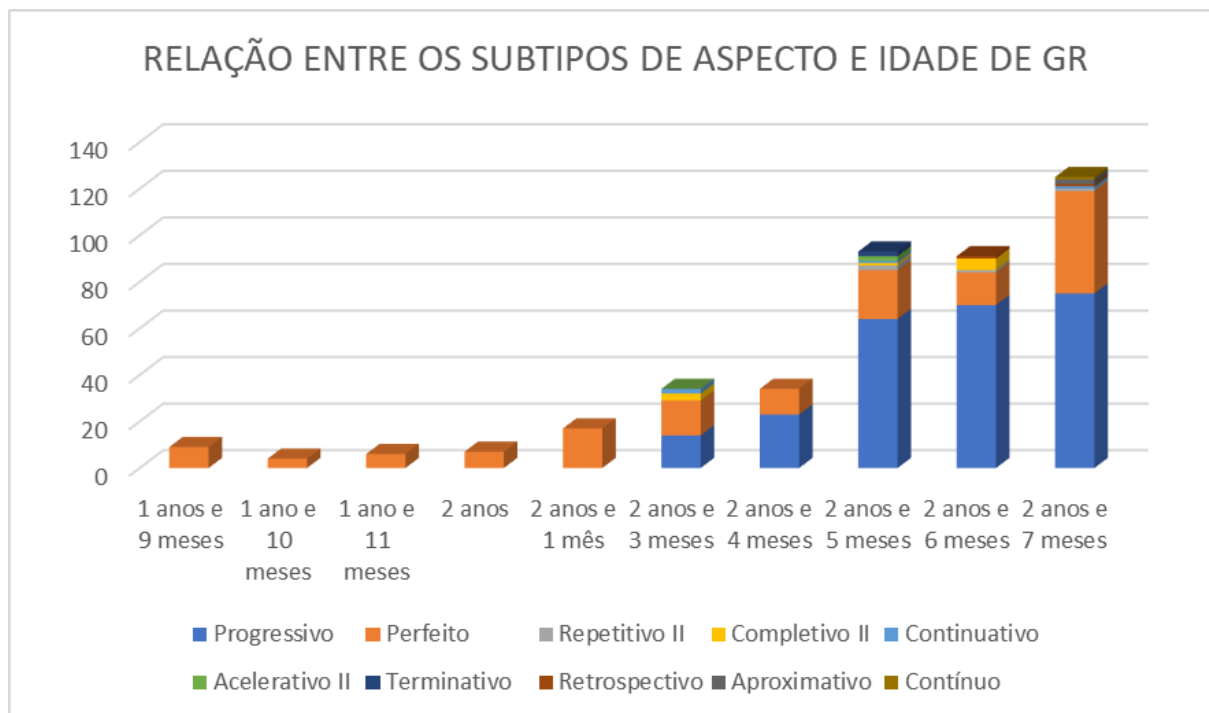


Gráfico 6: Relação entre os subtipos de aspecto e a idade de GR.

Dessa forma, pode-se afirmar que a ordem de produção por GR dos subtipos de aspecto estudados nesta tese ocorreu dessa forma: (i) aspecto perfeito, (ii) aspectos continuativo, progressivo e completivo II, (iii) aspecto repetitivo II, acelerativo II e terminativo, (iv) aspecto retrospectivo e (v) aspectos aproximativo e contínuo.

Vale destacar que, ao contrário das outras participantes, GR apresentou, nas primeiras coletas de dados, somente produções de aspecto perfeito. Isso se deu porque, conforme exposto no capítulo referente à metodologia, as realizações verbais das participantes só foram contabilizadas como veiculadoras de um dado subtipo de aspecto depois que identificamos que as crianças haviam passado da fase da HPA, ou seja, que uma dada morfologia já tinha sido associada a diferentes tipos de verbo. GR, especificamente, demonstrou associar outras morfologias diferentes do pretérito perfeito a pelo menos 3 tipos de verbo somente após os 2 anos e 1 mês, fazendo com que, só então, tais morfologias desassociadas de expressões adverbiais (como a perífrase progressiva e o presente simples) pudessem ser interpretadas com segurança como veiculadoras de um dos subtipos de aspecto investigados neste estudo (e não como a mera expressão de um dado aspecto semântico).

Com relação às morfologias e advérbios/expressões adverbiais produzidas por GR para expressar cada subtipo de aspecto, pode-se verificar uma grande variedade de combinações entre esses elementos sintáticos.

O subtipo perfeito foi veiculado somente através da morfologia de pretérito perfeito. O subtipo de aspecto progressivo foi veiculado somente através de formas verbais simples e perifrásticas.

O subtipo de aspecto completivo foi produzido com a associação entre diversas morfologias e o pronome “tudo/tudinho”. O subtipo continuativo foi produzido através do advérbio “agora” ou expressão adverbial “ainda não”.

Já o aspecto terminativo foi realizado através da morfologia de presente simples associada às expressões adverbiais “não (X) mais” ou “mais não”. O subtipo acelerativo foi produzido pela morfologia de presente simples associada ao advérbio “devagarinho”. Inclusive, a veiculação desse subtipo de aspecto foi possível mesmo sem a presença de verbos (a compreensão estava dependente do contexto).

O subtipo de aspecto repetitivo foi veiculado através de morfologias de imperativo, presente simples e pretérito perfeito associadas à expressão adverbial “de novo”. O aspecto retrospectivo foi produzido somente através da associação entre a morfologia de pretérito perfeito e o advérbio “agora” e o subtipo aproximativo só foi veiculado através da associação entre a perífrase “ir + verbo no infinitivo” com o advérbio “agora”. Por fim, o subtipo de aspecto contínuo só foi produzido uma vez no *corpus* de GR e essa sentença foi produzida através da associação entre a morfologia de presente simples e a expressão adverbial “sempre”.

SUBTIPO DE ASPECTO	MORFOLOGIAS PRODUZIDAS	ADVÉRBIOS/ EXPRESSÕES ADVERBIAIS	IDADE
PERFEITO	Pretérito perfeito	-----	1;09
PROGRESSIVO	Perífrase progressiva com produção de auxiliar em tempo presente	-----	2;03
	Perífrase progressiva sem produção de auxiliar em tempo	-----	2;03

	presente		
COMPLETIVO	Perífrase progressiva sem produção de auxiliar em tempo presente	Pronome “tudo”	2;03
	Presente simples	Pronome “tudo”	2;03
	Perífrase progressiva com produção de auxiliar em tempo presente	Pronome “tudo”	2;05
	Pretérito perfeito	Pronome “tudo”	2;06
CONTINUATIVO	Perífrase progressiva sem produção de auxiliar em tempo presente	Ainda não	2;03
	Pretérito perfeito	Ainda não	2;03
	Perífrase progressiva com produção de auxiliar em tempo presente	Ainda	2;05
TERMINATIVO	Presente simples	Não (X) mais	2;05
	Presente simples	Mais não	2;05
ACCELERATIVO	-----	Devagarinho	2;05
	Presente simples	Devagarinho	2;05
REPETITIVO	Imperativo	De novo	2;05
	Pretérito perfeito	De novo	2;06
	Presente simples	De novo	2;06
RETROSPECTIVO	Pretérito perfeito	Agora	2;06

APROXIMATIVO	Perífrase “ir + verbo no infinitivo”	Agora	2;07
CONTÍNUO	Presente simples	Sempre	2;07

Quadro 9: Tipos de morfologias e advérbios/expressões adverbiais produzidos por GR e as respectivas idades de produção.

5.4 DISCUSSÃO

Conforme pode ser observado nas seções anteriores, as três crianças analisadas na pesquisa apresentaram muitas divergências na ordem de produção dos subtipos de aspecto analisados.

Esta pesquisa tinha como proposta inicial coletar e analisar dados de produção e compreensão, pois, conforme já tinha sido discutido no capítulo referente à metodologia, Rodrigues (2019) evidencia a necessidade de se investigar a compreensão para conseguir afirmar com mais clareza sobre a aquisição das categorias funcionais, uma vez que o conhecimento acerca de um traço funcional, como um valor aspectual, pode anteceder os contextos que favorecem a sua produção. Porém, devido ao isolamento social promovido pela pandemia do Coronavírus, não foi possível realizar os encontros para coleta e realização dos testes que haviam sido desenvolvidos. Dessa forma, é possível que as crianças analisadas já tivessem adquirido os subtipos de aspecto analisados antes do que foi observado em seus dados, mas isso não pôde ser considerado nas análises.

Além de ter prejudicado a aplicação dos testes de compreensão, o isolamento social também modificou a forma de coletar os dados de produção. Os dados da participante AC foram coletados antes da pandemia do Coronavírus (entre os anos de 2016 e 2018) para uma pesquisa distinta desta (Rodrigues, 2019), portanto foi possível obter mais dados e de forma mais uniforme. Os dados de EB e GR foram coletados somente uma vez ao mês, sendo que as gravações da primeira tinham, em média, 1 hora de duração, enquanto que os da segunda tinham, em média, 30 minutos. Logo, podemos suspeitar que alguns dados de produção morfológica e adverbial de alguns subtipos de aspecto não tenham sido capturados e, conseqüentemente, computados nesta pesquisa.

Em relação a EB, é possível afirmar, através da análise de seus dados, que seu processo de aquisição aspectual se iniciou antes do início das coletas. Essa informação se

baseia no fato de que a produção de muitos dos subtipos de aspecto analisados (progressivo, perfeito, repetitivo II e completivo II) já ter sido verificada logo nas primeiras gravações, quando a mesma estava com apenas 2 anos de idade. Dessa forma, é viável afirmar que os dados de EB não revelam o início do processo de aquisição e, conseqüentemente, não seria possível estabelecer uma ordem hierárquica dos sintagmas referentes a esses subtipos de aspecto com base em seus dados de produção.

A participante GR foi a participante que começou a ser gravada mais cedo (com 1 ano e 9 meses) e que teve menos dados coletados (embora EB e GR disponham de 14 gravações cada, o tempo médio de cada gravação de EB é consideravelmente maior que o de GR). Independentemente disso, GR produziu quase todos os subtipos de aspecto analisados mesmo que em quantidade significativamente menor⁵⁵. Esses dados, porém, nos colocam diante de um impasse devido ao que foi discutido nos parágrafos anteriores: como a quantidade de dados pode ser considerada pequena com relação às demais e sem a presença de dados de compreensão, torna-se pouco factível ancorar-se nos dados de GR para se estabelecer uma proposta hierárquica concernente aos sintagmas aspectuais relacionados às suas produções.

Diante disso, AC é a participante que dispõe de mais regularidade entre as gravações e quantidade significativa de dados obtidos para, a partir deles, se propor uma análise relacionada à hierarquia sintática dos sintagmas aspectuais verificada em Cinque (1999, 2006). Todavia, devido à discussão já empreendida aqui relaciona à falta de dados de compreensão e à completa discrepância entre os resultados apresentados por todas as participantes, sustentamos que a ordem de produção dos subtipos de aspecto por AC não poderiam ser tomados como (contra-)evidência da hierarquia sintática defendida por Cinque (1999, 2006).

Mesmo não apresentando a mesma ordem de produção dos subtipos de aspecto, é possível verificar que os primeiros subtipos produzidos por todas as crianças analisadas estavam veiculando acontecimentos que estavam ocorrendo no momento de fala ou que tinham ocorrido em um momento próximo ao de fala, como os subtipos progressivo e perfeito⁵⁶.

⁵⁵ Além disso, GR nasceu prematura e, conforme a literatura já descreve, a prematuridade afeta de forma direta ou indireta o processo de aquisição de linguagem e maturação do sistema auditivo (Rechia *et al*, 2016).

⁵⁶ Argumentamos que o aspecto veiculado nessas sentenças era o perfeito e não o retrospectivo devido ao fato de termos optado por apenas incluir na amostra como veiculadoras desse subtipo aspectual as sentenças que contivessem uma evidência morfossintática clara de que o retrospectivo estivesse sendo realizado, a saber: a perífrase “acabar de + infinitivo” ou um advérbio relacionado a esse aspecto, como “agora”.

Os resultados descritos no parágrafo acima parecem se enquadrar às propostas encontradas em estudos de aquisição de linguagem e desenvolvimento infantil. Weist (1986) afirma que as crianças, inicialmente, só compreendem e, conseqüentemente, só conseguem expressar eventos que ocorreram no “aqui e agora”. Aos poucos, essa linha de tempo e a capacidade de abstração vão se expandindo e possibilitando que as crianças falem sobre situações que não foram/já foram/ainda serão vivenciadas por elas.

Logo, já era esperado que, inicialmente, todas as crianças produzissem, somente ou mais comumente, os subtipos de aspecto perfeito – para retratar um evento visto como um todo cuja finalização se deu próxima ao ato de fala – e progressivo – para destacar fases internas de um evento em desenvolvimento durante o ato de fala. De fato, as primeiras produções de aspecto perfeito encontradas nesta pesquisa foram verificadas na expressão de eventos que ocorreram em um momento muito próximo ao momento de fala, enquanto as primeiras produções de aspecto progressivo foram verificadas na expressão de eventos que estavam ocorrendo no momento de fala.

Sendo assim, quando associamos a proposta de Weist (1986) aos dados encontrados nos *corpora* deste estudo, é possível verificar que os dados de produção analisados se mostraram mais eficazes para revelar as necessidades de expressão das crianças do que para ratificar a hierarquia universal proposta por Cinque (1999, 2006).

Ressalta-se ainda que os mesmos dois subtipos de aspecto que apareceram inicialmente na produção das três crianças, perfeito e progressivo, foram descritos por Comrie (1976) como sendo “aspectos básicos”, já que são aqueles mais comumente gramaticalizados em grande parte das línguas analisadas por esse autor (cf. seção 2.1.2 do capítulo 2). Sendo, de acordo com o Princípio da Uniformidade, os traços relacionados a esses aspectos uniformemente representados na Faculdade da Linguagem e apenas diferentemente realizados entre as línguas (cf. seção 2.2 do capítulo 2), é possível especular que haja alguma tendência biologicamente dada para a nossa espécie de codificar morfofonologicamente algumas informações temporo-aspectuais em especial. Nesse sentido, igualmente em função da base biológica da linguagem, os aspectos que são mais rotineiramente gramaticalizados nas línguas seriam também aqueles primeiramente realizados na aquisição da linguagem. Talvez por essa razão todas as crianças analisadas nesta pesquisa iniciaram suas produções aspectuais através da veiculação dos subtipos de aspecto tidos como “básicos” por Comrie (1976): o perfectivo (que aqui estamos chamando de perfeito) e o imperfectivo (que aqui estamos chamando de progressivo).

Os objetivos desta pesquisa estavam diretamente relacionados à proposta de aquisição de linguagem verificada em Guilfoyle e Noonan (1992), que, conforme exposto no capítulo 3, se baseiam nos princípios da Hipótese Maturacional de aquisição de categorias funcionais. Os resultados obtidos nesta pesquisa não nos permitiram corroborar ou refutar essa proposta, devido a, principalmente, problemas de cunho metodológico que já foram relatados. Porém, os resultados obtidos nos dão base para argumentar que os traços referentes aos subtipos de aspecto analisados já estariam disponíveis na GU e seriam paulatinamente ativados, ou seja, eles estariam subespecificados e seriam especificados segundo um cronograma maturacional (Hyams, 1996). Essa ativação ocorreria, inicialmente, através da especificação dos traços referentes aos subtipos perfeito e progressivo, que foram os primeiros a serem produzidos pelas participantes.

Também é importante destacar que os subtipos perfeito e progressivo foram os mais produzidos pelas crianças analisadas. Essa quantidade significativa pode ser também decorrente das associações entre esses aspectos e outros veiculados conjuntamente a esses na mesma realização, sendo tais associações substancialmente verificadas nos três *corpora* analisados. Exemplos dessas associações encontram-se nos exemplos (1), (9), (27), (36), (43), (47), (52) e (53) retomados a seguir:

(58) AC 2;09 - Gravação 16

AC Já guardamos tudo, mamãe.

(59) AC 2;11 - Gravação 23

AC: Tá quase acabando a história.

(60) EB 2;01 - Gravação 3

EB: (incompreensível – 21:39) sei o que botá aqui. Embaixo. Ah! Olha aqui!
Agola botei bastante.

(61) AC 2;08 - Gravação 14

AC: Ela canta de novo.

(62) GR 2;07 - Gravação 14

MÃE: Não. Ela, ela não tá só no desenho? Incompreensível (2:04) Cê tem medo de aranha?

GR: Tenho.

MÃE: Tem?

GR: Tenho. Si, si sudir una donha aranha aqui Dadí fica com medo, sempre. (Se subir uma dona aranha aqui a Gabi fica com medo, sempre)

(63) GR 2;03 - Gravação 10

MÃE: Bateu? Tá

GR: Não, Dadí tatendo ainda não (Não, GR tá batendo ainda, não).

(64) GR 2;05 - Gravação 12

MÃE: Quem vai pegar primeiro? Quem vai pegar primeiro? Ai, você!

GR: Não tem mais.

(65) GR 2;05 - Gravação 12

MÃE: Escorrega, mas escorrega forte ou escorrega devagar?

GR: Devagazinho.

MÃE: Escorrega devagarzinho? Mas você vai devagarzinho? Tu vai forte, garota!

Tu vai rápido, cabeça!

GR: Dadí fai dadazinho (Gabi vai devagarzinho).

Nos exemplos (58) e (60), é possível verificar a veiculação do subtipo de aspecto perfeito e os subtipos completivo e retrospectivo, respectivamente. Já nos outros exemplos, é possível verificar a veiculação do subtipo de aspecto progressivo associado aos subtipos prospectivo (59), repetitivo (61), continuativo (63), terminativo (64) e acelerativo (65). Essa veiculação simultânea do aspecto perfeito ou do aspecto progressivo com outros aspectos pode ser considerada mais uma evidência a favor da classificação daqueles enquanto “aspectos básicos” das línguas (Comrie, 1976).

Também é possível observar que as produções aspectuais das crianças parecem refletir uma ordem de expressão linguística do macro para o micro: primeiramente, as participantes produziram os subtipos aspectuais básicos (perfeito e progressivo), que se opõem quanto à codificação da temporalidade interna da situação (um destaca o todo da

situação e o outro, o que está acontecendo no momento de fala) – o que estamos interpretando como a codificação da situação de uma perspectiva “macro” –, para depois produzirem os outros aspectos que indicam nuances aspectuais da situação mais sutis (como repetição, proximidade de um ponto de referência, completude da situação, etc) – o que estamos interpretando como a codificação da situação de uma perspectiva “micro”. Essa proposta vai ao encontro do que foi relatado no parágrafo anterior, já que, mesmo que não necessariamente, os subtipos tidos aqui como não básicos se associaram aos básicos em muitos dos dados encontrados nos *corpora*.

Outro dado acerca da aquisição aspectual que coincide entre as participantes diz respeito à produção reduzida e tardia de sentenças veiculadoras do subtipo aspectual contínuo. Esses resultados podem ser reflexo do fato de apenas ocorrências com a realização linguística do advérbio “sempre” e seus correspondentes terem sido classificadas como veiculadoras desse aspecto.

Travaglia (2016) classifica o “sempre” como um adjunto adverbial de frequência e, por isso, ele estaria frequentemente relacionado ao conceito de iteratividade e ao subtipo aspectual habitual (Rodrigues, 2009). Porém, como já mencionado no capítulo 2 desta tese, esse advérbio é considerado por Cinque (1999) como o prototípico do subtipo aspectual contínuo⁵⁷.

Para Ilari (1993 *apud* Rodrigues, 2009, p. 52), o “sempre” indica generalização sobre um universo de ocasiões relevantes, fazendo com que um predicado de determinado tipo ocorra em todas as ocasiões. Ou seja, para esse autor, o advérbio “sempre” seria sinônimo da expressão adverbial “toda vez”.

Na produção de GR, que foi a única que produziu o advérbio “sempre”, podemos constatar que, toda vez que se verifica a situação de “a aranha subir”, há a repetição da situação de “ficar com medo” por parte de GR. O exemplo (36) foi retomado a seguir para ilustrar o exposto.

(66) GR 2;07 - Gravação 14

MÃE: Não. Ela, ela não tá só no desenho? Incompreensível (2:04) Cê tem medo de aranha?

GR: Tenho.

⁵⁷ Cinque (1999) identifica diversos subtipos de aspecto que seguiram uma “escala” de iteratividade, que seriam repetitivo, frequentativo, continuativo, habitual, frequentativo e contínuo. Para entender melhor a diferença entre esses aspectos em termos de iteratividade, conferir a monografia intitulada “A iteratividade aspectual no português do Brasil: uma análise dos aspectos repetitivo, frequentativo, continuativo e habitual”, de Manso (2022).

MÃE: Tem?

GR: Tenho. Si, si sudir una donha aranha aqui Dadí fica com medo, sempre. (Se subir uma dona aranha aqui a Gabi fica com medo, sempre)

A produção tardia do subtipo aspectual contínuo estaria, então, diretamente ligada à complexidade presente na definição do advérbio “sempre” descrito anteriormente. As crianças precisam de uma maturação dos conceitos temporais e de abstração para entender o conceito de iteratividade característica de um período de tempo estendido.

Os dados encontrados nesta pesquisa sustentam, portanto, uma proposta de separação entre o que Cinque (1999) denominava de “aspecto perfeito/imperfeito” em sua primeira definição desse subtipo aspectual (cf. item “f” da seção 2.1.3 do capítulo 2). Porém, mais do que adotar uma nomenclatura única para esse subtipo de aspecto (como “aspecto contínuo”), como o faz o próprio Cinque (2013) em seus trabalhos mais recentes, também defendemos a necessidade de se representar sintaticamente o subtipo de aspecto perfeito separadamente do subtipo de aspecto contínuo na hierarquia sintática da sentença.

Isso se daria devido a um dos principais princípios da cartografia (Kayne, 2005), que estabelece que, para cada propriedade semântica que possa ser morfossintaticamente realizada nas línguas, deve haver um traço funcional que, por consequência, projeta um sintagma funcional (princípio conhecido como “*one feature, one head*”). Os subtipos de aspecto perfeito e contínuo se diferenciam tanto em função de suas propriedades semânticas e morfossintáticas quanto em função do seu período de aquisição, como foi apresentado nesta tese. Logo, é possível defender que haja tanto um sintagma AspContínuoP, que abarcaria em seu núcleo o traço [\pm contínuo], quanto um sintagma AspPerfeitoP, que abarcaria em seu núcleo o traço [\pm perfeito].

Destaca-se, neste ponto, uma outra questão relevante para discussão: as análises realizadas a partir de dados da aquisição morfossintática de aspecto podem nos auxiliar a identificar as morfologias e/ou advérbios/expressões adverbiais prototípicos dos subtipos de aspecto investigados. Isso se daria porque, conforme já discutido, as crianças inicialmente codificariam as informações aspectuais tidas como mais básicas. Analogamente, é possível afirmar que, como qualquer codificação morfossintática – seja morfológica ou adverbial – já é suficiente para transmitir a informação gramatical pelo acionamento do traço presente no sintagma funcional referente a tal informação, as primeiras morfologias e/ou advérbios/expressões adverbiais realizados pelas crianças

podem ser considerados os elementos morfossintáticos prototípicos – ou os mais básicos – das suas respectivas categorias sintáticas.

Nos quadros (7), (8) e (9) expostos na seção anterior, foram descritas as formas verbais e adverbiais e os pronomes utilizados nas produções das crianças analisadas nesta tese para cada aspecto veiculado. Nos próximos parágrafos, tecem-se considerações acerca das realizações morfossintáticas de alguns dos aspectos investigados que merecem destaque.

Para veicular o subtipo de aspecto progressivo, duas das três crianças analisadas produziram, inicialmente, a morfologia de presente simples. Conforme levantado por Martins (2006) e Novaes e Martins (2017), as morfologias utilizadas para veicular esse aspecto associado ao tempo presente no PB são o presente simples e a perífrase progressiva com auxiliar no presente. Moreira (2020) verificou, por meio de um teste de produção semiespontânea oral, que 77% das realizações desse subtipo de aspecto na fala de sujeitos adultos e nativos no PB se deram por meio da morfologia progressiva.

Diante dessa diferença entre a morfologia que é primeiramente realizada pelas crianças e a que é mais comumente empregada pelos adultos na veiculação do aspecto progressivo, especula-se que o uso inicial da morfologia de presente simples pelas crianças poderia ser motivado: (i) pela menor complexidade estrutural das formas verbais simples ou (ii) pelo grande inventário de valores temporo-aspectuais que a morfologia de presente simples pode veicular.

Sobre a possibilidade (i) aventada acima, destaca-se que a morfologia progressiva é formada por um verbo auxiliar (que comumente é o verbo “estar”) seguido de um verbo principal no gerúndio. Logo, baseando-se nas hipóteses de aquisição de linguagem que afirmam que as falas infantis vão apresentando construções morfossintáticas mais complexas conforme as gramáticas mentais das crianças vão se desenvolvendo, é previsível que haja preferência por construções verbais estruturalmente mais simples e por realizações verbais possivelmente atreladas a diferentes informações temporo-aspectuais pelas crianças em suas produções iniciais.

O subtipo de aspecto aproximativo foi produzido tanto através da associação entre a perífrase “ir + infinitivo” e o advérbio “agora” quanto através da associação entre a perífrase “ir + infinitivo” e elementos contextuais. Destaca-se que essas duas possibilidades de veiculação foram produzidas pela primeira vez nas mesmas gravações/idades das participantes AC e EB (a participante GR só produziu esse subtipo através da associação entre a perífrase “ir + infinitivo” e o advérbio “agora”). A

associação entre a perífrase “ir + infinitivo” e o advérbio “agora” para veicular esse tipo de subtipo aspectual já havia sido descrita por Oliveira (2006) e Almeida, Figueiredo e de Oliveira (2014).

Outra forma de veiculação desse subtipo de aspecto descrita na literatura e que também apareceu no *corpus* de EB é a chamada de “presente futuro”, que é composta pela morfologia de presente simples associada a um advérbio/expressão adverbial de futuro próximo (Ilari; Oliveira; Basso, 2016). Dentre esses advérbios/expressões adverbiais de futuro próximo, EB produziu “agora”, “já” e “daqui a pouco”. Destaca-se, porém, que essa única participante que produziu o “presente futuro” para a veiculação do aspecto aproximativo só o fez depois de já ter produzido a perífrase “ir + infinitivo” e o advérbio “agora”/elementos contextuais. Logo, é possível afirmar que a perífrase (“ir + infinitivo”) é a morfologia canônica desse subtipo de aspecto e “agora” é o seu advérbio canônico.

O subtipo de aspecto repetitivo foi produzido necessariamente através da produção da expressão adverbial “de novo”. Inclusive, o “de novo” foi produzido até mesmo sem estar associado a um verbo ou a diferentes morfologias, demonstrando que a veiculação não necessita de determinadas morfologias e/ou perífrases no PB. Dessa forma, é possível supor, em consonância com Cinque (1999), que essa seria a expressão adverbial canônica desse subtipo de aspecto.

Apesar de pouco empregado, o subtipo de aspecto contínuo foi realizado pelas três participantes deste estudo, porém produzido de formas diferentes por todas elas. Cinque (1999) afirma que o advérbio canônico desse subtipo de aspecto é o “sempre” e, de fato, esse foi o advérbio produzido por GR para veicular o subtipo contínuo. Já as demais crianças utilizaram a expressão adverbial “todas as vezes” e o advérbio “nunca” para veicular esse subtipo aspectual. Sendo assim, dada a variabilidade verificada entre os advérbios/expressões adverbiais empregados pelas três crianças analisadas, os resultados desta pesquisa não permitem argumentar que um dado advérbio/expressão adverbial seja o prototípico desse aspecto.

Com respeito ao subtipo de aspecto terminativo, foram utilizadas somente a expressão adverbial “não (X) mais” e suas expressões correspondentes (“nunca mais” e “mais não”). A expressão “não (X) mais” foi a primeira – ou até mesmo a única, como no caso de AC – produzida por todas as crianças analisadas. Nesse sentido, argumenta-se que esses dados sugerem que, conforme proposto por Cinque (1999), a expressão

adverbial “não (X) mais” parece ser a expressão adverbial canônica desse subtipo aspectual.

O aspecto retrospectivo foi produzido, primeiramente – ou exclusivamente, no caso de GR –, pela associação entre a morfologia de pretérito perfeito e o advérbio “agora” pelas três crianças analisadas neste estudo. Apenas posteriormente, AC e EB produziram a perífrase “acabar de + infinitivo”, descrita por Comrie (1985), Cinque (1999) e Medeiros (2019) como uma forma de realização do aspecto retrospectivo. Nesse sentido, argumenta-se que o pretérito perfeito e o “agora” seriam, respectivamente, a morfologia e o advérbio canônicos desse subtipo de aspecto no PB. Para Cinque (1999), o advérbio canônico desse subtipo de aspecto seria “recentemente”, porém nenhuma das crianças analisadas produziu tal advérbio.

Com relação ao subtipo de aspecto acelerativo, realizado apenas pelas participantes EB e GR, tem-se que a participante EB produziu inicialmente os advérbios que expressam a rapidez no desenvolvimento de um dado evento (“rápido” e “rapidinho”) e GR produziu somente um advérbio que expressa a lentidão no desenvolvimento de um dado evento (“devagarinho”). Todos esses advérbios haviam sido citados por Cinque (1999) e Rodrigues (2020) como veiculadores do aspecto acelerativo, porém, como cada criança produziu um advérbio diferente nas suas produções iniciais e como a semântica desses advérbios está atrelada a conceitos opostos, não é possível estabelecer um advérbio canônico desse subtipo aspectual.

Por fim, cabe destacar que, do ponto de vista das realizações morfológicas que primeiramente emergiram nas produções das crianças analisadas, independentemente dos aspectos por elas veiculados, as formas verbais simples emergiram anteriormente às formas verbais perifrásticas. Assim, a comparação entre os quadros de 7 a 9 da seção anterior indicam que AC primeiramente realiza o presente simples (2 anos e 3 meses), o pretérito perfeito (2 anos e 4 meses) e a perífrase progressiva sem produção de auxiliar (2 anos e 4 meses), EB realiza primeiramente o presente simples e o pretérito perfeito (2 anos) e GR realiza primeiramente o pretérito perfeito (1 ano e 9 meses) seguido da perífrase progressiva sem e com a produção de auxiliar e do presente simples (ambos com 2 anos e 3 meses). Ressalta-se que a emergência na produção de GR de uma perífrase com o auxiliar realizado foneticamente acontece no rol de formas verbais que foram capturadas na sequência do pretérito perfeito, porém com um intervalo temporal de seis meses entre elas. Nesse sentido, reitera-se que os dados desta pesquisa indicam que

as formas verbais estruturalmente menos complexas emergem na produção infantil mais precocemente que formas verbais estruturalmente mais complexas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Guilfoyle e Noonan (1992), os princípios e suas disponibilidades paramétricas estão presentes na Gramática Universal das crianças desde o nascimento, porém, para que o processo de parametrização seja efetuado, há a necessidade de maturação biológica e cognitiva por parte das crianças. Essas autoras ainda estabelecem que toda vez que uma categoria funcional é adquirida, uma projeção referente a ela é adicionada à representação sintática estrutural. As autoras também afirmam que a introdução de uma nova categoria funcional no sistema linguístico marca a transição de um estágio da gramática para outro. Na maioria dos casos, as mudanças assumem a forma de processos que, nos estágios anteriores, não poderiam acontecer devido à ausência da categoria funcional em questão.

Sendo assim, a partir do estudo dessas autoras, é possível assumir que a aquisição dos sintagmas funcionais que compõem a representação estrutural da sentença se dá dos sintagmas mais baixos para aqueles mais altos nessa representação. Nesse sentido, em uma hierarquia que contenham diferentes sintagmas funcionais aspectuais, a expectativa é que os mais abaixo na hierarquia sejam primeiramente adquiridos.

Para esta tese, utilizamos a classificação dos subtipos de aspecto de Cinque (1999, 2006). Esse autor subdivide essa categoria funcional em diversos subtipos, porém somente 10 desses subtipos foram investigados nesta pesquisa: completivo, prospectivo, progressivo, aproximativo, retrospectivo, contínuo, continuativo, terminativo, acelerativo e repetitivo.

Esta pesquisa teve como objetivo geral contribuir para a descrição do processo de aquisição linguística de aspecto e para a ampliação de discussões voltadas para a teoria de aspecto e, como objetivo específico, investigar como ocorre a aquisição morfossintática dos aspectos elencados no parágrafo anterior no português do Brasil (PB). Para tanto, realizou-se um estudo de caso múltiplo com dados extraídos longitudinalmente de três crianças adquirindo o PB, denominadas AC, EB e GR. A coleta de dados se deu por meio de gravações de fala espontânea ou semiespontânea das crianças minimamente a cada trinta e cinco dias por pelo menos dez meses.

A hipótese adotada para esta pesquisa foi de que a realização morfossintática dos aspectos propostos por Cinque (1999, 2006) na produção linguística de crianças adquirindo o PB seria observada seguindo a ordem hierárquica dos sintagmas a eles relacionados na hierarquia estrutural, sendo produzidos primeiramente os aspectos

alocados em sintagmas mais baixos e posteriormente aqueles alocados em sintagmas mais acima dessa hierarquia. Para isso, considerou-se a proposta hierárquica defendida por esse mesmo autor (Cinque, 1999, 2006).

A partir dos resultados obtidos e descritos no capítulo destinado aos resultados e análises, concluímos que a hipótese proposta para esta tese não pôde ser nem refutada nem confirmada. Tal conclusão foi defendida com base no fato de (i) os dados apresentados pelas três participantes terem divergido em diversos pontos, como na ordem de produção dos aspectos investigados ao longo das gravações, (ii) os dados coletados para esta tese terem sido exclusivamente de produção, uma vez que os testes de compreensão desenvolvidos não puderam ser aplicados em função da pandemia do novo Coronavírus, COVID-19 (2020 - 2023) e (iii) a forma de coleta dos dados de produção de cada criança ter variado entre as três participantes da pesquisa devido à referida pandemia, tendo sido conduzida pela pesquisadora em alguns casos e por familiares das crianças em outros casos.

Apesar disso, informações importantes a respeito da aquisição de aspecto puderam ser extraídas dos resultados obtidos nesta pesquisa. Dentre elas, destaca-se que os primeiros subtipos de aspecto produzidos por todas as crianças analisadas estavam codificados em sentenças que expressavam acontecimentos que estavam ocorrendo no momento de fala ou que tinham ocorrido em um momento próximo ao de fala (subtipos aspectuais progressivo e perfeito, respectivamente). Essa realização linguística de eventos temporalmente próximos ao momento de fala já havia sido descrita por Weist (1986). Segundo esse autor, as crianças inicialmente só compreendem e, conseqüentemente, só conseguem expressar eventos que ocorreram no *here and now* (“aqui e agora”). Aos poucos, essa linha de tempo e a capacidade de abstração vão se expandindo e possibilitando que as crianças falem sobre situações que não estão sendo ou tenham sido vivenciadas naquele mesmo momento.

Os subtipos progressivo e perfeito, aqueles identificados como sendo os primeiros a serem produzidos inicialmente pelas três crianças estudadas nesta tese, são descritos por Comrie (1976) como sendo “aspectos básicos” (referenciados como imperfectivo e perfectivo, respectivamente) pelo fato de esses aspectos serem mais comumente realizados morfossintaticamente nas línguas. Defendemos que os dados desta pesquisa também corroboram a proposta de progressivo e perfeito serem os aspectos mais básicos pelo fato de esses serem os primeiros subtipos de aspecto produzidos pelas crianças investigadas que as permitem ter uma comunicação funcional efetiva. Nesse sentido, o

vasto inventário de línguas com a gramaticalização desses subtipos de aspecto e a realização mais precoce desses mesmos subtipos constituem uma dupla evidência de que há um programa biológico da linguagem que favorece e dá forma ao desenvolvimento desses subtipos aspectuais em particular.

Ressalta-se ainda como uma das discussões empreendidas neste trabalho a partir dos resultados obtidos o fato de as primeiras realizações verbais e adverbiais dos subtipos de aspecto estudados pelas três crianças terem sido tomadas como as morfologias ou advérbios/expressões adverbiais canônicos no PB daquele subtipo aspectual veiculado quando havia uma uniformidade nessas produções iniciais pelas três crianças. Nesse sentido, defendemos, por exemplo, que (i) a forma verbal “ir + infinitivo” – e não o “presente futuro” (forma verbal no presente com expressão adverbial de futuro) – e o advérbio “agora” – e não o advérbio “já” ou “daqui a pouco” – parecem ser as realizações morfossintáticas canônicas do aspecto aproximativo no PB e (ii) a forma verbal de pretérito perfeito – e não “acabar de + infinitivo” – e o advérbio “agora” – e não o advérbio “recentemente” – parecem ser os canônicos para a realização do aspecto retrospectivo nessa língua.

Argumentamos, desse modo, que o estudo desenvolvido contribuiu para atingirmos o objetivo geral desta pesquisa. Defendemos isso porque entendemos que os resultados coletados tanto contribuem para a descrição de processo de aquisição de aspecto – uma vez que foi analisada a emergência de dez diferentes subtipos de aspecto na produção de crianças adquirindo o PB e foi verificada a emergência mais precoce dos subtipos progressivo e perfeito na produção de todas as participantes do estudo – quanto contribuem para a teoria linguística de aspecto – uma vez que foi discutida a ideia de “aspectos básicos” e foi apresentado um levantamento acerca de possíveis realizações morfológicas e adverbiais canônicas no PB de alguns subtipos de aspecto.

Vale retomar que não foi somente a coleta de dados que foi afetada pelo isolamento social proposto como intervenção para a pandemia do novo Coronavírus. A metodologia inicialmente concebida para esta pesquisa também teve que ser reestruturada. A princípio, a quantidade de participantes seria maior e, para além da coleta de dados de produção, um teste de compreensão com imagens desenvolvido para esta pesquisa seria aplicado aos participantes do estudo. A proposta do teste era verificar se, mesmo sem produzir morfossintaticamente determinado subtipo de aspecto, as crianças já seriam capazes de compreender os traços relativos àquele aspecto. Concebemos esse teste, que não pôde vir a ser aplicado, baseando-se na hipótese de que,

antes de produzir alguma construção morfossintática, a criança pode compreender seu significado e objetivo de uso.

Logo, sugere-se, para as próximas pesquisas sobre aquisição linguística de aspecto gramatical, associar dados extraídos de uma coleta de dados de produção padronizada a resultados extraídos da aplicação de testes de compreensão. Dessa forma, acreditamos que será possível realizar uma análise acerca da aquisição aspectual mais reveladora quanto aos momentos de emergência do conhecimento linguístico dos diferentes subtipos aspectuais nas gramáticas mentais infantis.

Por fim, devemos destacar a importância de pesquisas que se voltem para aquisição de fenômenos linguísticos no nível sintático – como feito nesta tese – para a área da saúde, como a fonoaudiologia. Somente a partir da análise de dados desse tipo que profissionais dessa área poderão diferenciar padrões sintáticos típicos de atípicos e, como consequência, elaborar protocolos de avaliação e planejamentos terapêuticos para que seus pacientes possam atingir os padrões esperados.

REFERÊNCIAS

AKSU-KOQ, A. **The acquisition of aspect and modality**: The case of past reference in Turkish. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. Introduction: the modules of perfect constructions. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. v-xxxviii.

ALGEO, J. E. The Portuguese present perfect. **Luso-Brazilian Review**, Madison, v. 13, n. 2, p. 194-208, 1976.

ALMEIDA, F.S.; FIGUEREDO, J.G.S; DE OLIVEIRA, J.M. Relevância de variáveis linguísticas e sociais na expressão do futuro verbal. In XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014), 2014, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Ideia, 2014. [s.p.].

ALVES, M.G. **Interação entre aspecto gramatical e semântico**: a morfologia progressiva e os verbos pontuais no inglês americano e britânico. 2019. 46f. Monografia (Graduação em Letras Português/Inglês). Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e Abusos dos Estudos de Caso. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

ANDERSEN, R. La adquisición de la morfología verbal. **Linguística**, Caracas, v.1, p. 89-141, 1989.

ANDERSEN, R.; SHIRAI, Y. The primacy of spect in first and second language acquisition: the pidgin- creole connection. In: RITCHIE, W.C.; BHATIA, T.K. (ed.) **Handbook of second language acquisition**. California: Academic Press, 1996. p. 527-560.

ANDERSEN, R. The one to one principle of interlanguage construction. **Language Learning**, v. 34, n. 4, 1984.

ANTINUCCI, F.; MILLER, R. How children talk about what happened. **Journal of Child Language**, Cambrigde, v.3, p. 169-189, 1976.

AVRUTIN, S.; HAVERKORT, M.; VAN HOUT, A. Language acquisition and language breakdown. **Brain and language**, [s. l.], v 77, p. 269-73, 2001.

ARAUJO, T.S.N. **Aquisição de aspecto no português brasileiro**. Rio de Janeiro, 2015. 140f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ARAUJO, T.S.N. A aquisição da morfologia verbal no PB e a categoria de aspecto. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p. 89-105, 2018.

Associação Brasileira de Pais, Familiares, Amigos e Cuidadores de Bebês Prematuros. **Prematuridade.com**. 2022. Idade Cronológica x Corrigida. Disponível em: [Idade](#)

[Cronológica x Corrigida - Prematuridade - ONG Prematuridade.com](http://Cronológica%20x%20Corrigida%20-%20Prematuridade%20-%20ONG%20Prematuridade.com). Acesso em: 10 out. 2023.

BECK, S.; SNYDER, W. The Resultative Parameter and Restitutive Again. In: FÉRY, C.; STERNEFELD, W. (ed.). **Audiatu r Vox Sapientiae: A Festschrift for Arnim von Stechow**. Alemanha: De Gruyter, 2001.p.48-69.

BEGHELLI, F. **The phrase structure of quantifier scope**. 1995. 732 f. Dissertação (Mestre em Linguística) - University of California, Los Angeles. 1995.

BEGHELLI, F.; STOWELL, T. Distributivity and Negation. The syntax of EACH and EVERY. In: SZABOLCSI, A. (Ed.). **Ways of scope taking**. Dordrecht: Kluwer, 1997. p.71-109.

BENNETT, M.; PARTEE, B. Toward the logic of tense and aspect in English. In: PARTEE, B. **Technical Report for the System Development Corporation**. Santa Monica: System Development Corporation, 1972.

BERTUCCI, R. Aspecto terminativo: verbos auxiliares no português brasileiro. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v.12, n.1, p.41-58, 2010.

BHALIA, A. Testing Cinque's hierarchy: Adverb Placement in Hindi. In: RODGERS, B. (ed.). **LSO working papers in linguistic**, v.6, Proceeding of WIGL. Madison: University of Wisconsin, 2006. p.10-26.

BICKERTON, D. **Roots of language**. Ann Arbor, MI: Karoma, 1981.

BLOOM, L.; HARNER, L. On the developmental contour of child language: A reply to Smith and Weist. **Journal of Child Language**, v.16, p.207-216, 1989.

BLOOM, L.; LIFTER, K.; HAFITZ J. Semantics of verbs and the development of verb inflection in child language. **Language**, Nova Iorque, v.56, p.386-412, 1980.

BOK-BENNEMA, R. Evidence for an Aspectual Functional Head in French and Spanish. In: OOSTENDORP, M.V.; ANAGNOSTOPOULOU, E. **Progress in Grammar, Articles on the 20th Anniversary of the Comparison of Grammatical Models Group in Tilburg**. Amsterdam: Roquade, 2001.

BORER, H. **Parameter Syntax: Case studies in semitic and Romance languages**. Dordrecht: Foris Publications, 1984.

BORER, H.; WEXLER, K. The maturation of syntax. In: ROEPER, T.; WILLIAMS, E. (Eds.). **Parameter Setting**, 1987. p. 123-172.

BRINTON, L. J. **The Development of English Aspectual Systems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BRONCKART, J.; SINCLAIR, H. Time, Tense and Aspect. **Cognition**, v. 2, p. 107-130, 1973.

BROWN, R. **A first language**. Cambridge: Harvard University Press, 1973.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The Evolution of Grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world.** Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CARLSON, R. Aspect, tense, modality, and negation. In: CARLSON, R (autor). **A Grammar of Supyire.** Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1994. p.307-398.

CASTILHO, A.T. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M.B.M.; RODRIGUES, A.C.S. (orgs). **Gramática do Português Falado**, v. VIII, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 83-122.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures.** Berlim: Mouton de Gruyter, 1957.

CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding.** Dordrecht: Foris Publications, 1981.

CHOMSKY, N. **Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use.** Nova Iorque: Praeger, 1986.

CHOMSKY, N. **Language and problems of knowledge.** Cambridge: MIT Press, 1988.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program.** Cambridge: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (eds). **Step by step: essays on Minimalist Syntax in honor of Howard Lasnik.** Cambridge, MA: MIT Press, 2000. p. 89-155.

CHOMSKY, N. 2001. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.) **Ken Hale: A Life in Language.** Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001. p. 1-52.

CHOMSKY, N.; LASNIK, H. The Theory of Principles and Parameters. In: JACOB, J. *et al* (ed.) **Syntax: An international handbook of contemporary research.** Volume 1. Berlim: Walter de Gruyter, 1993, p. 506-569.

CINQUE, G. **Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective.** New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, G. **Functional Structure in DP and IP: The Cartography of Syntactic Structures.** Nova Iorque: Oxford University Press, 2002.

CINQUE, G. Issues in adverbial syntax. **Lingua**, [s.l.], v.114, [s.n.], p. 683-710, 2004.

CINQUE, G. **Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures.** Nova Iorque: Oxford University Press, 2006.

CINQUE, G. Cognition, universal grammar, and typological generalizations. **Lingua**, [s.l.], v. 130, [s.n.], p. 50-65, 2013.

CINQUE, G. On the status of functional categories (heads and phrases). **Language and Linguistics**, [s. l.], v. 18, n. 4, p. 521- 576, 2016.

CINQUE, G.; RIZZI, L. The cartography of syntactic structures. **CISCL Working Papers on Language and Cognition**, Siena, v. 2, p. 43-59, 2008.

COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COMRIE, B. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

DAHL, Ö. **Tense and aspect systems**. Oxford: Blackwell, 1985.

De LEMOS, C. Interactional processes in child's construction of language. In: DEUTSCH, W.(Ed.), **The child's construction of language**. London: Academic Press, 1981. p. 57-76.

SANT'ANNA, A.A.; MARTINS, A.L.; GOMES, J.C.S. **Realizações morfológicas do perfect associado ao passado no português brasileiro**. D-LING. Rio de Janeiro, UFRJ. 2019.

DIXON, R.M.W. Verbal morphology. In: DIXON, R.M.W. (autor). **The Dyirbal language of North Queensland**, Cambridge: Cambridge University Press, 1972. p. 248-252.

DOWTY, D. **Word meaning and montague semantics: the semantics of verbs and times in generative semantics and in montague's PTQ**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Co, 1979.

DRAI, D., GRODZINSKY, Y., ZURIF, E. Broca's Aphasia is associated with a single pattern of comprehension performance: A reply. **Brain and Language**, [s. l.], v. 76, p. 185-192, 2001.

DUFF, P.; LI, D. The acquisition and use of perfective aspect in Mandarin. In: SALABERRY, R.; SHIRAI, Y. (EDS.). **The L2 [second language] acquisition of tense-aspect morphology**. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p.417-453.

ESZES, B. Aspect and adverb interpretation – the case of quickly. In: KISS, K.E (ed.). **Adverbs and Adverbial Adjuncts at the Interfaces**, Berlim: Mouton de Gruyter, 2009. p. 269-296.

FODOR, J. A. **Representations: Philosophical essays on the foundations of cognitive science**. Cambridge: The MIT Press, 1981.

GRODZINSKY, Y. et al. The critical role of group studies in neuropsychology: Comprehension regularities in Broca's Aphasia. **Brain and Language**, [s. l.], v. 67, p. 134 - 147, 1999.

GUILFOYLLE, E.; NOONAN, M. Functional categories and language acquisition. **Canadian Journal of linguistic/ Revue Canadienne de linguistique**, Cambridge, v. 37, n. 2, p. 241-72, 1992.

GUIMARÃES, P. A. L. **Verbos de estado e morfologia de progressivo: um estudo comparativo entre o português do Brasil e o inglês dos Estados Unidos da América.** 2017. 202 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

HADDAD, N. **Metodologia de estudos em ciências da saúde.** 1st ed. São Paulo: Roca, 2004.

HAEGEMAN, L.; GUÉRON, J. **English Grammar: A Generative Perspective.** Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **World Lexicon of Grammaticalization.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HLIBOWICKA-WEGLARZ, B. As perífrases verbais em português: algumas incompatibilidades semânticas na construção de um valor aspectual. **Studia Roamanica Posnaniensia**, Polônia, v. 31, [s.n.], p. 295-302, 2004.

HOCHMAN, B. et al.. Desenhos de pesquisa. **Acta Cirúrgica Brasileira**, São Paulo, v. 20, 2005.

HYAMS, N. The underspecification of functional categories in early grammar. In: CLAHSEN, H. **Generative perspectives on language acquisition: Empirical Findings, Theoretical Considerations and Crosslinguistic Comparisons.** Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1996. p. 91-128.

IATRIDOU, S.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; IZVORSKI, R. Observations about the form and meaning of the perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. **Perfect Explorations.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 153-205.

ILARI, R.; OLIVEIRA, M.F.; BASSO, R.M. Tense and Aspect: A Survey. In: WETZELS, W.L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (editores). **The Handbook of Portuguese Linguistics.** West Sussex: John Wiley & Sons, 2016. p. 392- 407.

JACOBSEN, T. (1986). ¿Aspect antes que tiempo? Una mirada a la adquisición temprana de l'español. In: MEISEL, J. M. (Ed.), **Adquisición de language/Aquisição da linguagem.** Frankfurt: Vervuert, 1986. p. 97-210.

JENKINS, L. **Biolinguistics: Exploring the biology of language.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

JESUS, J. L. *et al.* O aspecto *perfect* no português do Brasil. **Travessias Interativa**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 511-526, jul.-dez. 2017.

KAYNE, R.S. **Movement and Silence.** Oxford: Oxford University Press, 2005.

KOOPMAN, H.; SPORTICHE, D. The position of subjects. **Lingua**, [s. l.], v. 85, p. 211-258, 1991.

LACA, B. Romance ‘Aspectual’ Periphrases: Eventuality Modification versus ‘Syntactic’ Aspect. In: GUÉRON, J.; LECARME, J. (eds.). **The Syntax of Time**. Cambridge Mass: MIT Press, 2004. p. 425-440.

LACA, B. A note on repetition in Spanish: volver a + VInf, re-prefixation, and adverbs of repetition. 2016. fhal-01372989f

LESSA, A.T.M. **Dissociação entre tempo e aspecto à luz da aquisição de linguagem**. 2015. 168 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

LESSA, A. T. A hipótese da primazia do aspecto e telicidade: um estudo de caso duplo. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 1-15, abr./jun. 2019.

MARTINS, A.L. **Conhecimento linguístico de aspecto no português do Brasil**. 2006. 228f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

MARTINS, A.L. **A desintegração do tempo na demência do tipo Alzheimer**. 2010. 239f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MARTINS, A.L.; MOTA, A.L. Estatividade e morfologia progressiva: uma análise à luz da aquisição do português do Brasil. **Work. Pap. Linguíst.**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 117-135, jan./jul., 2018.

MARTINS, A.L.; RODRIGUES, N.P.S. A hierarquia dos sintagmas de *perfect* universal, experiencial e de resultado: uma análise a partir da aquisição do inglês americano. **Organon**, Florianópolis (no prelo).

MARTINS, A.L.; RODRIGUES, N.P.S.; NESPOLI, J.B. **O aspecto *perfect* no inglês americano**: uma análise à luz da aquisição de linguagem. IX Conferência Linguística e Cognição: Diálogos Imprescindíveis, PUC Minas, 2019.

MCCAWLEY, J. D. Notes on the English Present Perfect. **Australian Journal of Linguistics**, v. 1. p. 81-90. 1981.

MEDEIROS, A.B. Considerações sobre o prefixo *RE-*. **Alfa**, São Paulo, v. 56 n. 2, p. 583-610, 2012.

MEDEIROS, A. B. Eu acabei de escrever o artigo: um estudo sobre ambiguidade em construções com o verbo acabar. **Revista ALFA**, São Paulo, v. 64, 2019.

MEIRELLES, L.L.; CANÇADO, M. Análise semântica do prefixo re- em verbos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, Paraná, v. 13, n. 1, p. 155-180, jan./jun. 2014.

MIRANDA, M.G. **Morfologia e Morfossintaxe da língua Krahô (Família Jê, tronco macro-Jê)**. 2014. 327p. Tese (Doutorado em Linguística). – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Distrito Federal. 2014.

MIRANDA, W.G. **Advérbios de tempo e aspecto no processo de aquisição da linguagem**. 2018. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais. 2018.

MOREIRA, S.G.S; MARTINS, A.L. O aspecto imperfectivo contínuo no presente e suas realizações morfológicas no francês parisiense. **Miguilim (Revista Eletrônica do Netlli)**, [s.l.], v. 8, n. 3, set./dez. 2019.

MONTAGUE, R. 1970. English as a formal language. In: THOMASON, H. (ed). **Formal Philosophy: Selected Papers of Richard Montague**. New Haven: Yale University Press., 1970. p.189-224.

NASCIMENTO, F.S.; RECH, N.F. A natureza do complemento dos verbos aspectuais. **Domínios de linguagem**, Uberlândia, v. 9, n. 3, p. 202-221, jul./set. 2015.

NESPOLI, J.B. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo**. 2018. 178f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2018.

NESPOLI, J.B.; MARTINS, A.L. A representação sintática do aspecto *perfect*: uma análise comparativa entre o português e o italiano. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 60, n. 1, 2018.

NEVES, T. S. . A aquisição do aspecto progressivo no português do Brasil. **XXXIII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural**, UFRJ, 2011.

NOVAES, C. Neuropsychology and linguistic aphasiology: Evidence in favor of case studies. **Brain and Cognition**, [s. l.], v. 55, p. 362-364, 2004.

NOVAES, C.; BRAGA, M. Agrammatic aphasia and aspect. **Brain and Language**, [s. l.], v. 95, n. 1, p. 121-122, 2005.

NOVAES, C.; MARTINS, A.L. Morphological expression of the concept of aspect: data from Brazilian Portuguese. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 221-248, 2017.

OLIVEIRA, J.M. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. 2006. 254f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

PANCHEVA, R. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (Eds.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 277-308.

PAYNE, D. **Aspects of the grammar of Yagua: A typological Perspective (Peru)**. 421f. 1985. Dissertação (mestrado em Linguística) – University of California, Los Angeles, 1985.

PESSÔA, L.S.; MEDEIROS, B.S. As realizações morfológicas do *perfect* associado ao futuro no português do Brasil. **X SIAC**, UFRJ, 2019.

PINKER, S. **Language learnability and language development**. Cambridge: Harvard University Press, 1984. 474p.

PINKER, S. Why the child holded the baby rabbit: a case study in language acquisition. In: GLEITMAN, L.R.; LIBERMAN, M. (eds.). **An Invitation to Cognitive Science: Language**. Cambridge: MIT Press, 1995. p. 107-33.

POLLI, T.C. aspectos da sintaxe de advérbios celerativos e de sua interpretação em forma lógica. **Revista Letras**, Curitiba, n. 58, p. 347-346. jul./dez. 2002.

POLLOCK, J. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, Massachusetes, v. 20, p. 365-424. 1989.

QUADROS, R. O paradigma gerativista e a aquisição de linguagem. IN: QUADROS, R.; FINGER, I. (Orgs.) **Teorias de aquisição da linguagem**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007. p. 25- 48.

RADFORD, A. **Syntactic theory and the acquisition of English syntax: the nature of early child grammars of English**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

RADFORD, A. Small Children's small clauses. **Transactions of the Philological Society Volume**, [s. l.], v. 86, n. 1, p. 1-43, 1988.

RECHIA, I.C. *et al.* Efeitos da prematuridade na aquisição da linguagem e na maturação auditiva: revisão sistemática. **CoDAS**, v. 28, n. 6, p. 843-854, 2016.

RISPOLI, M. J. V., BLOOM, L. Incomplete and continuing: Theoretical issues in the acquisition of tense and aspect. **Journal of Child Language**, v. 12, p. 471-474, 1985.

RIZZI, L. On the Cartography of Syntactic Structures. In: RIZZI, L. **The Structure of CP and IP: The Cartography of Syntactic Structures**. New York: Oxford University Press, 2004.

RODRIGUES, C.S. **Sempre: um estudo de suas interações aspectuais em contexto de pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito**. Florianópolis, 2009. 127f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2009.

RODRIGUES, N.P.S. **Aquisição de perfect no português do Brasil**. Rio de Janeiro, 2019. 137f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

RODRIGUES, N.P.S. Os aspectos terminativo e completivo no português do Brasil: uma análise morfossintática. **XXIV Seminário de Pesquisas Linguísticas em Andamento**, UFRJ, 2019.

RODRIGUES, N.P.S. As realizações morfosintáticas dos aspectos acelerativo e prospectivo no português do Brasil. **XXV Seminário de Pesquisas Linguísticas em Andamento**, UFRJ, 2020.

RODRIGUES, N.P.S.; MARTINS, A.L. A hierarquia dos sintagmas de *perfect* universal, experiencial e de resultado: evidências de dados de aquisição do inglês americano. **LXVIII Seminário do GEL**, [s.l.], 2021.

RODRIGUES, N.P.S.; MARTINS, A.L. NESPOLI, J.B. A representação sintática do aspecto *perfect*: uma análise à luz da aquisição do inglês americano. **IX Conferência Linguística e Cognição: Diálogos Imprescindíveis**, Belo Horizonte, 2019.

ROTHSTEIN, S. **Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008. 453p.

SIGURÐSSON, H. A. Meaningful silence, meaningless sounds. **Linguistic variation yearbook**, v. 4, p. 235-259, 2004.

SILVA, M.C.M. A partícula *up* no inglês americano e o fenômeno de telicidade. **VII SIAC**, UFRJ, 2019.

SILVA, M.C.S.; MARTINS, A.L.; RODRIGUES, N.P.S. Aquisição de aspecto semântico no português do Brasil: as realizações morfológicas em verbos prolongáveis temporalmente e de mudança de estado. **Verebas: Revista de estudos linguísticos**, v. 24, n.1, 2020.

SIMÕES, M. C., STOEL-GAMMON, C. The acquisition of inflections in Portuguese: A study of the development of person markers on verbs. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 6, p. 53-67, 1979.

SMITH, C. The acquisition of time talk: relations between child and adult grammars. **Journal of Child Language**, Cambridge, v.7, p. 263-278, 1980.

SMITH, C. **The Parameter of Aspect**. Dordrecht: Kluwer, 1997.

SMITH, C. S., WEIST, R. M. On the temporal contour of child language: A reply to Rispoli and Bloom. **Journal of Child Language**, v. 14, p. 387-392, 1987.

STAKE, R.E. Case Studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S.(eds). **Handbook of Qualitative Research**. Londres: Sage Publications, 2000.

THRÁINSSON, H. On the (non-)universality of functional categories. In: ABRAHAM, W.; EPSTEIN, S. D.; THRÁINSSON, H.; ZWART C. J. W. (Eds.). **Minimal Ideas: Syntactic studies in the minimalist framework**. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 253-281.

TESCARI NETO, A. **On Verb Movement in Brazilian Portuguese: a cartographic study**. Veneza, 2013. 392f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Università Ca' Foscari di Venezia, Italia, 2013.

TESCARI NETO, A. Por que advérbios altos não são diagnósticos para o movimento do verbo?. **Linguística**, Montevideo, v. 31, n.2, p. 27-46, dezembro 2015.

TESCARI NETO, A. Advérbios e o movimento do verbo. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 3563- 3578 , jan./mar. 2019.

TRAVAGLIA, L.C. A Gramaticalização dos verbos passar e deixar. **Revista da ABRALIN**, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 9-60, jan./jun. 2007.

TRAVAGLIA, L.C. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

TSIMPLI, I.M. On the maturation of functional categories: early child speech. **UCL Working Papers in Linguistics**, Londres, v. 3, p. 123 - 48, 1991.

VAN SCHAAIK, G. Periphrastic tense/aspect/mood. IN: TAYLAN, E.E (ed.). **The Verb in Turkish**. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2001. p.61-96.

VELUPILLAI, V. Verbal Categories. IN: VELUPILLAI, V. (aut.). **An introduction to linguistic typology**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2012. p.193-227.

VENDLER, Z. Verbs and Times. In: VENDLER, Z. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell, 1967. p. 97-121.

VENTURA, M.M. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **Rev SOCERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 383-86, 2007.

VERKUYL, H. **Aspectual composition**: surveying the ingredients. In: UTRECHT PERSPECTIVES ON ASPECT CONFERENCE, 2001. *Proceedings [...]*. [S. l.: s. n.], 2001. p. 201-219.

WAGNER, L. Aspectual influences on early tense comprehension. **J. Child Lang.**, v. 28, p. 661-681, 2001.

WEIST, R. *et al.* The defective tense hypothesis: on the emergence of tense and aspect in child Polish. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 11, n. 2, p. 347-374, 1984.

WEIST, R.M. Tense and Aspect. In: FLETCHER, P.; GARMAN, M. (ed.). **Language acquisition**: Studies in first language development. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1997. p.356-74.

WEXLER, K. The development of inflexion in a biologically based theory of language acquisition. In: RICE, M. L. **Toward a genetics of language**. Mahwah: Lawrence. Erlbaum Assoc., 1996.

WEXLER, K. Very early parameter setting and the unique checking constraint: a new explanation of the optional infinitive stage. **Lingua**, [s. l.], v. 106, p. 23-79, dec.1998.

WIŚNIEWSKA, J. A expressão da iteração pelas perífrases verbais. **Lublin Studies in Modern Language and Literature**, Polônia, v. 29, n. 30, p. 157-171, 2006.

XAVIER, M. F., MATEUS, M. H. M. (1992): **Dicionário de termos linguísticos**. Lisboa: Edições Cosmos, 1992.

YANG, C. **Knowledge and Learning in natural language**. New York: Oxford University Press, 2002.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 a ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXOS

UFRJ - INSTITUTO DE
ESTUDOS E SAÚDE
CONJUNTO DE APROVAÇÃO
ANEXO A: PARECER DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA.
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO / IESC -
UFRJ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AQUISIÇÃO DA CATEGORIA FUNCIONAL ASPECTO À LUZ DA TEORIA CARTOGRÁFICA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Pesquisador: NAYANA PIRES DA SILVA RODRIGUES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 28850720.2.0000.5286

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.014.074

Apresentação do Projeto:

Proposta relativa a uma pesquisa de Doutorado no Programa de Pós-Graduação e Linguística/UFRJ sobre a categoria funcional aspecto. A pesquisa envolverá 40 participantes: 10 crianças em “período crítico de aquisição de linguagem” (“na fase de uma palavra”) e 30 adultos. Prevê gravações de áudios da fala espontânea e semiespontânea das crianças e testes de compreensão com crianças e adultos.

“Os sujeitos [crianças] serão encontrados através de indicações de colegas de trabalho, amigos e familiares da pesquisadora ou de sua orientadora. Após essa indicação, será realizado um primeiro contato com o familiar responsável pela criança e, a partir disso, marcaremos uma reunião com o mesmo. Nessa reunião, discutiremos a metodologia de pesquisa e o TCLE deverá ser lido e assinado.”

“Para testarmos a compreensão dos aspectos estudados nesta pesquisa, realizaremos um teste de relacionamento figura-sentença.

“No teste, serão apresentados três desenhos e uma sentença para a criança e ela terá que

escolher o desenho que representa a frase que lhe fora dita. A sentença dita pela pesquisadora para a criança estará associada a um dos aspectos testados, possuindo um advérbio/expressão adverbial canônico desse aspecto e/ou uma morfologia prototípica veiculadora desse aspecto. Todos os aspectos serão testados durante a aplicação do teste.”

Os desenhos utilizados para o teste serão desenhados e coloridos pela pesquisadora e terão personagens da Turma da Mônica. Esses desenhos serão impressos e apresentados para a criança durante ou no final das gravações de fala espontânea e semiespontânea.”

Em linhas gerais, caracteriza-se como “um estudo de caso múltiplo, de caráter qualitativo e com investigação longitudinal das amostras de fala espontânea e semiespontânea das crianças investigadas dentro de seu período crítico de aquisição do PB, além da análise de dados provenientes de teste de compreensão.”

“Antes de aplicarmos o teste às crianças, pretendemos aplicá-lo, em sua versão com as 20 frases finais, a 30 falantes nativos do PB adultos, entre 18 e 40 anos de idade. Essa etapa metodológica tem como objetivo verificar a eficiência e a clareza do teste. As frases e os desenhos serão apresentados para esses participantes através da plataforma TP, desenvolvido por Rauber, Rato, Kluge e Santos (2012). O TP (Teste/Treinamento de Percepção) é um aplicativo de software gratuito desenvolvido para a realização de experimentos de percepção da fala.”

“Os sujeitos que participarão deste teste serão alunos do curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Eles serão convidados para participar via e-mail ou dentro da sala de aula, com permissão do professor responsável. A aplicação do teste será dentro da própria universidade, em algum local da Faculdade de Letras em que pesquisadora e participante possam ter privacidade e silêncio. Antes que o participante inicie o teste, explicaremos todos os detalhes do próprio teste e éticos e o TCLE deverá ser lido e assinado.”

“Todas as gravações serão transcritas e analisadas, mas somente as realizações morfossintáticas dos aspectos propostos por Cinque (1999) investigados nesta pesquisa serão consideradas para a análise.”

Objetivo da Pesquisa:

“Esta pesquisa tem como objetivo geral contribuir para o entendimento da categoria funcional aspecto.”

“O objetivo específico é investigar como ocorre a realização morfossintática dos traços referentes aos aspectos propostos por Cinque (1999) (...) no processo de aquisição do português do Brasil (doravante PB): “aspecto completivo I, aspecto prospectivo, aspecto aproximativo, aspecto retrospectivo, aspecto perfectivo/imperfectivo, aspecto continuativo, aspecto terminativo, aspecto acelerativo II, aspecto repetitivo I e aspecto repetitivo II.”

A intenção é “acompanhar todo o processo de aquisição das morfologias verbais e dos advérbios/expressões adverbiais veiculadoras dos aspectos investigados.”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A proposta prevê riscos aos participantes, cuidados; não indica benefício direto aos participantes (até pelo fato de a pesquisa envolver crianças muito pequenas), mas apenas contribuição indireta via aprimoramento do conhecimento do processo de aquisição da linguagem.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta revela, em linhas gerais, encaminhamento ético.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios constam da proposta e estão configurados com cuidados metodológicos éticos.

Recomendações:

As recomendações do parecer anterior foram atendidas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1491838.pdf	27/03/2020 15:24:04		Aceito
Outros	TCLEadulto.docx	27/03/2020 15:22:38	NAYANA PIRES DA SILVA RODRIGUES	Aceito
Outros	TCLECRIANCA.docx	27/03/2020 15:22:16	NAYANA PIRES DA SILVA RODRIGUES	Aceito
Outros	comite.docx	27/03/2020 15:21:40	NAYANA PIRES DA SILVA RODRIGUES	Aceito
Outros	TCLECRIANCA.pdf	27/03/2020 15:20:57	NAYANA PIRES DA SILVA RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEADULTO.pdf	27/03/2020 15:11:46	NAYANA PIRES DA SILVA RODRIGUES	Aceito

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	comite.pdf	27/03/2020 15:08:44	NAYANA PIRES DA SILVA RODRIGUES	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	04/02/2020 10:42:32	NAYANA PIRES DA SILVA RODRIGUES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 07 de Maio de 2020

Assinado por:
Jaqueline Teresinha Ferreira
(Coordenador(a))

ANEXO B – SÍMBOLOS ADOTADOS NA TRANSCRIÇÃO DAS FALAS ESPONTÂNEAS E SEMIESPONTÂNEA DOS PARTICIPANTES

Quadro com os símbolos adotados na transcrição, retirado do site <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/>, do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, fundado em 1991 pelo Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	eu me amarro ficar () olhando no espelho
Hipótese do que ouviu	(hipótese)	(hipótese) paramos (num) posto
Truncamento de sílaba e/ou quebra de seqüência	/	não/ sabe que eu não tenho... eh... não foi nem muito intere/ não foi nem muito triste...
Qualquer tipo de pausa	...	não é o que era antigamente... onde a gente não... sabia de nada...
Interrogação	?	sabe o que que é?
Qualquer alongamento	::	ou então no:: congelador
Comentário do transcritor	((comentário))	((minúsculas)) ((riso)) ((pigarro))
Discurso direto	" "	ela "vamos? eu tenho que ir a Petrópolis... você vai comigo? eu "tá bom... vamos..."
Superposição, simultaneidade de vozes	[texto]	I: meu tio também... ele faz quadros... [e isso...] E: [e como é que é?] que... você faz?
Números	por extenso	meia quatro dois... décimo quarto andar...
Nomes comuns estrangeiros	<i>italico</i>	ah:... o <i>mousse</i> é super fácil...
Onomatopéias e siglas	caixa alta	no que eu me joguei pro lado... ela foi pro outro... eu PUFF... bati na árvore... se uma universidade do porte da PUC...
Nomes próprios	iniciais maiúsculas	mas... eu fui a Petrópolis com uma amiga...
Nomes de profissão, cursos em geral	minúsculas	desenho industrial, agronomia, engenharia etc.

Além das convenções, foram adotados como regras os seguintes procedimentos, também disponíveis no site do Grupo de Estudos Discurso & Gramática:

- 1) A fala da pesquisadora foi marcada com os mesmos critérios do informante: fala da pesquisadora – P: entendi ... mas como assim era ... o dia a dia da senhora? [na ...] fala do informante – I: [aí] eu ia pro colé::gio... volta::va ...
- 2) Não se utilizou o ponto de exclamação. Ao invés disso, entre parênteses, foi escrito “sentença exclamativa”
- 4) Foram utilizados fáticos. Exemplos: ah, eh, ahn, uhn.
- 5) Eventualmente, foram combinados sinais. Exemplo: e::... (alongamento e pausa)
- 6) Não se utilizou pausa após interrogação.

APÊNDICES



**UNIVERSIDADE
DO BRASIL**
UFRJ



APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar seu(sua) filho(a), _____, a participar da pesquisa **AQUISIÇÃO DA CATEGORIA FUNCIONAL ASPECTO À LUZ DA TEORIA CARTOGRÁFICA NO PORTUGUÊS DO BRASIL**. Nessa pesquisa, pretendo investigar o processo de aquisição das morfologias verbais e dos advérbios/expressões adverbiais do português falado no Brasil.

Caso você concorde que ele(a) participe, vamos fazer as seguintes atividades com seu(sua) filho(a): gravações de fala e um teste. As gravações serão realizadas dentro de sua própria casa, a cada duas semanas, durante aproximadamente uma hora. O teste também será realizado na sua casa e no mesmo dia da gravação. Nesse teste, a criança deverá escolher qual imagem, dentre três imagens mostradas pela pesquisadora, mais bem representa uma frase que será dita pela pesquisadora. Ao todo, o teste contém de 11 a 31 frases. As imagens serão desenhos com personagens da Turma da Mônica e serão apresentadas à criança em um caderno preparado pela pesquisadora.

Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: invasão de privacidade e possibilidade de constrangimento do(a) menor durante as gravações e teste. Mas, para minimizar esses inconvenientes, a pesquisadora irá intervir o mínimo possível na rotina e nas vontades da criança e fazer gravações somente de áudio.

Ao participar desta pesquisa, o(a) menor não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o processo de aquisição de linguagem, mais especificamente, sobre o processo de aquisição de verbos e advérbios/expressões adverbiais do português. Antes de autorizar que seu(sua) filho(a)

seja participante da pesquisa, você deve perguntá-lo(a) se ele(a) deseja receber a pesquisadora em casa para brincar.

Para participar deste estudo, você ou seu(sua) filho(a) não terão nenhum custo, nem receberão qualquer vantagem financeira. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para permitir ou recusar a participação de seu(sua) filho(a) nesta pesquisa. Mesmo que você permita a participação do(a) menor agora, você pode voltar atrás ou impedir a participação dele(a) a qualquer momento. A participação dele(a) é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade. A pesquisadora não vai divulgar o seu nome ou o nome do seu(sua) filho(a). Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Todos os dados pessoais do participante serão mantidos em sigilo. Vocês não serão identificados em nenhuma publicação que possa resultar desta pesquisa.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você. A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Assinatura da pesquisadora

Declaro que aceito participar da pesquisa.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2020.

Assinatura do participante

Nome da pesquisadora responsável: Nayana Pires da Silva Rodrigues
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Faculdade de Letras/Departamento de Linguística - Programa de Pós-Graduação em Linguística
CEP: 21941-917
Fone: 98692-4149/ E-mail: fono.nayana@gmail.com

APÊNDICE B: PROTÓTIPO DO TESTE DE COMPREENSÃO

Para testarmos a compreensão dos aspectos estudados nesta pesquisa, intencionávamos aplicar um teste de relacionamento figura-sentença às participantes. No teste, seriam apresentados três desenhos e uma sentença para a criança, que deveria escolher o desenho que melhor representasse a sentença que lhe havia sido dita. A sentença produzida estaria associada a um dos aspectos testados, possuindo um advérbio/expressão adverbial canônico desse aspecto e/ou uma morfologia prototípica veiculadora desse aspecto, conforme descrito no capítulo 2 desta tese. Quanto aos desenhos, um corresponde à sentença dita, um contém uma imagem do mesmo personagem em uma situação similar à do desenho alvo e um possui uma imagem distratora. Todos os aspectos seriam testados durante a aplicação do teste. Ao todo, seriam apresentadas de 11 a 31 sentenças à criança por vez.

Os desenhos elaborados para o teste foram feitos e coloridos pela pesquisadora e contêm personagens da Turma da Mônica. Esses desenhos seriam impressos e apresentados para a criança durante ou ao final das gravações de fala espontânea e semiespontânea. Antes da apresentação de cada estímulo experimental, a pesquisadora mostraria para a criança uma imagem do personagem retratado nos desenhos do estímulo que viria na sequência para que a criança pudesse se familiarizar com o personagem em questão. Antes de dar início à aplicação do teste, a criança passaria por uma prática. Nessa prática, nenhum dos aspectos investigados na pesquisa seria testado. Nela, também haveria a apresentação de 3 imagens e de uma sentença relacionada a um dos desenhos, como, por exemplo: “O Chico Bento está comendo goiaba”. A criança deveria apontar para a figura correspondente, da mesma forma que deveria fazer no teste.

A ordem de apresentação das sentenças variaria ao longo das aplicações do teste, uma vez que ele seria aplicado de duas a três vezes para cada criança ao longo da pesquisa.

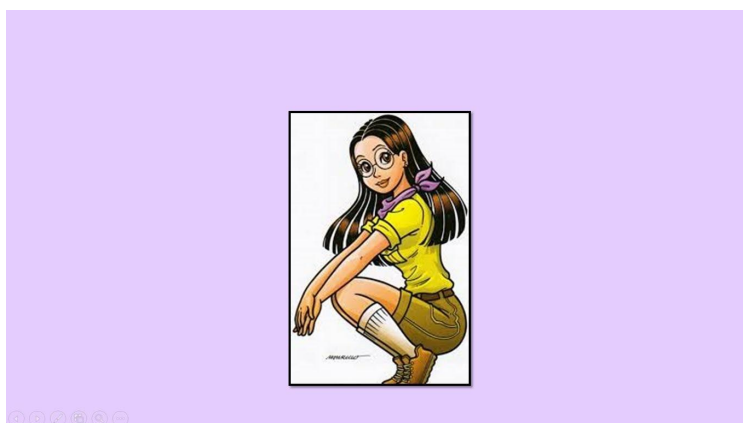
Na primeira aplicação do teste, a criança só seria testada uma vez para cada aspecto, ou seja, ela seria exposta a uma sentença e um conjunto de três imagens por aspecto, além da exposição à sentença e imagens que compõem a prática, totalizando, dessa forma, 11 apresentações de sentenças / imagens. Tal opção devia-se ao fato de reconhecermos que crianças muito pequenas, como as participantes desta pesquisa,

ainda não desenvolveram funções executivas fundamentais, tais como atenção e memória, para que conseguissem participar de uma testagem mais longa que essa. Na segunda aplicação do teste, a criança seria testada de uma vez a três vezes para cada aspecto, conforme a criança se mostrasse disposta a realizar o teste, gerando, desse modo, o máximo de 31 apresentações de sentenças / imagens, já incluindo a prática.

Um exemplo de uma sentença que avalia o aspecto terminativo encontra-se exposto a seguir.

Frase: Tina acabou de tomar um banho.

Imagem de apresentação do personagem



Desenho alvo: personagem Tina enrolada na toalha e com o chuveiro desligado.



Desenho relacionado: personagem Tina embaixo do chuveiro ligado



Desenho distrator: personagem Tina arrumada saindo de casa



Apresentação desse estímulo experimental para a criança

